



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL
CAMPUS PORTO ALEGRE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

ROSANGELA LEAL BJERK

**CAMINHOS TRILHADOS NO CONTEXTO DA EPT:
MEMÓRIAS DE PRÁTICAS COMPARTILHADAS ENTRE O IFRS *CAMPUS*
PORTO ALEGRE E O PARQUE NATURAL MORRO DO OSSO**

Porto Alegre
Outubro de 2024

ROSANGELA LEAL BJERK

**CAMINHOS TRILHADOS NO CONTEXTO DA EPT:
MEMÓRIAS DE PRÁTICAS COMPARTILHADAS ENTRE O IFRS *CAMPUS*
PORTO ALEGRE E O PARQUE NATURAL MORRO DO OSSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo *Campus* Porto Alegre do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Maria Augusta Martiarena de Oliveira

Co-orientadora: Liliane Madruga Prestes

Linha de Pesquisa: Organização e Memórias na EPT

Porto Alegre
Outubro de 2024

Bjerk, Rosangela Leal

Caminhos Trilhados no contexto da EPT: memórias de práticas compartilhadas entre o IFRS Campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso / Rosangela Leal Bjerk – Porto Alegre, 2024.
204 f. : il., color.

Orientadora: Dra. Maria Augusta Martiarena de Oliveira
Coorientadora: Dra. Liliane Madruga Prestes

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Rio Grande do Sul Campus Porto Alegre, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, Porto Alegre, 2024.

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Memória. 3. Espaços Não-Formais. 4. Morro do Osso. I. Oliveira, Maria Augusta Martiarena de. II. Prestes, Liliane Madruga. III. Título.

CDU: 37:004

ROSANGELA LEAL BJERK

**CAMINHOS TRILHADOS NO CONTEXTO DA EPT:
MEMÓRIAS DE PRÁTICAS COMPARTILHADAS ENTRE O IFRS *CAMPUS*
PORTO ALEGRE E O PARQUE NATURAL MORRO DO OSSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo *Campus* Porto Alegre do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Maria Augusta Martiarena de Oliveira
Co-orientadora: Liliane Madruga Prestes

Linha de Pesquisa: Organização e Memórias na EPT

Aprovado em 18 de outubro de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Augusta Martiarena de Oliveira
Instituto Federal do Rio Grande do Sul – *Campus* Osório
Orientadora

Prof. Dr. Sérgio Wesner Viana
Instituto Federal do Rio Grande do Sul – *Campus* Porto Alegre

Profa. Dra. Valesca Brasil Costa
Universidade Federal de Pelotas

ROSANGELA LEAL BJERK

**CAMINHOS TRILHADOS NO CONTEXTO DA EPT:
MEMÓRIAS DE PRÁTICAS COMPARTILHADAS ENTRE O IFRS *CAMPUS*
PORTO ALEGRE E O PARQUE NATURAL MORRO DO OSSO**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.
Linha de Pesquisa: Organização e Memórias na EPT

Validado em 18 de outubro de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Augusta Martiarena de Oliveira
Instituto Federal do Rio Grande do Sul – *Campus* Osório
Orientadora

Prof. Dr. Sérgio Wesner Viana
Instituto Federal do Rio Grande do Sul – *Campus* Porto Alegre

Profa. Dra. Valesca Brasil Costa
Universidade Federal de Pelotas

Gostaria de dedicar este trabalho a quatro mulheres fortes:

À minha mãe, Celda Maria Aires Lopes, uma mulher pioneira e corajosa, que esteve à frente do seu tempo. Uma pessoa que jamais deixa a “peteca cair” e que costuma lidar com os problemas com muito humor e sempre com um lindo sorriso no rosto.

Minha musa inspiradora!

À minha madrinha, Orocilda Gomes (*in memoriam*), minha segunda mãe, que deve estar muito feliz pela minha conquista. Ela, apesar de muitas vezes não compreender as minhas escolhas, as aceitava e me dizia, com um sorriso:

“Ah, então seja feliz!”

Jamais esquecerei do teu colo e do teu guisadinho com abóbora!

À Sra. Joyce Therezinha da Silveira Loss, que batalhou incansavelmente durante décadas para que o Parque Natural Morro do Osso fosse preservado e que, no auge de seus 89 anos, me recebeu de forma generosa (inclusive com broinhas), contribuindo de forma imprescindível para a realização deste trabalho.

Gratidão!

Ao amor da minha vida, Adriana Ramos, que participou de quase todas as etapas deste estudo, gravando as entrevistas, editando o documentário, formatando a dissertação e ainda segurando a minha ansiedade na hora do desespero.

Obrigada pela parceria incondicional!

AGRADECIMENTOS

“Costumo dizer que sou abençoada por ser cercada de anjos”

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus pais, Celda e Selenio, que foram fundamentais para a essência do que sou. Ambos nascidos na década de 1930 e órfãos de pai, ainda quando crianças, se viram obrigados a trabalhar para ajudar no sustento da família. Tendo passado por essa vivência eles não mediram esforços para que os seus filhos estudassem e não tivessem a mesma experiência.

Agradeço ao prof. Siqueira, meu grande Mestre profissional e pessoal, que me reafirmava o que eu já intuía: que as aprendizagens residem em todas as relações que construímos. Ele dizia: “elas vão desde a interação com os porteiros da Instituição até as apreendidas dentro da sala de aula com os especialistas”.

Agradeço a todos(as) colegas da Gerência de Laboratório por assumirem as minhas atividades, permitindo que eu me afastasse para estudar; da Biblioteca e das Direções de Pesquisa e Extensão do *Campus*, que me deram todo suporte; das Ciências Ambientais - colegas/ amigos - que me incentivaram e me apoiaram neste desafio. Em especial ao Celson, que plantou em mim esse amor pelo PNMO.

A todos(as) profs/as do ProfEPT que me ajudaram a compreender a minha própria história. Às minhas orientadoras incríveis, Lili e Guta, por me conduzirem ao mesmo tempo que me davam autonomia e protagonismo neste trabalho. Aos meus colegas do mestrado que com toda sua diversidade, tornaram o processo mais leve.

Agradeço ao Ricardo, meu parceiro e amigo, que mesmo não sendo “IFIANO” colaborou e colabora sensivelmente em várias atividades da/na nossa Instituição.

Aos meus filhos biológicos (Aline e Tauã) e de coração (Flávia) que souberam compreender a minha ausência ao longo destes anos em que precisei me dividir entre o trabalho, a minha formação e o cuidado com eles. A minha companheira, Adriana que participou e me apoiou, em “todas as empreitadas” que me propus a realizar ao longo destes 24 anos de convivência, incluindo este estudo. Ela foi e é imprescindível na minha trajetória e na minha vida. Amo vocês infinitamente!

Ao meu amigo Casinho, por fazer a correção ortográfica em tempo recorde!

A todos os sujeitos que participaram desta pesquisa, destinando um tempo precioso das suas vidas, para colaborar de forma generosa com este trabalho!

Por fim dizer que se cheguei até aqui, foi graças à **educação pública, gratuita e de qualidade**, que foi capaz de me transformar. Gratidão é a palavra!

Quando a atitude de viver é uma extensão do coração
É muito mais que um prazer, é toda carga da emoção
Que era o encontro com o sonho, que só pintava no horizonte
E, de repente, diz presente, sorri e beija a nossa fronte
E abraça e arrebatava a gente, é bom dizer, viver valeu!

Ah, já não é nem mais alegria, já não é nem felicidade
É tudo aquilo num sol riso, é tudo aquilo que é preciso
É tudo aquilo o paraíso, não há palavra que explique
É só dizer viver, valeu

Ah, eu me ofereço esse momento
Que não tem paga e nem tem preço
Essa magia eu reconheço, aqui está a minha sorte
Me descobrir tão fraco e forte, me descobrir tão sal e doce
E o que era amargo acabou-se é bom dizer viver, valeu
É bem dizer amar, valeu!

(Luiz Gonzaga júnior, 1982)

RESUMO

A lei federal 11.892 de 29 de dezembro de 2008 instituiu a Rede Federal de Educação Científica e Tecnológica e criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Esta rede de ensino, voltada para a educação profissional e tecnológica, traz em sua essência a visão de formação integral do estudante alicerçada nos pilares do ensino, da pesquisa e da extensão. O IFRS - *Campus* Porto Alegre, desde sua criação em 2009, tem uma parceria bastante consolidada com a Unidade de Conservação (UC), Parque Natural Morro do Osso (PNMO), construída através de ações nestes três pilares de forma integrada. O presente trabalho está vinculado ao Mestrado Profissional e Tecnológico (ProfEPT), dentro da linha de Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), macroprojeto 04 - que estuda as memórias e história da EPT. Teve como objetivo principal investigar como se deu a trajetória histórica da parceria entre o IFRS - *Campus* Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso, através das atividades de ensino, de pesquisa e de extensão desenvolvidas. Visamos desta forma, preservar as memórias institucionais advindas destas práticas, realizadas em espaços não formais de EPT, em especial o PNMO. Trata-se de uma pesquisa de cunho histórico, de natureza qualitativa e exploratória com relação aos seus objetivos. Foram utilizados, como procedimentos metodológicos para coleta de dados, a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a história oral (narrativas). Neste sentido, para atingir os objetivos da pesquisa, realizou-se a análise documental das ações produzidas e posterior seleção dos atores entrevistados. As pessoas pesquisadas foram escolhidas conforme critérios descritos na metodologia, estando entre elas o conjunto de atores envolvidos nestas atividades no âmbito do IFRS - *Campus* Porto Alegre, como servidores e alunos bolsistas e voluntários, gestores e servidores do PNMO, bem como os egressos participantes de cursos de extensão (condutores ambientais). Também foi entrevistada a Sra. Joyce Loss, moradora do entorno do Parque e que teve uma atuação muito relevante para o processo de criação e implantação do PNMO. Além da dissertação, foi desenvolvido como produto educacional um documentário, construído a partir das narrativas dos sujeitos da pesquisa e dos dados coletados na análise documental. Tal mídia será disponibilizada, com acesso público e gratuito, no observatório do ProfEPT e do EduCapes, assim como no sítio do Núcleo de Memória (NuMem) do IFRS. Também será postada nas redes sociais do IFRS e do PNMO. Além de divulgar estas ações, buscamos inspirar o registro de outras no Núcleo de Memória do IFRS - *Campus* Porto Alegre, auxiliando no seu objetivo de organizar a memória de forma coletiva e preservar a história da instituição e de suas comunidades de abrangência, colaborando com o compromisso estratégico de composição da identidade e da estabilidade institucional.

Palavras-Chave: Educação Profissional e Tecnológica. Memória. Espaço não formal de Educação. Parque Natural Morro do Osso. IFRS - *Campus* Porto Alegre.

ABSTRACT

The Federal Law 11,892, dated December 29, 2008, established the Federal Network of Scientific and Technological Education and created the Federal Institutes of Education, Science, and Technology. This network, focused on professional and technological education, is fundamentally rooted in a vision of comprehensive student development based on the pillars of teaching, research, and extension. Since its establishment in 2009, the IFRS - Porto Alegre Campus has maintained a strong partnership with the Conservation Unit (CU), Morro do Osso Natural Park (PNMO), developed through integrated actions across these three pillars. The present work is part of the Professional and Technological Master's Program (ProfEPT), within the line of Organization and Memories of Pedagogical Spaces in Professional and Technological Education (EPT), macroproject 04 - which studies the memories and history of EPT. The primary objective of this study was to investigate the historical trajectory of the partnership between IFRS - Porto Alegre Campus and the Morro do Osso Natural Park, through the teaching, research, and extension activities carried out. Thus, we aim to preserve the institutional memories arising from these practices conducted in non-formal EPT spaces, particularly within the PNMO. This is historical research, qualitative in nature, and exploratory in terms of its objectives. The methodological procedures for data collection included bibliographic research, documentary research, and oral history (narratives). In this context, to achieve the research objectives, a documentary analysis of the produced actions was carried out, followed by the selection of interviewees. The subjects were chosen based on criteria described in the methodology, including a group of actors involved in these activities at the IFRS - Porto Alegre Campus, such as staff and scholarship students, volunteers, managers, and employees of PNMO, as well as alumni who participated in extension courses (environmental guides). Mrs. Joyce Loss, a resident of the area surrounding the park, who played a significant role in the creation and implementation of PNMO, was also interviewed. In addition to the thesis, an educational product was developed in the form of a documentary, constructed from the narratives of the research subjects and the data collected through documentary analysis. This media will be made publicly available, free of charge, on the ProfEPT and EduCapes observatories, as well as on the IFRS Memory Center (NuMem) website. It will also be shared on the social media platforms of IFRS and PNMO. In addition to disseminating these actions, we aim to inspire the recording of other actions at the IFRS Memory Center - Porto Alegre Campus, supporting its goal of organizing memory collectively and preserving the history of the institution and its surrounding communities, contributing to the strategic commitment of shaping institutional identity and stability.

Keywords: Professional and Technological Education. Memory. Non-formal Educational Space. Morro do Osso Natural Park. IFRS - Porto Alegre Campus.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: As escolhas metodológicas da pesquisa	63
Figura 2: Descrição dos sujeitos da pesquisa	65
Figura 3: Etapas de participação dos Sujeitos da Pesquisa	67
Figura 4: Apresentação dos sujeitos do Grupo 1	68
Figura 5: Apresentação dos sujeitos dos Grupos 2 e 3	69
Figura 6: Ações desenvolvidas no Parque Natural Morro do Osso - Parte 1	73
Figura 7: Ações desenvolvidas no Parque Natural Morro do Osso - Parte 2	74
Figura 10: Miniatura do Episódio 1 - O Parque Natural Morro do Osso: um pouco de sua história.	103
Figura 11: Miniatura do Episódio 2 - A Sinergia entre o IFRS Campus Porto Alegre e o PNMO.	104
Figura 13: Respostas relativas à Estética do Documentário	107
Figura 14: Respostas relativas ao Roteiro do Documentário	108
Figura 15: Respostas relativas ao Conteúdo dos três Episódios	109
Figura 16: Respostas relativas à Linguagem e Acessibilidade do Documentário	111

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGAPAN	Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural
APACA	Associação Porto-alegrense de Condutores Ambientais
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COA-POA	Clube de Observadores de Aves de Porto Alegre
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CPDMO	Comissão Permanente de Defesa do Morro do Osso
EAFs	Escolas Agrotécnicas Federais
ENCEA	Estratégia Nacional de Comunicação e Educação Ambiental
EPT	Educação Profissional e Tecnológica
ETFPEL	Escola Técnica Federal de Pelotas
ETFs	Escolas Técnicas Federais
FFFCMPA	Fundação Faculdade de Ciências Médicas de Porto Alegre
FHC	Fernando Henrique Cardoso
GAUPUC	Grupo de Apoio ao Uso Público em Unidades de Conservação
IFAM	Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas
IFES	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo
IFF	Instituto Federal Fluminense
IFPE	Instituto Federal de Pernambuco
IFRJ	Instituto Federal do Rio de Janeiro
IFRS	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
IFs	Institutos Federais
IFSUL	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense
IPA	Centro Universitário Metodista IPA
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LCN	Licenciatura em Ciências da Natureza
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LIBRAS	Linguagem Brasileira de Sinais
MINTER	Ministério do Interior
NAPNE	Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas
NIESA	Núcleo Interdisciplinar de Estudos Ambientais
NuMem	Núcleo de Memória
ONG	Organização não Governamental
OP	Orçamento Participativo
OPAP	Observatório de Áreas Protegidas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PEAMA	Polo de Educação Ambiental da Mata Atlântica
PET	Programa de Educação Tutorial
PNMO	Parque Natural Morro do Osso
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

ProfEPT	Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RDSEPT	Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Ponta do Tubarão
SEMA	Secretaria Especial do Meio Ambiente
SENAC	Serviço Nacional do Comércio
SENAI	Serviço Nacional da Indústria
SGA	Superior em Gestão Ambiental
SIGProj	Sistema de Informação e Gestão de Projetos
SMAM	Secretaria Municipal do Meio Ambiente e da Sustentabilidade de Porto Alegre
SMAMUS	Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade de Porto Alegre
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDC	Texto de Divulgação Científica
UC	Unidade de Conservação
UFCSPA	Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRRJ	Universidade Federal rural do Rio de Janeiro
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UP	Uso Público

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO	25
2.1 REVISÃO DE LITERATURA	25
2.2 APROXIMAÇÃO ENTRE O OBJETO DE ESTUDO E AS BASES CONCEITUAIS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA	33
2.2.1 Trabalho como Processo Educativo	33
2.2.2 Dualidade Estrutural na Educação – um Breve Relato.....	34
2.2.3 Educação – Trabalho e Capitalismo	36
2.2.4 Educação Profissional e Tecnológica no Contexto Brasileiro: Breve Retrospectiva	39
2.3 O IFRS, PNMO, CONEXÕES E MEMÓRIA	45
2.3.1 Um Pouco Sobre o Parque e o Contexto de sua Implantação	47
2.3.2 Conexões	55
2.3.3 Memória	57
3 METODOLOGIA	59
3.1 AS FONTES DA PESQUISA	59
3.1.1 A Pesquisa Documental.....	60
3.1.2 A História Oral.....	61
3.2 UNIVERSO E AMOSTRA	63
3.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA	64
3.4 DOCUMENTÁRIO	70
4 ANÁLISE DOS DADOS	72
4.1 ANÁLISE DOCUMENTAL	72
4.1.1 Trabalhos Desenvolvidos.....	72
4.2 HISTÓRIA ORAL (NARRATIVAS)	79
5 PRODUTO EDUCACIONAL	94
5.1 A CONSTRUÇÃO	95

5.1.1 Tecendo a Teia	100
5.2 A AVALIAÇÃO.....	105
5.3 A ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO DE	
AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	106
5.3.1 Questões relacionadas à Estética do Documentário	107
5.3.2 Questões relativas ao Roteiro do Documentário	108
5.3.3 Questões referentes ao Conteúdo dos três Episódios.....	109
5.3.4 Questões referentes à linguagem e acessibilidade do documentário	110
5.3.5 Comentários.....	111
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS.....	118
APÊNDICE 1 – PRODUTO EDUCACIONAL	124
APÊNDICE 2 – MODELO DOS TCLE	135
APÊNDICE 3 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS GRUPO 1A	137
APÊNDICE 4 - ROTEIRO DE ENTREVISTA DO GRUPO 1B.....	139
APÊNDICE 5 - ROTEIRO DE ENTREVISTA DO GRUPO 2A.....	141
APÊNDICE 6 - ROTEIRO DE ENTREVISTA DO GRUPO 2B.....	143
APÊNDICE 7 - ROTEIRO DE ENTREVISTA DO GRUPO 3.....	145
APÊNDICE 8 - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PE.....	147
APÊNDICE 9 - QUADRO DO "ESTADO DA ARTE" DA PESQUISA.....	151
APÊNDICE 10 - QUADRO DE AÇÕES REALIZADAS NO PNMO.....	154
APÊNDICE 11 - ROTEIRO SIMPLIFICADO DOCUMENTÁRIO - EP1.....	163
APÊNDICE 12 - ROTEIRO SIMPLIFICADO DOCUMENTÁRIO EP2.....	178
APÊNDICE 13 - ROTEIRO SIMPLIFICADO DOCUMENTÁRIO EP3.....	191

1 INTRODUÇÃO

A Lei Federal nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, instituiu a Rede Federal de Educação Científica e Tecnológica e criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, Brasil (2008). Esta rede de ensino voltada para a educação profissional e tecnológica, traz em sua essência a visão de formação integral do estudante e em seu artigo 2º define:

Os Institutos Federais são instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas (Brasil, 2008, p.1).

Esta formação está alicerçada nos pilares do ensino, da pesquisa e da extensão. Uma educação que busca romper com a dualidade estrutural, imposta pelo mercado, que segue a lógica capitalista na qual o filho do trabalhador teria acesso apenas ao ensino técnico específico, para exercer determinadas funções e o filho das classes dominantes teria um ensino de caráter integral contemplando a esfera intelectual, das artes e da filosofia.

O Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) conta com 17 campi espalhados pelo estado e se propõe a fornecer ensino humanizado, crítico e cidadão tendo como missão, segundo o seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2019-2023:

(...) ofertar educação profissional, científica e tecnológica, inclusiva, pública, gratuita e de qualidade, promovendo a formação integral de cidadãos para enfrentar e superar desigualdades sociais, econômicas, culturais e ambientais, garantindo a Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e em consonância com potencialidades e vocações territoriais. (PDI-IFRS, 2018).

Considerando tais especificidades dos institutos federais e, em particular, do IFRS, este estudo foi desenvolvido no *Campus* Porto Alegre, atualmente localizado no Centro Histórico da capital. Foi criado em 1909 como Escola do Comércio de Porto Alegre e teve o início de suas atividades em 1910¹.

¹ Dados extraídos do site institucional. Disponível em: <https://www.poa.ifrs.edu.br/index.php/institucional-sobre-o-campus>. Acessado em mar.2023

A história deste *Campus* foi marcada por várias mudanças que fizeram com que essa instituição fosse se modificando e tornando-se mais abrangente em termos de cursos ofertados e concepções de ensino, até que ela se transformasse na Escola Técnica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Na sessão que trata do Referencial Teórico, trazemos um pouco mais sobre esta trajetória.

No ano de 2008, a Educação Profissional e Tecnológica passou por uma profunda transformação, através da lei citada acima, e a Escola Técnica da UFRGS integrou-se a esta rede, fazendo parte do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), como um de seus 17 campi, o *Campus* Porto Alegre. Atualmente, o *Campus* Porto Alegre conta com 12 cursos técnicos subsequentes, 4 cursos superiores, 1 curso técnico integrado PROEJA e 4 cursos de pós-graduação.

Desde o ano de 2012, sou servidora deste *Campus* Porto Alegre, lotada na Gerência de Laboratório, exercendo diversas atividades na área de ensino, pesquisa e extensão, em especial, atendendo a área de Ciências Ambientais. Contudo, minha vinculação com a educação profissional ofertada pela Rede Federal de Educação Profissional teve início anteriormente. Sou egressa do Curso Técnico em Química, ofertada pela antiga Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL) que, a partir de 2009, passou a integrar o IFSUL - *Campus* Pelotas.

Através da formação recebida nesta Instituição, participei de um concurso público e, no ano de 1996, iniciei minha caminhada enquanto servidora federal, assumindo o cargo de técnica em laboratório na então Fundação Faculdade de Ciências Médicas de Porto Alegre (FFFCMPA), hoje Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Na sequência, concluí a graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas pela UFRGS e a pós-graduação *lato sensu* de especialista em Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável pela Unyleya.

Durante a graduação, tive a oportunidade de direcionar minha formação para a área de Educação Ambiental e realizei meu estágio supervisionado, de final de curso, em uma comunidade em vulnerabilidade social, que residia em um dique de contenção do Rio Jacuí, na cidade de Canoas (local onde hoje passa a rodovia do Parque - BR 448). Pude vivenciar naquele momento, a dualidade estrutural imposta pela sociedade capitalista, ali representados por sócios do Clube Náutico da região, e a comunidade que residia na encosta do Rio.

Os primeiros observavam uma comunidade que descartava “seus lixos” dentro do rio, dificultando o trajeto dos barcos e lanchas de passeio pelo Delta do Jacuí. Os mesmos não se sensibilizavam com as condições precárias em que viviam os moradores daquela comunidade.

Aquela comunidade lutava para sobreviver juntando resíduos de residências próximas e os separavam, de forma desordenada, para alimentar os porcos que transitavam soltos pela rua. O que sobrava desses resíduos eram depositados à beira do Rio Jacuí. Essa comunidade não tinha água encanada, nem saneamento e o caminhão de coleta de resíduos não entrava na sua rua. Muitos moradores já haviam tido leptospirose², além de outras doenças relacionadas às condições precárias em que viviam. Porém, a única coisa que incomodava os navegadores era o “lixo” preso em seus motores.

Essa realidade nos impactou bastante; éramos um grupo de seis alunos e conseguimos convencer o professor orientador, a nos permitir fazer nosso trabalho de estágio supervisionado, que deveria acontecer em uma escola, em um espaço formal, com aquele coletivo. Transformamos nosso estágio em um projeto de extensão e, naquele momento, nem sabíamos o que era “essa tal extensão”, só sei que essa experiência foi um divisor de águas para todos nós. Tal proposta desenvolvida incluiu várias idas e vindas até a Vila Dique do Areal para nos conhecermos e juntos construirmos as oficinas que trabalhamos a partir das suas demandas mais urgentes. Sendo elas, segundo os moradores, discussões sobre saúde relacionadas com o ambiente onde viviam, reaproveitamento de alimentos, plantas comestíveis não convencionais, hortas de forma segura, cooperativas de trabalho, entre outros. Construimos junto com os moradores o “Reciclando Vida no Areal”, que, muito além de um conjunto de oficinas e discussões, foi a construção de fortes vínculos entre todos os envolvidos.

² A leptospirose é uma doença infecciosa febril aguda que é transmitida a partir da exposição direta ou indireta à urina de animais (principalmente ratos) infectados pela bactéria *Leptospira*. Fonte: Ministério da Saúde. Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/l/leptospirose> Acesso em mar.2023

Aprendemos muito mais do que poderíamos “ter levado de conhecimento” para aquela comunidade. Naquele momento, descobri que havia diversas possibilidades de trabalhar Educação Ambiental. De compreender melhor o ambiente em que vivemos, de forma a torná-lo mais equilibrado e saudável. Ter uma leitura do contexto, uma leitura de mundo e não de letras, como diria Freire. A possibilidade transformadora que um trabalho de extensão pode ter, tanto para os alunos envolvidos no projeto como para as comunidades mais vulneráveis e que muitas vezes são culpabilizados por crises ambientais, quando na realidade são as grandes vítimas deste contexto.

Como citei anteriormente, durante o período da graduação, eu já trabalhava na antiga Fundação Faculdade de Ciências Médicas de Porto Alegre (FFFCMPA³) no laboratório de Bioquímica, gostava muito do que fazia - sempre gostei muito da área de saúde -, mas essa experiência na Vila Dique do Areal me deixou muito inquieta, e onde eu estava não havia a possibilidade de continuar trabalhando na área ambiental e com projetos de extensão. Em 2012 surgiu a oportunidade de pedir minha transferência para o IFRS *Campus* Porto Alegre para trabalhar nos laboratórios das Ciências Ambientais. Onde atualmente estou em exercício.

Desde que cheguei ao *Campus* Porto Alegre do IFRS, venho desenvolvendo vários projetos de ensino, de pesquisa e sobretudo de extensão, abordando a temática Ambiental, Unidades de Conservação (UC) e seu Uso Público (UP). O uso público em unidades de conservação é utilizado como uma importante estratégia para proteção e manutenção desses ambientes⁴, com a compreensão de que ao conhecê-lo e tendo um sentimento de identidade e pertencimento, estas pessoas teriam mais motivação para protegê-los e mantê-los. Logo que ingressei no *Campus* Porto Alegre, fui convidada a participar de um projeto de extensão que se chamava Navegando no @ambiente - Conservação do Parque Natural Morro do Osso através da

³ Criada desde 1961, a partir de 11 de janeiro de 2008, a Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre tornou-se Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Disponível em <https://ufcspa.edu.br/sobre-a-ufcspa/quem-somos/nossa-historia>. Acesso em out./2024.

⁴ O uso público é utilizado como ferramenta de conservação e maximizar os impactos positivos do turismo, em especial a geração de negócios, o fortalecimento da aproximação com a sociedade e o desenvolvimento regional.

Disponível

em

https://www.icmbio.gov.br/parnasaojoaquim/images/stories/ORIENTACOES_PUP_ICMBIO.pdf

Acesso em outubro de 2024.

educomunicação. Era um projeto que tinha como objetivo aproximar estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Monte Cristo ao Parque Natural Morro do Osso (PNMO), que fica nas proximidades da escola.

Dentro das atividades que destacaram temas ambientais e de cidadania os alunos tiveram a oportunidade de conhecer essa UC e fazer uma trilha ecológica e, como proposta final da atividade, os alunos compuseram uma canção, o Rap pro Bugio e criaram um vídeo sobre o PNMO. Foi meu primeiro contato com o Parque, apesar de morar no seu entorno.

O PNMO é um parque urbano, que fica na zona sul da cidade de Porto Alegre, sendo quase uma ilha natural, rodeada pela urbanização. A criação do Parque é resultado de uma demanda da própria população do entorno e de ambientalistas que, no início de 1980, realizaram diversos atos públicos, reivindicando que esta área se tornasse um Parque, já que o Plano Diretor da cidade de 1979 já reconhecia este espaço como uma “área de preservação ecológica”.

A luta pela manutenção e preservação desta UC é constante, pois está localizada em uma região nobre da cidade e sofre grande pressão pelo setor imobiliário e também pelas invasões. Quando da criação do Parque houve desapropriações e até hoje muitos desses proprietários ainda não foram indenizados. O Parque, além de ser uma área de grande beleza paisagística em toda sua extensão e de ter em seu platô uma das visões mais privilegiadas da cidade, do Guaíba e do Delta do Jacuí, esta área guarda resquícios de Mata Atlântica e do Bioma Pampa e uma infinidade de espécies animais e vegetais nativas e de grande importância do ponto de vista ecológico e cultural.

A Lei Federal nº 9.995, de julho de 2000, Brasil (2000) criou o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), que tem a prerrogativa de estabelecer critérios e normas para a criação, implantação e gestão das UCs, independentemente de sua esfera ou categoria. Este documento trata de alguns conceitos e diretrizes, além de outros temas relacionados à organização e às regras para estes sistemas. No seu capítulo III, ele categoriza as UCs, de acordo com suas especificidades, existindo regras para a sua utilização, de forma mais ou menos restritiva, a depender da categoria que essa UC se enquadra.

O PNMO está categorizado dentro deste sistema, como uma UC de proteção integral, e na subcategorização como Parque Nacional, sendo chamado Parque Natural por fazer parte da esfera municipal. Seus objetivos e usos estão no Art. 11 do SNUC:

O Parque Nacional tem como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico (Brasil, 2000).

Levando em consideração o que está contido no SNUC, as UCs devem construir o seu Plano de Manejo. Este documento é de extrema importância para a gestão de uma UC, pois traz um estudo aprofundado sobre vários aspectos históricos, culturais, geológicos, biológicos, etc., servindo como ferramenta para que seja possível a conservação e manejo de toda a área. Este estudo e posterior documento é feito a várias mãos, pois é um trabalho multidisciplinar. O Plano de Manejo do PNMO é chamado Plano de Manejo Participativo, pois envolveu um grande grupo de pesquisadores, ambientalistas, moradores do entorno, várias instituições de ensino, representantes indígenas, a gestão e os demais trabalhadores do Parque. Nele ficaram definidas as áreas de acesso livre aos visitantes, as áreas que só podem ser visitadas com condução - trilhas interpretativas utilizadas em atividades de Educação Ambiental - e áreas que são ainda mais restritas utilizadas apenas para pesquisa.

O Parque recebe visitas de grupos, principalmente de escolas durante o ano todo e atualmente quem guia nas trilhas são os servidores do parque, o que dificulta bastante a logística para a visita, tendo em vista que esses profissionais, que hoje estão em número reduzido, ainda acumulam outras atividades relativas à manutenção, à segurança e ao manejo desses espaços.

O *Campus* Porto Alegre tem uma parceria de longa data com o Parque Natural Morro do Osso que oportuniza a realização de diversas atividades de ensino, pesquisa e extensão aos nossos discentes. Essas atividades passam por questões mais técnicas dentro de disciplinas de alguns cursos, ou projetos de extensão e pesquisa que se entrelaçam, como estudos sobre o perfil dos visitantes; estudos sobre o impacto das visitas nas trilhas para delimitar o número de visitantes, a fim de minimizar os impactos causados por essa atividade; a criação de trilhas interpretativas

específicas para atividades com crianças, entre outras. Tais ações têm um grande potencial de contribuir tanto para a formação integral e profissional dos nossos alunos, como para o fazer dos trabalhadores do parque e egressos dos cursos de Condutores Ambientais Locais e Condutores Ambientais⁵ realizados neste *Campus*, e que atualmente se organizam através de uma associação, a APACA (Associação Portoalegrense de Condutores Ambientais). Este coletivo foi criado em busca da geração de renda através da condução em trilhas interpretativas em UCs.

Esta pesquisa está vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) - Mestrado Profissional de Educação Profissional e Tecnológica, sendo desenvolvido na linha de Organização e Memórias da EPT, no macroprojeto 04 que estuda as memórias e história da EPT e buscou mapear estas ações, organizá-las e divulgá-las, preservando a memória desta parceria. Conta com a orientação da prof^a Maria Augusta Martiarena de Oliveira e co-orientação da prof^a Liliane Madruga Prestes.

Visou ampliar os estudos sobre organização e memórias da educação profissional, a partir das práticas desenvolvidas pelo IFRS - *Campus* Porto Alegre com as comunidades nas quais está inserido, em especial, com a unidade de conservação Parque Natural Morro do Osso, situada na zona sul de Porto Alegre. A escolha de tal temática partiu das vivências e reflexões enquanto trabalhadora que atua no contexto da educação profissional. Tais experiências no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão na EPT, demonstram que conhecer a realidade requer o exercício de “descobrir”, ou seja, implica na imersão e escuta das memórias individuais e coletivas dos que a constituem.

Logo, a vivência com as comunidades demonstra o quanto o diálogo nos permite apreender os sentidos e percepções construídas coletivamente e que, muitas vezes, acabam sendo ignoradas e/ou silenciadas. Diante disso, o estudo partiu da necessidade de potencializarmos a escuta dos sujeitos, que integram o contexto pesquisado, buscando preservar essas memórias para que possamos desenvolver ações pautadas no atendimento de demandas, bem como valorizando iniciativas que

⁵ Estes cursos foram realizados através do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC).

possam inspirar outras, em especial, no âmbito da EPT. Tratou-se de uma pesquisa de cunho histórico, de natureza qualitativa, exploratória com relação aos seus objetivos. Utilizou-se como procedimentos técnicos para coleta de dados a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a história oral.

Teve, como objetivo principal, investigar como se deu a trajetória histórica da parceria entre o IFRS-*Campus* Porto Alegre e o PNMO, desenvolvida no tripé do ensino, da pesquisa e da extensão. Visou preservar as memórias institucionais, partindo das atividades realizadas neste espaço não formal de educação, onde a EPT esteve presente.

Para tanto, apuramos quais ações foram desenvolvidas pelo IFRS - *Campus* Porto Alegre em parceria com o PNMO, desde a implantação do *Campus* Porto Alegre em 2009 até julho de 2023, assim como os seus desdobramentos. Catalogamos estas atividades a partir do levantamento de registros disponibilizados nos repositórios institucionais. Realizamos a escuta de sujeitos que participaram destas ações, questionando-os sobre a relevância destas práticas para a sua formação pessoal e profissional. Por fim, sistematizamos os dados produzidos em um produto educacional, no formato de um documentário, composto por três episódios, onde tecemos os dados levantados na Análise Documental e na História Oral. Tal mídia, será disponibilizada, com acesso público e gratuito, no observatório do ProfEPT, e do EduCapes, assim como no Núcleo de Memória (NuMem) do IFRS – *Campus* Porto Alegre. Também será postada nas redes sociais do IFRS e do PNMO. Buscamos desta forma, promover a visibilidade das ações desenvolvidas neste espaço não formal da EPT, com o intuito de incentivar a divulgação das memórias de outras ações, bem como inspirar outras práticas no Parque.

A presente dissertação conta com mais cinco capítulos, além deste introdutório, que serão brevemente descritos a partir de agora. O capítulo do Referencial Teórico está dividido em duas partes: a primeira sistematiza onze estudos relacionados com o tema da pesquisa; a segunda traz a fundamentação a respeito de categorias relevantes para o estudo, como trabalho como processo educativo; dualidade estrutural na educação; educação, trabalho e capitalismo; educação profissional e tecnológica no contexto brasileiro e o IFRS conexões e memória. Na Metodologia, trazemos as escolhas metodológicas, as etapas da Análise Documental e da História

Oral, os critérios definidos para a escolha dos atores entrevistados, a descrição dos sujeitos pesquisados, a metodologia empregada na construção do produto educacional e na avaliação do mesmo.

No capítulo sobre a Análise dos Dados, iniciamos com a análise documental, que compreendeu a investigação e sistematização de todos os trabalhos realizados no Parque. Construimos uma figura destacando os títulos das ações, sua categorização e os participantes destas atividades. Analisamos, de forma resumida, estes trabalhos e a integração que existia entre eles. Após, partimos para a História Oral. Nesta seção, analisamos as respostas de todos os entrevistados, relacionadas à pergunta **“Como você avalia a participação em tais atividades para a sua formação no âmbito pessoal e profissional? Fale um pouco sobre isso”**.

No quinto capítulo, discorremos sobre o Produto Educacional - o documentário. Falamos sobre os critérios que aplicamos na sua construção e as fontes usadas para construí-lo. Discutimos a avaliação realizada e todas as categorias que a permeavam, assim como, os resultados da mesma. No último capítulo, apresentamos as Considerações Finais sobre os resultados da pesquisa e nossa percepção sobre os desdobramentos advindos desta trajetória.

Para de fato finalizar esta introdução, gostaria de trazer um trecho que diz,

[...] que o principal produto de um curso de MP não é o PE em si, mas sim o processo de transformação do mestrando durante a elaboração do PE. O mestrando, autor do PE, envolve-se no processo de identificação do problema (de ordem prática), com base em referencial teórico-metodológico consistente e coerente, reflete, propõe encaminhamentos / soluções para abordar o problema identificado, aplica e testa o PE, retomando criticamente a primeira versão para compor a versão final que acompanha o texto dissertativo. (Rôças, Moreira e Pereira, 2018, p. 67 apud em Rizatti et al 2020, p. 9)

Apresento este aspecto, por entender que realmente o principal “produto” gerado, durante todo o processo desta pesquisa, foi a compreensão de mim mesma e da minha própria história. As aprendizagens foram muitas. Chego ao final desta dissertação me sentindo imensamente feliz e até mesmo incrédula de ter chegado até aqui. Estou certa de que se não fosse pelas mudanças nas políticas públicas, que possibilitaram que pessoas como eu - filha de pessoas pobres, com baixa formação, criada na periferia de uma cidade do interior, mãe e trabalhadora - pudesse concluir

uma pós-graduação em uma instituição com tamanha qualidade, pública e gratuita. Lembro como se fosse hoje, quando passei na seleção da ETFPEL, eu e meu pai choramos abraçados. Estávamos certos que eu já teria conquistado o máximo que estava destinado a uma pessoa que “*vinha de onde eu vim*”, mas na realidade era só o início.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para melhor organizar o referencial teórico, optamos por dividi-lo em duas sessões: a primeira está relacionada com o tema da pesquisa, e a segunda traz a fundamentação a respeito de categorias relevantes para o estudo, como Trabalho como processo educativo; Dualidade estrutural na educação; Educação, trabalho e capitalismo; Educação profissional e tecnológica no contexto brasileiro e o IFRS, PNMO, conexões e memória.

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Para que pudéssemos iniciar o estudo, realizamos uma pesquisa de teses e dissertações desenvolvidas por outros pesquisadores que traziam como foco de pesquisa a Educação Profissional Tecnológica (EPT) em Espaços Não Formais de Ensino, em especial Unidades de Conservação (UC), relacionados à Memória. Realizamos uma pesquisa nas plataformas OASISBR e no Observatório do ProfEPT. Tendo em vista que há pouca produção sobre o tema, optamos por não definir um recorte temporal.

Em um primeiro momento, utilizamos como descritores "Educação Profissional e Tecnológica"; "Espaços Não Formais"; "Unidades de Conservação"; "Parque Natural Morro do Osso" e "Memória", entre aspas. O resultado obtido está descrito na tabela 1.

O resultado da pesquisa com os termos descritores isolados demonstrou um número bastante significativo de trabalhos relacionado à "Educação Profissional Tecnológica", com 893 dissertações e 210 teses de doutorado; "Espaços Não Formais", com 20.219 dissertações e 8759 teses; "Memória", com 27080 dissertações e 9756 teses; "Unidades de Conservação", com 2908 dissertações e 949 teses; "Parque Natural Morro do Osso", com apenas 7 dissertações.

Tabela 1 - Resultados das buscas através dos descritores: "Educação Profissional e Tecnológica"; "Unidades de Conservação"; "Espaço não-formal"; "Memórias" e "Parque Natural Morro do Osso"

Descritores	Número Teses de Doutorado	Número Dissertações de Mestrado	Número total
"Educação Profissional e Tecnológica"	210	893	1103
"Unidades de Conservação"	979	2908	3887
"Espaço não-formal"	8759	20219	28978
"Memórias"	9756	27080	36836
"Parque Natural Morro do Osso"	0	7	7

Fonte: elaborado pela autora (2023)

A fim de refinarmos a nossa busca, utilizamos os descritores de forma relacionada, recorrendo ao operador booleano AND. Desta forma, realizamos nossa pesquisa, associando “Educação Profissional e Tecnológica” AND “Espaço não Formal” AND “Memória”, sendo encontradas apenas duas dissertações. Na segunda busca, associamos os termos “Educação Profissional e Tecnológica” AND “Memória”, sendo encontradas 11 Teses e 44 dissertações. Para a relação “Memória” AND “Espaços não Formais”, 16 teses e 43 dissertações. Por fim, para “Espaços não Formais” AND “Unidades de Conservação”, encontramos cinco dissertações.

Ao conectarmos os descritores a seguir, não foram localizadas nenhuma tese ou dissertação:

- “Educação Profissional e Tecnológica” AND “Espaço não Formal” AND “Memória” AND “Unidades de Conservação”;
- “Educação Profissional e Tecnológica” AND “Unidades de Conservação” AND “Memória”;
- “Educação Profissional e Tecnológica” AND “Unidade de Conservação” AND “Espaço não Formal”;
- “Educação Profissional e Tecnológica” AND “Unidade de Conservação”.

O resultado desta busca está quantificado na tabela 2, abaixo. Ao correlacionarmos os descritores percebemos que cai de forma significativa o número de trabalhos encontrados.

Tabela 2 - Resultados das buscas através dos descritores: “Educação Profissional e Tecnológica” AND “Espaço não Formal” AND “Memória”; “Educação Profissional e Tecnológica” AND “Memória”; “Espaços não Formais” AND “Memória” e “Espaços não Formais” AND “Unidades de Conservação”

Descritores	Número Teses de Doutorado	Número Dissertações de Mestrado	Número total
“Educação Profissional e Tecnológica” AND “Espaço não Formal” AND “Memória”	0	2	2
“Educação Profissional e Tecnológica” AND “Memória”	11	44	55
“Espaços não Formais” AND “Memória”	16	43	59
“Espaços não Formais” AND “Unidades de Conservação”	0	5	5

Fonte: elaborado pelas autoras (2023)

Após essa etapa de cruzamentos, em um primeiro momento, analisamos os títulos e palavras-chaves; depois, os resumos e, desta forma, chegamos à seleção de 11 estudos que parecem ter correlações mais diretas com nossa pesquisa. Excluímos os trabalhos em língua estrangeira. Apesar de não termos realizado nenhum corte temporal, os estudos indicados foram realizados entre os anos de 2020 e 2021, o que pode sugerir que as conexões que estamos desenvolvendo no nosso estudo são bastante atuais. Não foi encontrada nenhuma tese que estivesse correlacionada com o nosso estudo.

Construímos um quadro com os autores selecionados, os títulos dos trabalhos, as instituições de ensino onde foram realizados os estudos, os tipos/programas, as palavras-chaves e o ano de publicação. O referido quadro encontra-se no Apêndice 9. A seguir, faremos uma descrição de cada trabalho escolhido.

O primeiro trabalho mencionado no nosso quadro, com o título **“De mãos dadas em território camponês: tecendo uma proposta educativa e formativa para o trabalho”**, foi realizado através do Mestrado Profissional do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), dentro da linha de "Organização e Memórias dos Espaços Pedagógicos dentro da EPT". Fonseca (2020) visou contribuir com a construção de uma proposta educativa e formativa por meio do planejamento participativo em espaço não-formal, em território camponês, norteadas pelo trabalho como princípio educativo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e que utilizou a pesquisa-ação como metodologia. O estudo foi realizado no Centro de Mãos Dadas, uma Organização não Governamental (ONG) que desenvolve um trabalho educativo e formativo. O Produto educacional propôs oficinas que objetivavam dar subsídios na construção de uma proposta educativa e formativa para a educação pelo trabalho em território camponês fundamentada no planejamento participativo e no trabalho como princípio educativo.

O segundo trabalho, intitulado **"MuseMEP: fortalecer e preservar a memória das Mostras de Educação Profissional da rede pública estadual do RS "** foi realizado no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus* Porto Alegre, no ProfEPT, dentro da linha de pesquisa "Organização e Memórias dos Espaços Pedagógicos dentro da EPT". Neste estudo, Schüssler (2020) teve como objetivo conceber e implementar, um processo de mediação crítica para a preservação da memória, por meio da elaboração, desenvolvimento e implementação de um Museu Virtual Interativo, o MuseMEP. Este trabalho teve como propósito contribuir para o fortalecimento e preservação das memórias oriundas das Mostras, a fim de que essas memórias não fossem "esquecidas". A pesquisa foi de cunho qualitativo, exploratória, descritiva e participante.

No terceiro trabalho, intitulado **" De onde vêm as Histórias? Um compêndio para identificação, registro e organização de dados memoriais do IFRS"**, Cataneo (2020) buscou analisar o que caracteriza o IFRS-*Campus* Porto Alegre enquanto instituição e o que a diferencia das demais, e de que maneira o resgate da memória do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul pode contribuir para responder a esse questionamento. A partir disso, seria

possível descobrir de que forma os conceitos de memória e identidade social, se articulam com o Programa Institucional Núcleo de Memória do IFRS. Este estudo teve como objetivo principal o desenvolvimento de um produto educacional que orientasse e fornecesse subsídios teóricos e práticos para o trabalho do grupo que fazia parte do Programa.

A base teórica utilizada na pesquisa foi bastante diversa, abrangendo, em especial, a área de memória e identidade Halbwachs, Pollak, Joël Candau, Paul Ricoeur, Eclea Bosi, Myrian Sepúlveda dos Santos, Stuart Hall e Pierre Nora. Com relação às bases teóricas da Educação Profissional e Tecnológica foram utilizados Ciavatta, Ciavatta e Ramos, Saviani e Frigotto. A metodologia utilizada na pesquisa aplicada é de natureza qualitativa e serviu-se de entrevistas semi-estruturadas e questionários como instrumentos de pesquisa.

O próximo trabalho, intitulado **"A contribuição de espaços não formais para o ensino de ciências: a experiência e as percepções de estudantes a partir da visita ao Museu da Vida"**, é uma dissertação de mestrado profissional que foi desenvolvido na Fundação Oswaldo Cruz. Nesse estudo, Cortes (2021) buscou conhecer a experiência e a aprendizagem de alunos do primeiro segmento do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública do município de São Gonçalo, no Rio de Janeiro, durante uma visita ao Museu da Vida. A autora investigou a experiência museal dos alunos e a apropriação dos conteúdos apresentados na oficina museal "Há Vida na Gota d'Água?" da qual participaram. Foram analisados os contextos pessoal e social da visita, a significação das atividades para os jovens, a sensibilização e a afeição despertadas pela visita ao Museu da Vida. A visita foi acompanhada e, ao final, foram aplicados questionários com perguntas abertas e fechadas.

Em **"Interface ensino, pesquisa e extensão: análise de uma abordagem para atividades de visita a um espaço não formal de ensino"**, Mestrado Acadêmico realizado na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Moreira (2020) propôs e avaliou um tipo de abordagem para atividades extensionistas que incluíssem atividades de ensino e pesquisa junto aos sujeitos da ação, fortalecendo com isso a relação de indissociabilidade entre esses pilares. O estudo foi realizado em três etapas: pré-visita, visita e pós-visita, que foram previamente agendadas pelas escolas

participantes. A visita foi realizada no Espaço Célula, Mostra Interdisciplinar de Biologia Celular e Molecular, localizado junto ao Ciência Viva, órgão suplementar do Centro de Ciências Naturais e Exatas da Universidade Federal de Santa Maria, enquanto as demais etapas foram realizadas na escola. O projeto buscou, através de uma proposta de planejamento, contribuir com o uso de espaços não formais como auxiliares no processo de ensino e aprendizagem.

Na dissertação de Mestrado Acadêmico, realizado na Universidade Rural Federal do Rio de Janeiro, "***Uso do polo de Educação Ambiental da Mata Atlântica (PEAMA) do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES) – Campus de Alegre como espaço não formal por professores de Biologia***", Moulin (2020) visou investigar o uso atual e potencial do PEAMA, localizado no IFES - *Campus* de Alegre -, como espaço não formal de educação e ambiente complementar para o ensino de Biologia. Os dados foram obtidos por meio de observações diretas, análises documentais e entrevistas. Foram entrevistados dezessete professores que ministram disciplinas voltadas ao conteúdo de Biologia, os quais responderam questionários mistos, compostos por questões fechadas e abertas. Foi realizada a análise das informações para obter a percepção dos entrevistados sobre o uso dos espaços não formais de educação para o ensino de Biologia, como ambiente complementar ao Ensino de Biologia.

Rocha (2020), no trabalho "***Unidades de Conservação: Espaços não formais como potencial didático para o desenvolvimento da Educação Ambiental no IFF-Campus Itaperuna*** ", tinha como questão de pesquisa: "como desenvolver a Educação Ambiental (EA) na EPT, de forma integrada a um curso do eixo tecnológico, informação e comunicação, a partir do uso das Unidades de Conservação (UCs) e seu potencial didático como espaços não formais?" Para responder a essa problemática, ele delineou, como objetivo geral desta pesquisa, avaliar o uso de UCs como espaço não formal para favorecer o desenvolvimento da EA no Instituto Federal Fluminense (IFF) - *Campus* Itaperuna. A metodologia utilizada foi qualitativa e exploratória, o método foi o fenomenológico com os procedimentos técnicos de pesquisa documental e pesquisa-ação. Para tanto, realizou a análise do projeto pedagógico do curso Técnico em Informática, do ensino médio integrado do IFF-*Campus* Itaperuna, no âmbito da EA e do plano de manejo das UCs do município de Itaperuna, para escolha

da UC que faria parte da sequência didática desenvolvida e aplicada no 2º ano do curso Técnico em Informática do IFF-*Campus* Itaperuna. Foram utilizados questionários, entrevistas e diário de campo para coleta de dados. Como produto educacional, construiu uma sequência didática fundamentada por Antoni Zabala.

O Estudo "***A sustentabilidade em espaços de educação não-formais: possibilidades pedagógicas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Ponta do Tubarão (RDSEPT)***" traz uma interessante investigação sobre as potencialidades de utilização de uma Unidade de Conservação como espaço não formal de aprendizagem. Araújo Júnior (2020) procurou caracterizar as possibilidades da RDSEPT enquanto espaço de Educação Não Formal, para o uso pedagógico na perspectiva da sustentabilidade, contemplando seus três eixos estruturantes (econômico, social e ambiental). Para isso, buscou, por meio de observações, anotações, registros fotográficos in loco e pesquisa bibliográfica compreender os ambientes existentes no Espaço Não-Formal, como ferramenta para o ensino de ciências. Buscou também investigar as concepções dos professores de Ciências e Biologia sobre aquele espaço. O autor procurou articular os problemas locais aos problemas globais, utilizando um Texto de Divulgação Científica TDC, relacionado ao ecossistema manguezal, tanto em nível local (ambiente encontrado na Reserva) quanto global.

Dagnese (2021) analisou a história e memória de uma instituição de Educação Profissional e Tecnológica (EPT), como base para o desenvolvimento de um produto educacional que pudesse estimular a preservação da memória permanente dos indivíduos da sociedade, em que o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus* Farroupilha - está inserido. Para tanto, a autora buscou entender a importância da memória e da história da EPT; identificar os marcos regulatórios sobre as leis que norteiam a EPT; compreender a história e memória do IFRS *Campus* Farroupilha; e desenvolver um produto educacional no contexto de fortalecimento, memória e história do IFRS *Campus* Farroupilha. A natureza da pesquisa caracterizou-se como pesquisa exploratória de cunho histórico e, ao final, a pesquisadora utilizou as mídias digitais para construir os produtos educacionais. O resultado da pesquisa foi materializado na "***Coleção: E essa tal de EPT? A história da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil***",

que se propôs a contribuir, enquanto produto educacional, com a preservação da história e da memória do IFRS *Campus* Farroupilha, permitindo a valorização e o fortalecimento da identidade institucional, colaborando indiretamente com a conservação da memória e história da Educação Profissional e Tecnológica.

“*Eu Lembro Como Se Fosse Hoje: memórias do curso técnico em Agente Comunitário de Saúde - PROEJA, do IF Sudeste MG - Campus Rio Pomba*”, pesquisa feita por Costa (2021), teve como objeto rememorar a história do curso técnico em Agente Comunitário de Saúde integrado ao Ensino Médio - PROEJA, que vigorou no Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, no período de 2008 a 2013, por meio da análise crítica das memórias constituídas pelas vozes dos gestores, da equipe pedagógica, da coordenação do curso, dos docentes e alunos no referido período e dos ecos trazidos pelos documentos desse curso. A metodologia do estudo foi de abordagem qualitativa, no formato de estudo de caso, e os instrumentos de análise utilizados foram a pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas diferenciadas para cada tipo de público: gestores, professores e egressos. O material coletado nas entrevistas foi registrado em vídeos para, posteriormente, serem transcritos e analisados, à luz da teoria da História Oral. Ao final da pesquisa, a partir dos resultados, foi produzido um documentário que buscou registrar a história do curso por meio da História Oral trazida pelas memórias dos treze entrevistados, que participaram direta ou indiretamente da implantação, execução ou suspensão do curso e trazer reflexões sobre a oferta dessa modalidade de ensino, baseada no direito a uma formação humana integral e emancipatória.

O estudo de Oliveira (2021), intitulado **“*Eu Tenho Histórias Pra Contar: Narrativas Dos Egressos Do CEFET⁶/IFRN⁷, Campus Mossoró*”**, investigou como o relato dos egressos de CEFET sobre sua experiência educacional e acesso a uma educação pautada na formação cidadã – ofertada por uma instituição de educação profissional –, para a atuação profissional no mundo do trabalho, pode incentivar estudantes do ensino fundamental a se tornarem possíveis ingressantes do Ensino Profissional. A abordagem teórico-metodológica utilizada foi a pesquisa narrativa das experiências educacionais dos egressos do CEFET que atuam em diversas

⁶ CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica

⁷ IFRN - Instituto Federal de Educação Ciência e tecnologia do Rio Grande do Norte

profissões. A pesquisa teve como resultado um produto educacional que é um documentário com os relatos dos ex-alunos. Para a construção dessa pesquisa, o autor relacionou as concepções da Educação Profissional, considerando os estudos de Ramos; Cunha; Kuenzer, ponderando os conhecimentos de Gauer; Le Goff; Mourão Júnior; e Pollak; Connelly; Clandinin; Martins; Tourinho e Parera. O marco temporal considerado para análise se deu entre 1999 e 2004, período em que a educação profissional era desvinculada do ensino médio.

Apesar de não termos encontrado, em nosso mapeamento, estudos que relacionam todos os descritores da nossa busca, procuramos selecionar trabalhos que conectam o maior número possível de descritores, ou aqueles que utilizaram metodologia ou produtos educacionais similares aos que empregamos em nossa pesquisa. Também percebemos que os trabalhos encontrados foram realizados em 2020 e 2021, o que pode sugerir que estudos correlacionados ao tema são bastante atuais. Na próxima seção, iniciaremos a abordagem dos principais conceitos que balizam a EPT e um breve histórico de sua construção no Brasil

2.2 APROXIMAÇÃO ENTRE O OBJETO DE ESTUDO E AS BASES CONCEITUAIS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

2.2.1 Trabalho como Processo Educativo

Segundo Saviani (2007, p. 152), trabalho e educação são atividades especificamente humanas. Essas atividades fazem dos humanos a única espécie que trabalha e educa e que tem a capacidade de produzir trabalho de forma racional e não apenas instintiva. Ele é capaz de transformar a natureza, a fim de construir objetos artificiais para satisfazer as suas necessidades. Para o autor, esta característica é o que o diferencia das outras espécies animais. O ato de transformar a natureza para adequá-la às suas necessidades é justamente o que chamamos trabalho. Dessa forma, trabalho seria a própria essência humana.

O ato de se adaptar à natureza é necessário de maneira permanente e mutável. Assim, o homem precisa estar em constante formação. "(...) o homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência" (Saviani, 2007, p. 154). A sua essência é produzida por ele mesmo, por uma

necessidade de existência. “Os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la “(ibid, p.154). Neste sentido, o trabalho é um processo educativo. E esse trabalho se desenvolve e se torna mais complexo ao longo do tempo e, por isso, é um processo histórico.

Ao longo dos tempos, essa relação com a natureza foi se modificando ao mesmo tempo em que os processos de trabalho e suas relações foram se transformando. Saviani (2007, p. 154) afirma que, ao lidar com a natureza, o homem aprendia com ela; ao se relacionar com outras pessoas, aprendia com essas relações e as experiências eram repassadas entre os grupos e entre as gerações. Nas comunidades primitivas, os conhecimentos eram compartilhados, as formas de produção eram apropriadas e repassadas para as próximas gerações que iam se apropriando deste saber e os aprimorando. Tudo era realizado visando o bem comum e de forma coletiva. Não havia divisões de classe. Coletivamente uma determinada área era trabalhada para a subsistência de todo o grupo. Produziam e se educavam de forma comum, o dito “comunismo primitivo” (Saviani, 2007, p.154).

A relação trabalho-educação tem uma grande identidade, pois coincide com a formação do homem. Porém, “o desenvolvimento da produção conduziu à divisão do trabalho” (Saviani, 2007, p.155) e com ela a divisão de classes e a propriedade privada. Segundo o autor, esse fato contribuiu para o desaparecimento desse tipo de produção comunal para dar lugar a uma outra relação de trabalho, na qual existiam os proprietários de terra e os não proprietários, que passaram a trabalhar para os proprietários. Os donos de terra viviam do labor dos não proprietários e estes, por sua vez, eram obrigados a manter, através do seu fazer, a sua existência e a do “seu senhor”. A partir deste momento, o homem também se afasta da natureza e da compreensão que tinha sobre ela, pois o que passa a importar é a produção para beneficiar apenas alguns grupos, e esse conhecimento transmitido de geração em geração, em busca de um bem comum, ligado a sua relação com a natureza, ou poderia dizer, com o ambiente que os cercavam, começa também a desaparecer.

2.2.2 Dualidade Estrutural na Educação – um Breve Relato

Segundo Saviani (2007), na Antiguidade grega e romana essa configuração de domínio se fez através de uma relação entre a aristocracia, que detém a propriedade,

e seus escravos. Essa relação configurou um modo de produção escravagista. A partir dessas interações, surge também uma divisão na educação, já que esta não está mais conectada com o trabalho: a educação para os “homens livres”, para a classe proprietária e a educação para os escravos ou serviçais. Os “homens livres”, de tempo livre - e daí vem a origem da palavra escola que se origina do grego ócio, ou seja, lugar do ócio - recebiam formação intelectual, arte da linguagem e exercícios físicos, enquanto que a classe trabalhadora, aprendizado para o trabalho.

“Estamos, a partir desse momento, diante do processo de institucionalização da educação, correlato ao processo de surgimento da sociedade de classes que, por sua vez, tem a ver com o processo de aprofundamento da divisão do trabalho” (Saviani, 2007, p.155). Com o passar do tempo, essas divisões foram se estabelecendo mais, e a educação se distanciando cada vez mais do trabalho:

Conclui-se, portanto, que o desenvolvimento da sociedade de classes, especificamente nas suas formas escravista e feudal, consumou a separação entre educação e trabalho. No entanto, não se pode perder de vista que isso só foi possível a partir da própria determinação do processo de trabalho. Com efeito, é o modo como se organiza o processo de produção – portanto, a maneira como os homens produzem os seus meios de vida – que permitiu a organização da escola como um espaço separado da produção. Logo, a separação também é uma forma de relação, ou seja: nas sociedades de classes a relação entre trabalho e educação tende a manifestar-se na forma da separação entre escola e produção (ibidem, p.157).

Ainda segundo Saviani (2007), na Idade Média, durante o período feudal, o aprendizado para o trabalho acontecia concomitantemente às suas funções. O aprendiz recebia a formação durante o fazer e quem passava esses conhecimentos eram os “mestres de ofício”. A educação (para a classe dirigente) passou a receber uma forte influência da Igreja Católica que só foi quebrada com a chegada do capitalismo, que inaugurou a produção excedente para a troca e não só para a subsistência, a dita “sociedade de mercado”. Neste novo contexto, “[...] o eixo do processo produtivo deslocou-se do campo para a cidade e da agricultura para a indústria, que converteu o saber de potência intelectual em potência material” (ibidem, p.158). Começaram assim as bases contratuais e o direito positivo.

Com a chegada da industrialização fez-se necessário que os trabalhadores dominassem a linguagem escrita e foi neste contexto que surgiu a escola de forma mais generalizada para atender a demanda das indústrias. Conforme a indústria se

modernizou com o advento das máquinas, o trabalho passou a ser cada vez mais simplificado e repetitivo e, cada vez mais, vimos o trabalho manual sendo feito pelas máquinas. O capitalismo traz, dentro da sua essência, a exploração do trabalho alheio. A força de trabalho é o que sustenta o capital. O trabalhador continua sendo explorado.

2.2.3 Educação – Trabalho e Capitalismo

Impossível falar de capitalismo sem citar Marx. Karl Marx (1818-1883) foi um importante filósofo alemão que dedicou a sua vida ao estudo do capitalismo e a construção da fundamentação científica do socialismo. Em sua obra n' *O Capital*, dividida em três volumes, considerada sua obra mais madura, ele fez uma profunda crítica ao sistema capitalista desmistificando a ideia de que existe “uma Economia Política desconectada da materialidade das relações sociais e de produção”. (Sanson, 2021, p. 64).

O trabalho em Marx é uma categoria central e, mais especificamente, o trabalho assalariado é o que mantém o sistema capitalista. É o mais-valor, o lucro obtido pela exploração da força de trabalho, que faz o capitalismo girar. No volume I de sua obra n' *O Capital*, Marx diz pretender “investigar o modo de produção capitalista e suas correspondentes relações de produção” (Marx, 2017b, v.I, p.78 apud *ibidem*). Segundo Sanson (*ibidem*, p.65), a ideia central destacada nesta obra de Marx é que o capital inverte as relações sociais que passam a ser “substituídas e subordinadas pela relação entre as coisas, as mercadorias”.

Sanson (2021, p.65) destaca três aspectos que são discutidos por Marx que embasam o capitalismo e que são tratados no primeiro volume de n' *O Capital*: o trabalho e a produção do mais-valor; o trabalho fabril heterônomo; e o fetichismo da mercadoria.

O mais valor seria justamente a exploração da força de trabalho e é um ganho excedente que a mercadoria agrega ao seu valor de uso, o seu valor de troca, que nada mais é que o valor da mercadoria mais a força de trabalho. Neste contexto, o dono do capital ganha mais se pagar menos pela força de trabalho.

Um valor de uso ou um bem só possui valor porque nele está objetivado ou materializado trabalho humano abstrato. Mas como medir a grandeza de seu

valor? Por meio da quantidade de 'substância formadora de valor', isto é, da quantidade de trabalho nele contida (Marx, 2017, v.I, p.78 apud ibid, p.66).

A entrada de maquinarias, durante a Revolução Industrial, propiciou uma linha de produção em série e um fazer mais simplificado e repetitivo para o trabalhador. Junta-se a isso, o aumento das horas trabalhadas e a diminuição do tempo de descanso. Todos estes fatores foram mais lucrativos para o "capital", e aumentaram muito a exploração da força de trabalho. Neste contexto, o assalariado teve uma jornada maior de trabalho em troca de uma remuneração cada vez mais baixa. Segundo estudos de Marx, este contexto também contribuiu para o aumento do trabalho infantil.

Ainda segundo Sanson (ibidem p.72), para compreender o surgimento do capitalismo, Marx faz um profundo estudo "[...] desde a forma de organização do trabalho das corporações de ofício à grande indústria, passando pela manufatura".

Neste processo, o trabalhador perde o controle do seu trabalho, tornando-se alheio. O trabalho deixa de ser elemento de sua essência para ser apenas uma forma de subsistir, uma forma de ser remunerado para poder manter o mínimo para sua sobrevivência. Marx chama esse processo de "forças heterônomas". É justamente "na heteronomia da organização do trabalho que se criam as condições para a produção do mais-valor" (Sanson, 2021, p.72).

Como pessoas independentes, os trabalhadores são indivíduos isolados, que entram numa relação com o mesmo capital, mas não entre si. Sua cooperação começa somente no processo de trabalho, mas então eles já não pertencem a si mesmos. Com a entrada no processo de trabalho, são incorporados ao capital. Como cooperadores, membros de um organismo laborativo, eles próprios não são mais do que um modo de existência específica do capital. A força produtiva que o trabalhador desenvolve como trabalhador social é, assim, a força produtiva do capital. (Marx, 2017b, v. I, p. 408 apud Sanson, 2021).

Outro conceito importante criticado por Marx é o "Fetichismo", definido por Sanson (ibidem, p.81) como algo que:

[...] se apresenta como ordem natural das coisas, ou seja, como um sistema que esconde a essência de suas contradições. Ainda mais, reveste-se de uma normalidade institucional que legitima os mecanismos de injustiça social. Suas esferas de produção e circulação apagam a "substância" que efetivamente é a responsável pela produção da riqueza: o trabalho. Trata-se

da assertiva, em Marx, de que as forças produtivas do trabalho se apresentam como sendo forças produtivas do capital. (Sanson, *ibidem*, p.81)

Cabe salientar que o estudo de Marx se desenvolve em um contexto histórico e “[...] interessa nos processos históricos a interpretação, sobretudo, das relações de produção, porque são elas que auxiliam na compreensão de como se constituíram os modos de produção de distintos períodos históricos”. (*ibidem*, p. 91).

Essa dualidade histórico-estrutural, que chegou com a divisão de classes e a divisão de trabalho, se reflete na educação e não é por acaso. Pensando no trabalho como sendo a essência do homem e tendo como concepção a educação-trabalho como indissociáveis, uma formação que rompesse com essa dualidade e que ressignificasse o trabalho, unindo teoria e prática, como acontecia no modo de vida comunal, a chamada “politecnia”, poderia transformar a sociedade.

No texto “Choque Teórico da Politecnia”, Saviani (2003) fala sobre o cerne do conceito de Politecnia na abordagem Marxiana que é a superação entre a dicotomia do trabalho intelectual e trabalho manual, entre formação geral e profissional, entre instrução intelectual e trabalho produtivo e que levaria a uma formação integral do ser humano, a dita formação omnilateral. Segundo o autor, essa separação acontece de forma relativa e não absoluta, porque não existe trabalho apenas “manual” ou “intelectual”, pois, mesmo para realizar um trabalho, por mais simples que seja, exigirá um pensar anterior à ação.

Essa formação omnilateral permitiria ao trabalhador entender suas relações com a natureza, sua conexão com o mundo em que vive, de forma mais integrada e como um todo e não de forma fragmentada. Permitiria compreender o sentido de seu trabalho, não apenas como forma remuneratória, mas sua importância enquanto essência de um indivíduo e sua importância para a sociedade. Essa formação é dita crítica e emancipatória.

Este termo, politecnia, já resultou em algumas discussões e Saviani (2003, p.145) relata a preocupação de Manacorda referente ao conceito das terminologias politecnia e tecnologia e sobre qual delas seria a mais adequada para esse tipo de formação. Segundo o autor, o trabalho de Manacorda, escrito a partir de um longo estudo filosófico sobre as obras de Marx, em especial o Texto das Instruções aos Delegados do Primeiro Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores,

1866 e o n'º Capital, sugere que o termo tecnologia aparece nos dois textos de forma mais explícita. Outra preocupação surge em função da criação do termo politecnismo e o próprio termo “politécnico” que aparece n'º Capital referente às “escolas politécnicas e agrônômicas”, onde “os filhos dos operários recebem algum ensino tecnológico e são iniciados no manejo prático dos diferentes instrumentos de produção (Marx, 1968, p.559 apud Saviani, 2003, p. 146)”, porém esse tipo de formação surgiu para sanar demandas da burguesia, já que, com a chegada das máquinas, era necessária uma formação maior dos trabalhadores para que pudessem se adaptar e operar o maquinário, e não no sentido de uma formação omnilateral destes trabalhadores.

Porém, segundo Saviani (2003, p.146), as duas terminologias teriam o mesmo conceito e trariam o mesmo conteúdo, mas hoje o termo tecnologia foi mais apropriado pela concepção dominante e o termo politecnia aparece mais ligado às escolas de atividade produtiva, como as engenharias. O autor diz preferir o termo politecnia e suas variáveis (instrução politécnica, etc.) justamente pelo fato de tecnologia, atualmente, remeter a essa concepção burguesa enquanto politecnia, a uma concepção socialista.

Para Saviani (2003), os maiores desafios em se implantar uma educação politécnica vão desde quebrar a lógica de um sistema capitalista, onde a dicotomia na educação para os trabalhadores e para a classe dominante ainda persiste, até questões como a formação permanente de professores para que possam atuar dentro desta concepção.

2.2.4 Educação Profissional e Tecnológica no Contexto Brasileiro: Breve Retrospectiva

Ao propor uma breve retrospectiva da educação profissional no contexto brasileiro, reporto-me aos estudos de Moura (2007), os quais evidenciam o caráter dualista que historicamente caracteriza a sociedade capitalista e, por conseguinte, tal oferta desta modalidade de ensino. Nesta mesma linha de estudos, ao focar essa dualidade estrutural, Escott e Moraes (2012) enfatizam que, na história da educação brasileira, essa dualidade entre a educação para a elite e a educação profissional para a classe trabalhadora sempre esteve presente e continua até os dias de hoje.

Na continuidade de suas pesquisas, Moura (2007) destaca que “Os primeiros indícios do que hoje se pode caracterizar como as origens da educação profissional surgem a partir do século XIX, mais precisamente em 1809, com a promulgação de um Decreto do Príncipe Regente, futuro D. João VI, criando o Colégio das Fábricas” (Moura, 2007, p.5). Segundo o autor, a partir de então, várias instituições foram sendo criadas, mas com uma característica assistencialista para pobres e órfãos e para suprir uma necessidade de mercado, seja do comércio seja da área administrativa para os órgãos públicos. O autor faz um breve histórico:

Em 1816, a criação da Escola de Belas Artes com o objetivo de articular o ensino das ciências e do desenho para os ofícios a serem realizados nas oficinas mecânicas; em 1861, a criação do Instituto Comercial no Rio de Janeiro, para ter pessoal capacitado para o preenchimento de cargos públicos nas secretarias de Estado; nos anos 1940 do século XIX, a construção de dez Casas de Educandos e Artífices em capitais brasileiras, sendo a primeira em Belém do Pará; em 1854, a criação de estabelecimentos especiais para menores abandonados, chamados de Asilos da Infância dos Meninos Desvalidos que ensinavam as primeiras letras e encaminhavam os egressos para oficinas públicas e particulares, através do Juizado de Órfãos (Moura, 2007 p.6).

Em 1906, o ensino profissional passou a ser atribuição dos Ministérios da Agricultura, Indústria e Comércio e buscava formar profissionais para essas três áreas. A partir daí, várias Escolas de Aprendizes Artífices foram criadas, porém ainda com um caráter bastante assistencialista e com o intuito de tirar das ruas os "desvalidos de sorte" para que esses não representassem riscos à sociedade.

Ainda segundo Moura (2007), as décadas de 30 e 40 do século XX foram marcadas por grandes transformações políticas e econômicas, o que certamente trouxe impactos para a educação, pois o país passava por um processo de industrialização e iniciava-se o modelo capitalista propriamente dito.

Para Ramos (2014), a partir da década de 30 do século XX, “a formação dos trabalhadores torna-se uma necessidade econômica e não mais uma medida exclusivamente social como em sua gênese”. (Ramos, 2014, p.14). Na década de 40 do mesmo século, seguindo a lógica de um desenvolvimento econômico, a educação

passou por grandes mudanças a partir das chamadas Leis Orgânicas de Capanema⁸. A divisão na educação segue sendo reflexo da divisão de classes bem marcada no Brasil. A educação com conteúdos gerais das letras, das ciências e das humanidades para os filhos da elite, que os preparavam para ingressarem em uma universidade e para assumirem cargos de poder e a educação profissional, específica e limitada para cumprirem determinadas funções, para o filho dos trabalhadores. As discussões a respeito da educação tiveram momentos de efervescência, passando inclusive sobre quem deveria fornecê-la: o Estado ou as instituições privadas.

Neste contexto, nasceu e se fortaleceu o sistema S, que iniciou com a criação do SENAI, em 1942, e do SENAC, em 1946, demonstrando o desejo do governo:

[...] em repassar para a iniciativa privada a formação de mão de obra para o mundo produtivo". Assim, a partir dessa lógica, o ensino secundário e o normal formariam as elites condutoras do país e o ensino profissional formaria adequadamente os filhos de operários para as artes e os ofícios. Portanto, ratifica-se o caráter dualista da educação e a sua função reprodutora da estrutura social. (Moura, 2007, p.9).

De 1946, período de redemocratização do país pós Estado Novo, a 1961, acontecem os debates sobre a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Este período foi bastante conflituoso em discussões sobre modelos distintos de desenvolvimento e de poder e, a política educacional refletiu essa polarização. De um lado "[...] os setores populares e populistas que pleiteavam, [...] a extensão da rede escolar gratuita (primário e secundário) e equivalência entre ensino médio propedêutico e profissionalizante" (Freitag, 1979, apud Moura, 2007, p.10) e de outro, a classe hegemônica que defendia uma educação que fosse ministrada predominantemente pela rede privada.

A primeira LDB entrou em vigor durante o período do governo de Juscelino Kubitschek (JK), que tinha como foco central o desenvolvimento econômico-político

⁸ Leis Orgânicas da Educação Nacional – a Reforma Capanema, em função do nome do então ministro da educação, Gustavo Capanema. Os principais decretos foram os seguintes: Decreto nº. 4.244/42 – Lei Orgânica do Ensino Secundário; Decreto nº. 4.073/42 – Lei Orgânica do Ensino Industrial; Decreto nº. 6.141/43 – Lei Orgânica do Ensino Comercial; Decreto nº. 8.529/46 – Lei Orgânica do Ensino Primário; Decreto nº. 8.530/46 – Lei Orgânica do Ensino Normal e; Decreto nº. 9.613/46 – Lei Orgânica do Ensino Agrícola. Além disso, o Decreto-Lei nº. 4.048/1942 – cria o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), que deu origem ao que hoje se conhece como Sistema “S” (RAMOS, 2014, p.14).

de forma acelerada, através do seu Plano de Metas para o projeto "50 anos em 5". Este período foi de grande relevância para a educação profissional, pois trouxe de fato, "[...] medidas voltadas para a instituição da equivalência entre os cursos propedêuticos e os de formação profissional" (Ramos, 2014), representando uma vitória para os setores populares. Além disso, também houve a obtenção de recursos financeiros de outros países para possibilitar "[...] a implantação, a expansão e a consolidação da educação profissional e tecnológica no Brasil" (ibidem).

Este movimento desenvolvimentista não foi muito exitoso, pois trouxe descontentamento para várias camadas da sociedade. A concentração de renda tornou-se ainda maior, deixando os trabalhadores com salários muito baixos e empobrecendo parte da classe média do país, inclusive os militares, com juros muito altos e também os deixando distantes das decisões do Estado. Além do capital estrangeiro que passou a não ver mais vantagem em financiar este modelo.

Em 1964, veio o Golpe Militar, e a educação passou a ser prioritária para o desenvolvimento do país, pois a meta do governo era a transformação do Brasil em uma grande potência. Em 1971, a educação de grau primário e médio passou por uma grande mudança na sua estruturação, através da Lei nº 5.692/71, a chamada Lei da Reforma de Ensino de 1º e 2º graus, que segundo Moura (2007) trouxe um avanço para as classes mais populares, apontando para "a elevação do grau de escolarização mínima da população, anteriormente circunscrito às quatro primeiras séries" (Moura, 2007, p.12). Esta lei tornou também obrigatório o ensino médio na modalidade profissionalizante. Este tema foi bastante polêmico e a comissão que trabalhou no tema era bastante diversa. A lei foi levada à risca em instituições públicas, porém as instituições privadas foram resistentes a esta mudança e continuaram mantendo em seus currículos a formação propedêutica. Cabe lembrar que a educação profissionalizante se fazia necessária para cumprir as metas desenvolvimentistas do governo autoritário e populista que estava no poder, a fim de produzir mão-de-obra especializada e qualificada para atender o mercado e, ao mesmo tempo, respondia a uma demanda das classes mais populares por uma educação profissionalizante em nível médio que pudesse garantir a colocação dos seus filhos no mercado de trabalho.

A obrigatoriedade do ensino médio profissionalizante continuou marcando a dualidade estrutural na educação, como bem coloca Moura (2007),

Entretanto, de forma incoerente com esse discurso, ao invés de se ampliar a duração do 2º grau para incluir os conteúdos da formação profissional de forma integrada aos conhecimentos das ciências, das letras e das artes, o que houve foi a redução dos últimos em favor dos primeiros, os quais assumiram um caráter instrumental e de baixa complexidade, uma vez que, dentre outros aspectos, não havia a base científica que permitisse caminhar na direção de conhecimentos mais complexos inerentes ao mundo do trabalho. E isto não ocorreu por acaso, pois fazia parte da própria concepção de desenvolvimento do País e da reforma educacional em questão. (Moura, 2007, p.13).

Na esfera Federal, houve a consolidação do ensino nas áreas industriais através das Escolas Técnicas Federais (ETFs) e do ensino nas áreas agrícolas e pecuárias nas Escolas Agrotécnicas Federais (EAFs). Essas iniciativas foram bastante exitosas, pois, ao contrário do que aconteceu em nível estadual, receberam financiamento para suas estruturas e um corpo docente bastante qualificado.

Os anos 80 foram marcados pelo processo de redemocratização do país, por uma forte crise econômica e por ações bastante populistas por parte do governo na área da educação profissional, sobretudo durante o governo de José Sarney, com a expansão da rede federal de forma descentralizada, porém sem muita organização e levantamento de demandas para cada região.

Os posteriores governos de Fernando Collor de Mello e de Itamar Franco chegaram com uma agenda neoliberal e, segundo Ramos (2014), " [...] ocorreu um significativo movimento de fortalecimento da educação profissional e tecnológica no país, especialmente pela ampliação das funções das instituições federais." Foi neste período que as Escolas Técnicas foram transformadas em Centros Federais de Educação Tecnológica, os CEFETs.

Neste período, também foi instaurado o Congresso Nacional Constituinte e, em 1988, a promulgação da Constituição Cidadã, que foi um marco para a ala mais progressista do nosso país, com grandes avanços no que diz respeito aos direitos dos cidadãos brasileiros. Tentava-se neste momento,

[...] redirecionar a educação brasileira em benefício da classe trabalhadora, visando superar a histórica dualidade estrutural que marca sua história, esteve na defesa da concepção de educação politécnica, pela qual se buscava romper com a dicotomia entre educação básica e técnica, resgatando o princípio da formação humana em sua totalidade. (Ramos, 2014, p.16).

Porém, com relação à educação, na nova constituinte, "prevaleceu a lógica de mercado e, portanto, a iniciativa privada poderia atuar livremente na educação em todos os níveis, conforme garantido pela Constituição Federal de 1988 e ratificado pela LDB de 1996." (Moura, 2007, p.15). O ensino médio e profissionalizante foi descrito em capítulos separados na nova Constituição, desvinculando essas duas modalidades de ensino, quebrando a visão de uma educação que "deveria propiciar aos estudantes a possibilidade de (re)construção dos princípios científicos gerais sobre os quais se fundamentam a multiplicidade de processos e técnicas que dão base aos sistemas de produção em cada momento histórico." (ibidem). Os anos 1990 chegaram, e a ala mais conservadora e burguesa do nosso país avançou ainda mais.

Segundo Ramos (2014), a nova LDB, "por seu caráter minimalista, permitiu ao governo realizar a reforma da educação profissional e do ensino médio por meio do Decreto n. 2.208/97" de Fernando Henrique Cardoso (FHC). Este governo, que tinha como marca uma visão neoliberal de Estado Mínimo, reflete isso na educação.

A partir desse instrumento legal o ensino médio retoma legalmente um sentido puramente propedêutico, enquanto os cursos técnicos, agora obrigatoriamente separados do ensino médio, passam a ser oferecidos de duas formas. Uma delas é a Concomitante ao ensino médio [...]. A outra forma é a Subsequente, destinada a quem já concluiu o ensino médio e, portanto, a educação básica. (Moura, 2007, p.16)

Com a chegada de um governo progressista, em 2003, "[...] retomou-se a discussão sobre a educação politécnica, compreendendo-a como uma educação unitária e universal destinada à superação da dualidade entre cultura geral e cultura técnica". (Moura, 2007, p.19).

Porém, a realidade da desigualdade social da população brasileira poderia não dar conta de uma educação profissional que só viria a partir dos 18 anos, pois muitos precisariam já estar trabalhando com essa idade, para ajudar no sustento da família. Neste contexto, pensou-se em uma solução transitória:

(...) a integralidade de uma educação básica, ou seja, que inclua os conhecimentos científicos produzidos e acumulados historicamente pela sociedade, como também objetivos adicionais de formação profissional numa perspectiva da integração dessas dimensões. Essa perspectiva, ao adotar a ciência, a tecnologia, a cultura e o trabalho como eixos estruturantes, contempla as bases em que se pode desenvolver uma educação tecnológica ou politécnica e, ao mesmo tempo, uma formação profissional *stricto sensu*

exigida pela dura realidade da sociedade brasileira que garantisse a integralidade do ensino médio (Moura, 2007, p. 19).

Neste sentido, surge, em 2004, o Decreto nº 5154 que traz, novamente, a possibilidade de unir o ensino médio ao técnico profissionalizante que havia sido proibido pelo Decreto nº 2208/97. Em 2008, a lei nº 11.892 institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, criando os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia que carrega a visão de um ensino integral e verticalizado, com oferta de ensino médio integrado ao curso técnico, cursos técnicos concomitantes ou subsequentes ao médio, educação para jovens e adultos integrado ao curso técnico, além de cursos superiores e pós-graduação. A criação dos Institutos Federais (IFs) não surge com a pretensão de acabar com essa dualidade estrutural histórica da educação brasileira, mas certamente deveria minimizar essas diferenças, oferecendo cursos gratuitos e de qualidade para a população, em especial para a mais vulnerável, sobretudo em um momento que a educação passa por grandes ataques vindos dos governos, no nosso caso, municipal, estadual e, até bem pouco tempo, federal.

O Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) nasce, segundo o seu Plano de Desenvolvimento Institucional (2019-2023), a partir:

(...) da integração inicial de quatro escolas de educação profissional com um grande histórico de atendimento às vocações regionais, sendo elas o CEFET Bento Gonçalves, a EAF de Sertão, ambas autarquias, a escola técnica da UFRGS e o Colégio Técnico Industrial Mário Alquati da FURG. Ainda fez parte do processo inicial, a Escola Técnica Federal de Canoas, mas que ainda não se constituía como espaço físico. Todas essas escolas contribuíram para que o IFRS iniciasse seus trabalhos como IF e trouxeram para o processo sua experiência, seu renome e sua história, que constituíram a base teórica, pedagógica e administrativa da nova Instituição. A partir de 2009, o IFRS foi construindo novos *campi* – Restinga, Caxias, Osório, Erechim, Viamão, Alvorada, Rolante, Vacaria e Veranópolis – e também devolvendo a sociedade escolas que haviam sido edificadas com recursos do governo federal, mas que não ofereciam gratuidade aos alunos – Feliz, Ibirubá e Farroupilha. (IFRS, 2018, p. 41)

2.3 O IFRS, PNMO, CONEXÕES E MEMÓRIA

O IFRS traz em seu DNA a perspectiva de uma relação próxima e necessária com as populações de abrangência, para além de seus muros, tendo a preocupação

de promover uma formação integral de seus discentes e contribuir, de forma efetiva, com o desenvolvimento dessas comunidades apresentando,

[...] uma série de iniciativas que objetivam a promoção da inovação em suas ações de desenvolvimento científico e tecnológico, com a finalidade de promover o desenvolvimento local e integrado aos territórios onde atua, de forma transversal ao ensino, pesquisa e extensão. Nesse intuito, o IFRS estimula o desenvolvimento de projetos a partir de demandas da comunidade, promovendo a pesquisa aplicada e focando em produtos, serviços ou processos inovadores. A realização de projetos em parceria com organizações públicas e privadas apresenta-se como condição primária na promoção de soluções inovadoras para a sociedade. (IFRS, 2018, p.56)

O IFRS - *Campus* Porto Alegre, localizado no Centro Histórico da capital, busca promover esta integração, através de várias iniciativas envolvendo projetos de ensino, pesquisa e extensão em diversas comunidades. Algumas dessas iniciativas, são mais pontuais e findam-se quando o projeto é concluído e outras se desenvolvem como verdadeiras parcerias, quase que permanentes e trazem diversas possibilidades de trocas de saberes entre todos os envolvidos para além do que poderia ser construído dentro dos muros de uma instituição de ensino, proporcionando um imenso potencial de contribuir, inclusive, com a identidade da Instituição.

A história do *Campus* Porto Alegre inicia-se em 1909 como Escola do Comércio de Porto Alegre e teve o início de suas atividades em 1910. Esta escola era anexa, mantida e custeada pela Faculdade Livre de Direito. Em 1916, a Escola foi declarada como de “utilidade pública” e teve a importância do seu trabalho reconhecida pelo Governo Federal. Em 1934, foi criada a Universidade de Porto Alegre e a Faculdade de Direito e sua Escola de Comércio passaram a compô-la, tornando-se parte desta instituição.

Em 1945, foi criada a Faculdade de Economia e Administração e a Escola de Comércio passa a integrá-la, desvinculando-se da Faculdade de Direito. Cinco anos depois, em 1950, a Universidade passa a ser administrada pelo Governo Federal, passando a denominar-se Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Escola de Comércio passa a se chamar Escola Técnica de Comércio da UFRGS, mas, somente na década de 1960, passa a ter diretoria própria.

Com a chegada da Lei 5692, de 11 de agosto de 1971, que reformou a LDB (Lei de Diretrizes Básicas da Educação) de 1961, fixando novas diretrizes e bases

para o ensino de 1º e 2º graus, vários cursos em diferentes áreas foram criados para suprir a demanda daquele período, porém, somente em 1994, depois de muita luta e de uma profunda expansão, finalmente a Escola Técnica de Comércio da UFRGS recebe sua sede própria. Com todas essas mudanças relacionadas aos cursos criados e à visão sobre o ensino técnico, ela passou a se chamar Escola Técnica da UFRGS em 1996.

No ano de 2008, a Educação Profissional e Tecnológica passa por uma profunda transformação, através da Lei 11.892 de 29 de dezembro, que instituiu a Rede Federal de Educação Científica e Tecnológica e criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e a Escola Técnica da UFRGS passou a integrar esta rede, fazendo parte do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), como um de seus 17 campi, o *Campus* Porto Alegre. Atualmente, o *Campus* Porto Alegre conta com 12 cursos técnicos subsequentes, 4 cursos superiores, 1 curso técnico integrado PROEJA e 4 cursos de pós-graduação.

O *Campus* Porto Alegre mantém com o Parque Natural Morro do Osso (PNMO), localizado na zona sul da capital gaúcha, uma parceria sólida que foi construída através de atividades desenvolvidas nos pilares do ensino, da pesquisa e da extensão de forma bastante integrada. Essa sinergia teve seu início quando ele ainda era Escola Técnica da UFRGS e sua semente foi plantada antes mesmo da implementação do Parque. Ela trouxe importantes contribuições para as duas instituições, para os sujeitos que participaram dessas trocas e também para a sociedade. Essa área de preservação tem uma relação muito próxima com a população de Porto Alegre, sobretudo com os moradores da zona sul da capital gaúcha.

2.3.1 Um Pouco Sobre o Parque e o Contexto de sua Implantação

Para escrever esta importante contextualização histórica, busquei inspiração em pesquisas já realizadas, especialmente no trabalho de Costa (2014), que, embora seu tema de estudo seja distinto deste trabalho, elaborou uma brilhante contextualização da pesquisa na sua tese de doutorado. Dito isso, passo a fazer um breve relato sobre o Parque Natural Morro do Osso, o qual foi criado a partir de um grande movimento popular, que envolveu diversos atores, tais como: ambientalistas, comunidades do entorno, instituições de ensino, órgãos públicos, etc (Waldemar,

2019, p. 54). Teve seu início, de forma mais significativa, quando a urbanização de Porto Alegre se acelerava em direção à zona sul da capital gaúcha, derrubando imensas áreas verdes. Esta luta passou por várias etapas, durante décadas, com diferentes estratégias, até que o Parque fosse implementado como uma Unidade de Conservação. Essa batalha ainda persiste, pois ele está localizado em uma área nobre da cidade e os conflitos para utilização daquele espaço ainda existem. Além disso, parte da área que deveria ser destinada ao PNMO segue em disputa na justiça, com seus antigos proprietários.

Não pretendemos neste trabalho aprofundar estes aspectos, nem tão pouco discutir o mérito das motivações dos sujeitos que estão envolvidos nesta história, pois os detalhes do cenário destes conflitos são bastante complexos sendo temas de múltiplos estudos com os mais diversos olhares. Buscamos sim, de forma bem breve, falar um pouco sobre o contexto em que a batalha de manter aquela área preservada foi e vem sendo construída.

Afinal, de onde vem este nome: Morro do Osso? Existem várias hipóteses para essa origem, sendo duas as mais defendidas. Segundo Sestren-Bastos (2006), uma das suspeitas, a mais antiga, é de que havia no Morro um cemitério de indígenas da etnia Guarani. Essa tese surge a partir de um texto escrito pelo Dr. José Antônio do Vale Caldre e Fião sobre a história e lenda do Passo da Areia, intitulado “*Ibuicui-Retã*”. Em decorrência desse fato, foi realizado um estudo arqueológico da área e o relatório dessa investigação foi entregue ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1994. Segundo essa investigação, não havia vestígios ou evidências de que ali seria, de fato, um cemitério Guarani. Outra possibilidade para a origem do nome seria de que, no topo do Morro, se jogava o “Jogo do Osso”, uma prática que era proibida quando envolvia apostas por dinheiro. Dessa forma, lá de cima os jogadores poderiam avistar a polícia a tempo.

O uso intensivo daquela área vem de longa data. Sestren-Bastos (2006) menciona que havia sido relatado por um ex-proprietário que, na década de 1940, parte da mata nativa do Morro fôra derrubada para plantio de exóticas como acácia negra e que as queimadas eram recorrentes. A autora aponta que, em 1979, o Morro do Osso foi considerado “área de preservação ecológica” (LC n° 43, de 21 de julho de 1979) pelo Plano Diretor da capital. Porém, mesmo reconhecendo-se a importância

de preservação que aquela área guardava, na década de 1980, o Morro do Osso sofreu severos impactos resultantes da exploração de pedreiras, que ainda traziam junto as queimadas e a derrubada de árvores para abrir caminho para o transporte das pedras. Ainda existem resquícios deste período naquele local.

A partir da década de 1990 a urbanização da cidade cresce em direção a zona sul, o que coloca mais uma vez a proteção do Morro e da biodiversidade que existe lá em risco, e segundo Sestren-Bastos (2006) esta expansão,

[...] praticamente cercou a área prevista para parque, tornando-a insular, com a retirada de vegetação florestal para a construção de casas e condomínios fechados, sendo estes responsáveis, atualmente, pela maior derrubada de árvores, pois as construções ocupam, muitas vezes, mais de 90% da área de cada terreno. (Sestren-Bastos, 2006, p. 14)

O movimento para transformá-lo em uma área de preservação não aconteceu de forma isolada. Ela fez parte de uma conjuntura global e local de fortalecimento dos movimentos populares e que convergiram para que esta batalha fosse possível. Para falar um pouco sobre essa história, vou voltar até as décadas de 1960, 1970 e 1980. Esse foi um período bastante efervescente dos movimentos populares no mundo todo, sobretudo os movimentos ecológicos em função de problemas ambientais ocasionados sobretudo pelo uso de agrotóxicos e pelo aumento da industrialização dos processos de produção de forma desordenada, que geraram imensos danos, tanto ao meio ambiente, como à saúde humana. Esta preocupação passou a fazer parte de discussões governamentais como relata Passos (2009), citado por Prunzel et al (2020):

A preocupação com a conservação da biodiversidade vem tomando cada vez mais destaque em instâncias de governo de diversos países do mundo, intensificando-se a partir da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, realizada em 1972 em Estocolmo, na Suécia, sendo um marco histórico político internacional para as políticas de gestão ambiental. (Passos, 2009 apud Prunzel, Marcuzzo e Dezorzi, 2020, p.1)

No Brasil, durante as décadas de 1960 e 1970, vivíamos um contexto de ditadura militar, e temas relacionados a movimentos reivindicativos como direitos trabalhistas, liberdade e direito à terra não eram abordados na grande imprensa, pelo menos não de forma a defender estas lutas. Porém, segundo Pereira, E., 2018, temas

ligados aos movimentos ambientalistas ou ecológicos não eram considerados subversivos, possibilitando muita divulgação nos meios de comunicação.

O movimento ecológico no Rio Grande do Sul (RS) ganhou força no início da década de 1970, quando diversas associações ambientalistas foram formadas. Segundo Pereira, E., 2008, o grande marco deste movimento no RS foi a fundação da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural, a AGAPAN, em 1971, na capital. Esta foi a primeira organização ambientalista brasileira e uma das pioneiras no mundo. Liderada pelo engenheiro químico José Lutzemberger e pelo advogado Augusto Carneiro, esta associação influenciou a criação de outras entidades de defesa ambiental, na região metropolitana e interior do Estado, sendo que algumas delas persistem até hoje. Para além da criação da AGAPAN, outros fatores foram determinantes para o surgimento dos movimentos ambientalistas no interior do Estado, um deles foi “(...) a percepção cada vez mais evidente da crise ambiental e seus desdobramentos, tanto nos grandes centros urbanos como nos municípios interioranos.” (Pereira, 2018, p. 22).

Em 1973, a Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA) foi criada vinculada ao Ministério do Interior (MINTER), sendo responsável pela execução de ações de proteção ambiental. A SEMA foi fundada, logo após a conferência de Estocolmo, com o objetivo de apaziguar as repercussões negativas de declarações como: “se os países ricos não quisessem as indústrias por causa da poluição, todas elas podem se transferir para o Brasil”, dita por um dos membros da delegação brasileira na conferência de Estocolmo. O Brasil vivia o “Milagre Econômico” e com isso negava-se qualquer proposta de frear o crescimento econômico⁹. Em 21 de dezembro de 1976, com a promulgação da Lei nº 4.235, foi criada oficialmente a SMAM, em Porto Alegre, sendo a primeira Secretaria Municipal de Meio Ambiente do Brasil, abrindo caminho para outras secretarias ambientais do país e do próprio Ministério do Meio Ambiente. Estudos realizados pelos técnicos desta secretaria apontavam espécies da fauna e da flora naquele local que foram fundamentais para justificar a criação de uma área de preservação no Morro do Osso.

⁹ Tais informações foram retiradas do site: (<https://historia-ambientalismo-educacao.blogspot.com/2018/06/historico-da-educacao-ambiental-no-1.html>). Acesso em 20/08/2024)

Outro fator bastante relevante que cabe ressaltar, e que foi defendido por Pereira (2018), é que este movimento tinha um formato multissetorial, reunindo pessoas de várias classes sociais e entidades de diversas áreas. Muitas delas militavam em mais de um movimento, por lutas distintas, e se uniam por um bem comum, que era a defesa de um meio ambiente mais saudável. Essa característica possibilitou que essa luta fosse mais unificada. Cabe salientar também, o papel importante que as instituições de ensino tiveram neste debate, sendo as universidades

(...) locus da discussão dos problemas ambientais por excelência. Principalmente os cursos voltados às ciências naturais, se pensarmos que boa parte dos fundadores da AGAPAN - e de outras entidades também - eram professores de Biologia (Zoologia e Botânica) de universidades gaúchas (Pereira, 2016 apud Pereira, 2018, p. 22).

As universidades contribuíram de forma essencial, através da realização de pesquisas, possibilitando uma discussão mais aprofundada e bem embasada, da problemática ambiental e dos danos causados por descuidos com relação à natureza.

Para além de temas como a conservação e a preservação de ambientes naturais, este período foi rico em discussões que envolviam outros fatores relacionados, como os políticos, os sociais, os econômicos e os éticos, que estavam diretamente ligados a essa crise ecológica, crise essa que era global. A defesa, naquele momento, era que se deveria mudar a ética que estava por trás de toda essa relação do homem com a natureza, que era uma ética antropocêntrica. Existia a necessidade de criação de uma nova ética, capaz de modificar a relação dos seres humanos com os elementos da natureza, a chamada ética biocêntrica, e que esta era uma questão de sobrevivência (Junges, 2010 apud Pereira, 2018, p.22).

Neste período, começam a surgir importantes publicações relacionadas a esse tema. Podemos considerar bastante emblemático o lançamento do livro “Fim do Futuro?”, escrito em 1976 por Lutzenberger. A obra consiste em um manifesto ecológico brasileiro e teve uma grande repercussão no País. Esse livro foi bastante importante porque lançou as bases teóricas para a difusão da ecologia como movimento político no Brasil. Trouxe conceitos relativos à ética biocêntrica, partindo de uma visão mais holística que apontava para uma ligação entre os seres humanos e a natureza como partes que não poderiam ser vistas em separado, uma vez que faziam parte da Terra, da vida na Terra como uma unidade, algo que não poderia ser

divisível. Através de uma linguagem contundente, buscava esclarecer a gravidade dos problemas ambientais que se intensificavam cada vez mais.

Outro fator relevante foi o caráter educativo que este movimento trazia, “[...] expresso na dedicação a atividades na área de educação ambiental.” (Pereira, 2018, p.36). A educação ambiental começa a surgir de uma forma bastante intensa como uma estratégia para poder ampliar o número de pessoas e de atores na luta. Eles acreditavam que as pessoas poderiam se engajar nessa luta a partir do momento em que tivessem consciência, ou uma percepção maior sobre o que estava acontecendo e conhecessem melhor seus espaços, ou seja, o contexto de forma mais ampla. Durante a década de 1980, a educação ambiental começa a ganhar maior espaço e a estratégia utilizada então pela AGAPAN foi justamente enfatizar a divulgação de práticas de educação ambiental nas cidades em que atuavam como verdadeiras redes com outros setores sociais, tais como o poder público, empresas de publicidade e a grande mídia. A estratégia era justamente privilegiar as demandas locais e, assim, por consequência, as práticas educativas que eram realizadas.

Este período foi marcado pelo processo de abertura política no Brasil, que culminou em 1985 com o movimento “**Diretas já**”, que lotou as ruas em todo país. A partir da redemocratização, que deixou para trás a ditadura militar, os movimentos ambientalistas foram ocupando cada vez mais um lugar de cidadania extremamente relevante na sociedade brasileira.

[...] o que se pode perceber quanto ao movimento ecológico é, portanto, seu desenvolvimento e ampliação, devido a, principalmente, três aspectos já analisados: 1º) a preocupação crescente com a manutenção e conservação dos recursos naturais; 2º) o processo de redemocratização vai tornar mais viáveis os discursos oposicionistas em geral e isso também inclui os ecologistas; 3º) a inserção das reivindicações dos ecologistas nos debates que envolviam o sistema institucional [...] (Soares, 2002, p.47)

É neste contexto que se fortaleceu a luta pela defesa do Morro do Osso, momento em que os movimentos populares, sobretudo os movimentos ambientalistas¹⁰, estavam bastante organizados e ocupavam esferas governamentais.

¹⁰ Segundo Pereira 2018 a distinção entre os termos movimento ecologista e ambientalista, está em que no primeiro as preocupações estariam mais voltadas à conservação e preservação da natureza, enquanto o segundo envolve uma série de lutas de caráter políticos enfocando as questões éticas em prol da natureza.

A cidade de Porto Alegre foi precursora nas discussões de temas ambientais no Brasil, tanto que a instituição ambiental pioneira no País e a primeira Secretaria Municipal do Meio Ambiente foi criada na capital gaúcha.

Prunzel et al (2020), citando Loureiro; Cunha, (2008), afirma que, na década de 1980, as questões ambientais passam a ser discutidas de forma mais contundente dentro do Estado e, a partir daí, começam a se formar os Conselhos Municipais, Estaduais e Federal de Meio Ambiente. Uma legislação começa a ser construída no sentido de proteção da natureza, passando esta a ser tutelada pelo Estado Brasileiro através de sua lei maior, a “Constituição Brasileira de 1988”.

A criação do Parque Natural Morro do Osso só foi possível pela persistência da luta popular de vários sujeitos, muitos deles na época ainda eram estudantes e hoje são referências em várias áreas. Em 1986, foi criada a Comissão Permanente de Defesa do Morro do Osso (CPDMO), constituindo-se “[...] no principal meio de defesa dos interesses do Morro do Osso, lutando incansavelmente contra as incorporadoras e demais proprietários de terra que procuram lotear seus terrenos [...]” (Waldemar, 2019, p. 54). Esta associação atuava, inclusive, junto ao Poder Público, buscando a implantação do Parque e tinha Joyce Loss à sua frente.

Em 1989, esta comissão participa do Fórum Municipal de Entidades, durante a elaboração da Lei Orgânica Municipal, na tentativa de aprovar uma Emenda Popular para a criação de um Parque Municipal. Naquele momento, o vereador Caio Lustosa tinha um projeto para “tombamento” daquela área. Porém, apesar de todo esforço, essa emenda não foi aprovada pela Câmara de Vereadores. O trabalho da CPDMO se intensificou, realizando panfletagem nas sinaleiras, palestras nos colégios do entorno, pressão junto aos órgãos públicos, reuniões periódicas nas associações de bairros e intervenções no orçamento participativo. Segundo Waldemar (2019, p. 55), o selo alusivo à defesa do Morro do Osso é de 1990 e foi desenhado por Vasco Prado, sendo a mesma figura pintada na parede de um prédio na Av. Wenceslau Escobar na época. Todo este esforço culminou na realização do primeiro passeio ecológico para a preservação da área e efetivação do parque, no mesmo ano.

Waldemar (2019, p. 56-57) apresenta a produção de uma revistinha para colorir, que foi desenvolvida por crianças da comunidade em prol da criação do parque, e que se chamava Amiguinhos da Natureza do Morro do Osso, demonstrando

o envolvimento da sociedade porto-alegrense, sobretudo a comunidade do entorno do Parque, com essa luta, sendo resultante da ação realizada em 1990.

Em 1992, milhares de pessoas se reúnem para discutir as questões ambientais no Rio de Janeiro, durante o evento Eco-92. Este evento envolveu governos de diversos países, mas foi bastante marcado pelas discussões em eventos paralelos de diversas entidades da sociedade civil organizadas, reforçando ainda mais o caráter popular dos movimentos em torno deste tema.

Em 05 de junho de 1994, em comemoração pela semana do meio ambiente, o então prefeito Tarso Genro assina o projeto de lei de criação do Parque. Em 1995, iniciam as primeiras obras de urbanização da área e, em 1998, o Parque recebe sua sede administrativa, que foi conquistada através do Orçamento Participativo (OP)¹¹.

Segundo Sestren-Bastos (2006, p. 6), no ano de 2000, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre firmou Convênio com o Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para a realização dos levantamentos necessários à elaboração do Plano de Manejo. Com esses dados, somados aos da pesquisa de avifauna desenvolvida pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), tornou-se possível a elaboração do guia “Fauna e Flora do Morro do Osso, Porto Alegre” (Mirapalmete, 2001). Mais uma vez, a parceria com instituições de ensino aparece, demonstrando a importância desta cooperação. Em 2006, o Plano de Manejo Participativo do Parque foi publicado.

Sestren-Bastos (2006, p. 6) ainda relata que o Plano de Manejo do Parque foi construído de forma participativa “[...] incorporando a participação ativa da comunidade vizinha ao Parque Natural do Morro do Osso (PNMO)”, o que corrobora com a ideia de uma participação popular em sua criação e implantação. Este documento é uma importante ferramenta para a gestão de uma UC e traz diversos estudos relacionados às características do Parque, sua história, sua categorização e consequentemente o planejamento do seu uso e manejo.

¹¹ Foi um processo implantado em 1989 pela Prefeitura de Porto Alegre, pelo qual a população decidia, de forma direta, a aplicação dos recursos em obras e serviços que seriam executados pela administração municipal. Disponível em <https://prefeitura.poa.br/smgov/orcamento-participativo>. Acesso em 31/08/2024.

2.3.2 Conexões

Buscamos, através deste estudo, investigar de que forma se deu a trajetória da parceria entre o IFRS *Campus* Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso, um espaço que tem como foco a conservação de uma área natural urbana de fundamental importância e que realiza, como estratégia para esse fim, a EA através da condução em suas trilhas interpretativas. Além disso, o Parque - uma instituição pública da esfera municipal - tem um enorme valor para a comunidade em que está inserida, prova disso é que ela foi criada através de uma demanda deste coletivo. Esta cooperação que, de um lado, contribui para a formação técnica e integral dos nossos discentes e, por outro, com a manutenção deste espaço e que foi objeto de estudo neste trabalho, tem como premissa um processo educativo fundamentado:

[...] sobre os três pilares, ensino, pesquisa e extensão, como dimensões formativas e libertadoras indissociáveis e sem hierarquização, a relação que a extensão estabelece com o ensino e a pesquisa é dinâmica e potencializadora. Ora a extensão intensifica sua relação com o ensino, oferecendo elementos para transformações no processo pedagógico, onde professores e alunos constituem-se como sujeitos do ato de ensinar e aprender, propiciando a socialização e a aplicação do saber acadêmico. Em outros momentos, intensifica sua relação com a pesquisa, utilizando-se de metodologias específicas, compartilhando conhecimentos produzidos pela instituição, e, assim, contribuindo para a melhoria das condições de vida da sociedade. (FORPROEX, 2012, p. 13).

A fim de tecer os fios que ajudaram a compreender como se desenrolou essa trajetória, realizamos uma pesquisa qualitativa, exploratória e de cunho histórico. Foram utilizadas como ferramentas a pesquisa documental e as narrativas de alguns dos sujeitos que fizeram parte desse caminhar. Este estudo teve um viés qualitativo, segundo o que defendem Silveira, Córdova (2009), quando dizem que:

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. [...] preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. (Silveira; Córdova, 2009, p.31).

Para complementar essa linha de argumentação, buscamos uma referência de Leite e Possa (2013, p. 23) que cita Chizzotti (2003) para justificar que a pesquisa qualitativa,

[...] implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após esse tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa. (Chizzotti, 2003 apud Leite e Possa, 2013 pág. 23).

Neste sentido, ancoramo-nos em diversos documentos garimpados¹² durante a análise documental. Propomo-nos a organizá-los de forma sistematizada, juntamente com as narrativas (História Oral) de alguns dos atores que fizeram parte desta trajetória, a fim de melhor construir um produto educacional, em formato de documentário, com o intuito de preservar essas memórias. E quem sabe futuramente este produto possa servir como fonte histórica para outros estudos, passando a ser uma fonte virtual que segundo Barros (2019), vem sendo cada vez mais utilizado em função do enorme universo virtual possibilitado pelos ambientes da internet e que devem ter o mesmo peso de uma fonte material.

Esses registros virtuais, que serão cada vez mais analisados pelos futuros historiadores como objeto de estudo e abordado como fontes históricas para investigação sobre temáticas diversas, devem ser vistos como possuidores da mesma qualidade de fontes históricas que os tradicionais documentos registrados no suporte-papel. (Barros, 2019, p.17).

Caracteriza-se como exploratória, pois seu objetivo principal é “[...] o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é flexível para possibilitar a consideração de diversos aspectos relativos ao objeto do estudo.” (Leite; Possa, 2013, p. 24).

Por ser um estudo de cunho histórico, a fim de promovermos este aprofundamento utilizamos fontes históricas que Barros (2019) define como,

[...] tudo aquilo que por ter sido produzido por seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações ou interferência, que pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no presente.” (Barros, 2019, p. 15)

O autor ainda argumenta que, “Também é verdade que os grandes processos naturais e planetários, mesmo sem a interferência originária do homem (mas incidindo

¹² Os mesmos estão melhor descritos na Metodologia.

sobre este), podem produzir vestígios que oportunamente poderão conformar Fontes Históricas". (idem). Apesar desta imensidão de possibilidades, neste estudo nos deteremos em fontes ou vestígios produzidos por humanos.

2.3.3 Memória

As narrativas dos sujeitos envolvidos foram fundamentais na organização desta memória. Segundo Grazziotin; Almeida (2012, p. 36) a "História Oral é um dos meios que promovem aproximações entre a História e a Memória" visto que "As histórias orais acrescentam uma dimensão não-oficial inestimável para "[...] a história educacional que, de outro modo, se encontra disponível apenas através da leitura - e contra-leitura - da documentação oficial." (Errante, 2000, p. 146). E o que é a memória? Para Schmidt; Mahfoud (1993, p. 289) "[...] memória é o trabalho de reconhecimento e reconstrução que atualiza os quadros sociais nos quais as lembranças podem permanecer e, então, articular-se entre si." Neste sentido, Pollak afirma que:

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (Pollak, 1992, p. 5).

Schmidt e Mahfoud (1993), ao trazer as reflexões de Halbwachs (1990), argumentam que "[...] o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre um trabalho do sujeito". (Schmidt e Mahfoud, 1993 p. 288 apud Halbwachs, 1990). Sendo assim denominado pelos autores,

O grupo de referência é um grupo do qual o indivíduo já faz parte e com o qual estabeleceu uma comunidade de pensamentos, identificou-se e **confundiu** seu passado. O grupo está presente para o indivíduo não necessariamente, ou mesmo fundamentalmente, pela sua presença física, mas pela possibilidade que o indivíduo tem de retomar os modos de pensamento e a experiência comum próprias do grupo. A vitalidade das relações sociais do grupo dá vitalidade às imagens, que constituem a lembrança. Portanto, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está sempre inserido num contexto social preciso. (Schmidt e Mahfoud, 1993 p. 288). (Grifo nosso).

Seguindo esta linha, buscamos organizar parte desta história através dessa memória, tendo como guia a narrativa dos “grupos de referência”, suas impressões e contribuições para que essa história fosse possível da forma como se deu. E para que pudéssemos desvendar essa trajetória, de forma mais aprofundada, além dos pressupostos colocados, buscamos apoio através de teóricos como: Gil (2002) para orientar a análise bibliográfica; Barros (2019) e Cellard (2012) para investigar e categorizar os documentos; e Souza (2012), Grazziotin e Almeida (2012), Errante (2000) e Amado (1997) para analisarmos a História Oral.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho é uma investigação de cunho histórico de natureza qualitativa e exploratória com relação aos seus objetivos. Caracteriza-se por ser de abordagem qualitativa, pelo fato de não se dedicar ao estudo de dados estatísticos e sim às relações existentes entre os sujeitos, objetos da pesquisa. A pesquisa qualitativa permite uma maior interpretação das mesmas e uma variedade de fontes de dados mais diversa, além de uma maior atenção ao contexto em que estão inseridos, o que se faz necessário quando buscamos reconstruir uma história, uma trajetória. Foi exploratória, pois “[...] teve como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito [...]” (Gil, 2002, p.41). Neste sentido, foram utilizados, como procedimento técnico, a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental, e a história oral (narrativas).

A pesquisa bibliográfica é definida por Gil (2002, p.44) como aquela que “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente por livros e artigos científicos”. Dentro desta categoria, foram utilizados neste estudo, artigos científicos, teses e dissertações, livros, publicações periódicas e impressos diversos relacionados com o objeto desta análise.

3.1 AS FONTES DA PESQUISA

Por se tratar de uma pesquisa de cunho histórico, fez-se necessário pensar acerca das fontes de pesquisa que foram utilizados e iniciamos definindo o que são documentos históricos ou, como atualmente é chamada pelos historiadores, fontes históricas: “As fontes históricas são marcas da história” (Barros, 2019, p.15) e segundo o autor, é todo e qualquer vestígio que pode, ou não, ter sido produzido pelo homem. Através desta definição fica clara a diversidade de fontes que podem ser utilizadas, passando por documentos oficiais - normativas e etc - ou não oficiais, como registros fotográficos, anotações, recortes de jornais e revistas e todo e qualquer outro tipo de fonte, que seja significativo no sentido “[...] de fornecer um testemunho ou um discurso proveniente de um passado humano, da realidade que um dia foi vivida e que se apresenta relevante para o Presente do historiador.” (idem p.16), incluindo-se aí a História Oral.

Para Barros, 2019, o primeiro passo para um historiador é avaliar a posição da fonte em relação ao processo histórico estudado, sendo esta a primeira ação que deve ser realizada ao buscar essas fontes. Antigamente elas eram classificadas (e hierarquizadas) em “fontes primárias” e “fontes secundárias”, o que causava uma dicotomia maior, porém hoje elas são classificadas em “fontes diretas” e “fontes indiretas” por permitirem uma intermediação no processo informativo ou de produção de uma fonte histórica, tornando-os mais próximos aos problemas e questões atuais. O autor salienta ainda que nenhuma fonte é absolutamente direta ou indireta e que essa hierarquização acontece de acordo com o objeto a ser alcançado. O mesmo classifica essas fontes levando em consideração:

1) a posição da fonte no que se refere a época; 2) a posição em relação aos fatos e ao processo histórico que está sendo especificamente examinado; 3) a posição ideológica no tocante aos acontecimentos narrados pelo autor da fonte (para o caso de fontes autorais); 4) a posição da fonte em relação ao problema tratado pelo historiador. (Barros, 2019, p. 31)

Para cumprir com os objetivos da pesquisa, foram utilizadas como fontes de dados os seguintes elementos: a pesquisa documental e os relatos orais, sendo essas fontes classificadas, além da sua posição, com relação à intencionalidade e materialidade, entre outros critérios, dentro da perspectiva deste mesmo autor. Todas as fontes são diretas, e sua intencionalidade reside na relação entre aqueles que elaboraram as fontes ou promoveram os relatos e sua relação com o Parque e o IFRS. As fontes documentais foram acessadas digitalmente e são, em sua maioria, natodigitais.

3.1.1 A Pesquisa Documental

A pesquisa documental, segundo Cellard (2012, p. 295) “[...] é insubstituível em qualquer reconstituição referente ao passado [...] pois não é raro que ele represente a quase totalidade das atividades humanas em determinadas épocas”. Importante salientar a diversidade e riqueza de documentos que podem ser analisados e cruzados através da pesquisa documental. Apresenta ainda, uma série de vantagens por serem os documentos fontes ricas e estáveis de dados, principalmente para quem deseja trabalhar com pesquisas de natureza histórica.

Nesta etapa foram analisados documentos normativos, projetos de pesquisa, de ensino e extensão realizados no PNMO submetidos no Sistema de Informação e Gestão de Projetos (SIGProj) do *Campus* Porto Alegre entre os anos de 2009 e 2023. Foram analisadas as propostas e os relatórios finais das atividades de extensão e a relação dos projetos de pesquisa realizados no Parque. Estes documentos foram cedidos pelas Diretorias de Pesquisa e Extensão do *Campus* Porto Alegre. Os Trabalhos de Conclusão de Cursos (TCCs¹³) foram disponibilizados pela Biblioteca do IFRS *Campus* Porto Alegre. Foi realizada uma busca na plataforma do CNPq das produções registradas e produtos gerados a partir dessas atividades, através dos currículos dos participantes destas ações, servidores do *Campus* Porto Alegre e os resultados foram apresentados em forma de anais de eventos e artigos.

Cellard (2012, pág. 298) defende que “Uma pessoa que deseja empreender uma pesquisa documental deve, com o objetivo de construir um corpo satisfatório, esgotar todas as pistas capazes de fornecer informações interessantes”. Neste sentido, a fim de compor essa diversidade que a análise documental nos proporciona, buscamos sites e redes sociais de ambas as instituições, entre outros relacionados ao objeto de pesquisa; fotos do acervo das duas Instituições; além dos mais diversos documentos do acervo pessoal de Joyce Loss e de Celson Canto Silva - sendo os mesmos, alguns dos sujeitos desta pesquisa.

A partir dessas leituras, sistematizamos informações, como os sujeitos participantes das ações; os desdobramentos destas ações; publicações; produtos gerados; palavras chaves; temáticas desenvolvidas e conexões entre os três pilares da formação integral, preconizadas pelos Institutos Federais. Foi possível também juntar documentos “testemunhos” de como e quando essa trajetória iniciou e de que forma ela foi e vem sendo construída.

3.1.2 A História Oral

Por fim, a História Oral. Essa metodologia ganhou força no Brasil, em meados da década de 1970 e início da década de 1980, e tem sido bastante empregada em estudos culturais por sociólogos, antropólogos e historiadores, tornando-se uma

¹³ Nesta pesquisa classificamos como sendo de ensino por serem obrigatórios para conclusão de curso.

grande aliada nos estudos de História da Educação. “A História Oral é um dos meios que promovem aproximações entre História e Memória.” (Grazziotin, Almeida, 2012, p. 36) e são fundamentais, pois permitem narrativas de sujeitos envolvidos na pesquisa para além dos documentos oficiais. Apesar de ainda existirem críticas à utilização da história oral como metodologia confiável, por serem construídas a partir da memória (individual e/ou coletiva) como fonte/documento e, em função disto, produzir representações e não reconstituições do real, Pollak (1992), defende o uso desta fonte ao dizer que:

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta. (Pollak, 1992, p. 8).

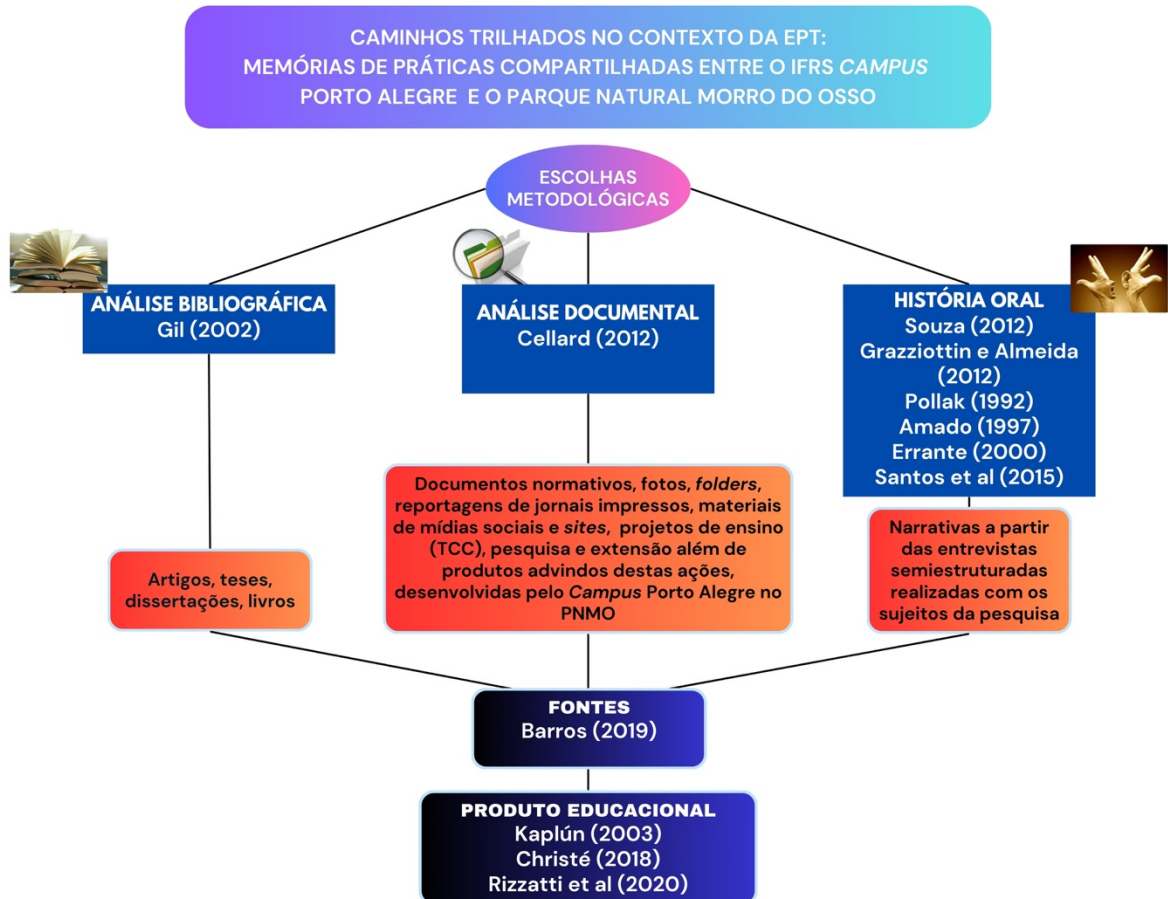
Segundo o autor, o historiador sempre fará uso também de documentos, para construir a história, sendo o seu trabalho intermediar essas fontes. E que “[...] a coleta de representações por meio da história oral, que é também história de vida, tornou-se claramente um instrumento privilegiado para abrir novos campos de pesquisa” (idem). O que demonstra a riqueza trazida por esta metodologia.

A utilização da história oral é uma importante opção pela “[...] possibilidade que a oralidade representa para elucidar trajetórias individuais e coletivas [...] conferindo status a uma nova abordagem histórica”. (Souza, 2012, p.74). Nesta metodologia, o documento principal é a narrativa que deve ter como suporte “[...] apontamentos, observações e registros (notas de campo) [...]” (idem, p.77) que ajudarão na composição da pesquisa. O autor salienta que a análise de dados bibliográfico, documental e história oral - o que ele chama de triangulação - de uma forma mais dialógica, permite uma maior compreensão do contexto do estudo, pois proporciona a utilização das narrativas, das imagens como documentos, além dos documentos oficiais, para a construção desta história.

Essa triangulação também é defendida por Errante (2000, pág.147), que acrescenta, ainda, que cruzar as histórias individuais narradas entre si com outras publicações e documentos oficiais, além de ajudar a validar os “fatos” narrados, também auxiliam a dar sentido no quanto a experiência pessoal pode refletir as

coletivas. A figura 1, a seguir, apresenta, de forma resumida, as escolhas metodológicas desta pesquisa.

Figura 1: As escolhas metodológicas da pesquisa



Fonte: produzido pela autora (2024)

3.2 UNIVERSO E AMOSTRA

Investigar a trajetória da parceria do IFRS com o PNMO passou por conhecer as ações realizadas de 2009 a 2023, dentro dessa cooperação, para buscar quem foram os atores envolvidos nestas atividades (universo dos sujeitos). Ao longo desses quatorze anos de parceria, inúmeras ações foram - e ainda estão sendo - realizadas, envolvendo centenas de sujeitos, sejam servidores e discentes do IFRS - *Campus* Porto Alegre, servidores do próprio PNMO e pessoas que participaram das ações realizadas e que não estavam vinculadas a nenhuma das duas instituições.

Após identificar o conjunto de sujeitos envolvidos nas ações, pensamos em critérios para definir uma amostra representativa de atores que seriam convidados para participar da pesquisa, a fim de cumprir com a etapa da História Oral. Essa etapa foi bastante desafiadora, pois foi necessário desenvolver critérios para compor a nossa amostra de forma mais representativa, já que não seria possível entrevistar todo o universo de pessoas que participaram das atividades. Inicialmente, pensamos em ter como amostra os sujeitos que participaram das práticas que tiveram uma certa continuidade, e que não eram apenas pontuais, mas que geraram desdobramentos no sentido de ter incentivado os participantes a realizar outras atividades individuais e/ou coletivas.

No entanto, após realizar a análise destas ações, consideramos que seria importante agregar outros critérios para definirmos a amostra. Desta forma, buscamos sujeitos que poderiam, através de suas narrativas, nos ajudar a reconstruir de forma mais representativa esta trajetória. Para tanto, acrescentamos os seguintes critérios para a escolha dos sujeitos da amostra: pessoas que participaram das primeiras ações realizadas através desta parceria (servidores do IFRS, do Parque e egressos do IFRS); servidores do IFRS de diferentes formações e que contribuíram de formas distintas nas atividades; alguns dos discentes que se envolveram de forma mais significativa trazendo maiores desdobramentos; egressos de cursos de condutores ambientais PRONATEC (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego), além de um participante de uma ação de extensão realizada no Parque e que hoje fazem parte da APACA e a pessoa que esteve à frente da luta para a criação e implantação do PNMO. Os dados da História Oral foram obtidos através da realização de entrevistas semiestruturadas, que foram gravadas e filmadas. Esta ferramenta ao mesmo tempo que permite ao entrevistador seguir um roteiro no sentido de alcançar o objetivo de sua pesquisa de maneira mais organizada, proporciona ao entrevistado deixar fluir suas memórias de forma mais livre.

3.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Para melhor estruturar e sistematizar o estudo dividimos e classificamos os sujeitos selecionados através dos critérios apontados acima. Foi necessário fazer esta

segregação para melhor definir a entrevista aplicada. Eles foram divididos dentro de três grupos principais, quais sejam:

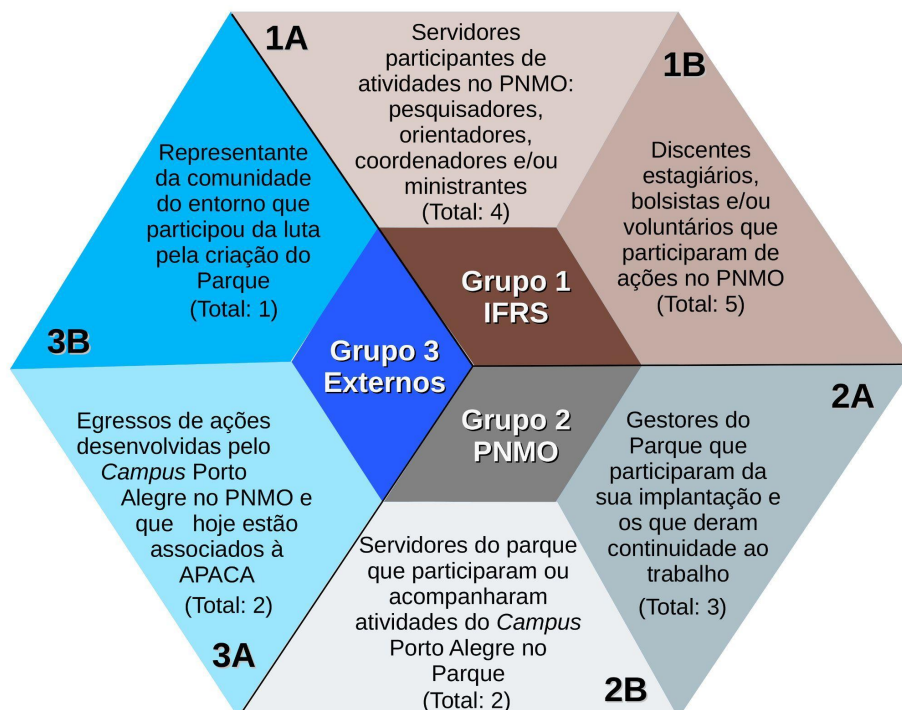
Grupo 1 - do IFRS - estagiários, bolsistas ou voluntários participantes das ações e os servidores pesquisadores, coordenadores e/ou ministrantes de atividades no Parque;

Grupo 2 - do PNMO - gestores e servidores do Parque, estando neste escopo os que participaram do seu processo de implantação, os que deram continuidade e os que trabalham atualmente e que acompanharam e/ou participaram das atividades realizadas pelo *Campus* Porto Alegre naquele local;

Grupo 3 - Externos - egressos das atividades de extensão realizadas no PNMO e que hoje fazem parte da APACA, além de uma representante da comunidade do entorno que participou de forma contundente na luta pela preservação do Morro do Osso, sendo uma das maiores referências nesta luta.

A figura 2, abaixo, descreve de forma mais sistematizada os grupos participantes e o número de representantes de cada um. Cabe salientar que todos os entrevistados são maiores de 18 anos e que seguimos todos os protocolos do CEP (Comitê de Ética em Pesquisa), tendo sido aprovado conforme Parecer Consubstanciado CEP/IFRS nº 6.072.287 de 22/05/2023.

Figura 2: Descrição dos sujeitos da pesquisa



Fonte: produzido pela autora

A participação dos sujeitos de pesquisa se deu em varias etapas, descritas a seguir:

Etapa 1: Diz respeito aos contatos com os participantes e que se deu por telefone. Neste momento, foi realizada a apresentação do estudo, o convite para participação e o posterior agendamento de cronograma para a escuta individual dos voluntários.

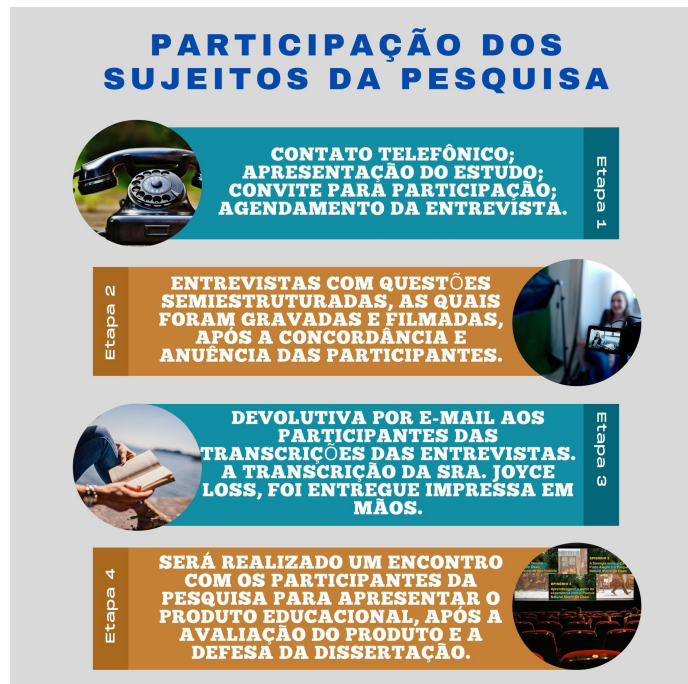
Etapa 2: Realização de entrevistas com questões semiestruturadas, as quais foram gravadas e filmadas, após a concordância e anuência das participantes mediante a assinatura do preenchimento do TCLE (que contou com consentimento para uso da imagem)¹⁴.

Etapa 3: Devolutiva aos participantes das transcrições das entrevistas por *e-mail*, para que os sujeitos tivessem opção de suprimir o que julgassem que não deveria aparecer no estudo. A transcrição da Sra. Joyce Loss foi entregue impressa e em mãos em sua residência.

Etapa 4: Será realizado um encontro com os participantes da pesquisa para apresentar o produto educacional, após a avaliação do produto e defesa da dissertação. Todos os pesquisados serão convidados e o encontro acontecerá na sede do PNMO. Esta reunião se dará antes do produto educacional ser publicado nas redes sociais e no NuMem, oportunizando que eles sejam os primeiros a terem contato com o documentário produzido a partir de suas contribuições. A figura 3, abaixo, sistematiza as etapas ocorridas.

¹⁴ O modelo utilizado está no Apêndice 2. Optamos por disponibilizar apenas os modelos do TCLE em cumprimento a Lei Federal 13.709 de 2018 que trata da proteção e armazenamento de dados.

Figura 3: Etapas de participação dos Sujeitos da Pesquisa



Fonte: Produzido pela autora (2024)

Foram realizadas dezessete¹⁵ entrevistas, distribuídas conforme as figuras 4 e 5, abaixo apresentadas. O local das entrevistas foi acordado com cada sujeito da pesquisa, a partir do primeiro contato, em função da disponibilidade do mesmo e levando em consideração o espaço no qual o entrevistado se sentisse mais confortável ou que lhe causasse o menor transtorno possível. Duas delas (egressos) foram realizadas de forma virtual através do aplicativo do “*Google meet*”. As entrevistas tiveram tempo médio de uma hora e foram realizadas no *Campus* Porto Alegre, as dos seus servidores e egressos; no PNMO, as dos gestores e dos demais servidores do Parque, assim como as dos integrantes da APACA. A entrevista da representante da comunidade do entorno, na sua residência. Essa etapa ocorreu entre os meses de novembro de 2023 e março de 2024.

¹⁵ Tivemos um problema técnico e não foi possível utilizar o vídeo da entrevista do Heleno Quintana Cabral, servidor do Parque. Tentamos refazer a entrevista, porém não foi exequível. Este fato nos deixou bastante consternadas, mas são situações que podem, por vezes, fugir do nosso controle. O áudio foi utilizado na análise das entrevistas e ele é citado no Produto Educacional.

Figura 4: Apresentação dos sujeitos do Grupo 1

SUJEITOS DO GRUPO 1

1A

Servidores do *Campus* Porto Alegre

1B

Egressos do *Campus* Porto Alegre



Celson Roberto Canto Silva
Biólogo, servidor docente do *Campus* Porto Alegre. Coordenou diversas ações de ensino, pesquisa e extensão no Parque, antes mesmo de ser servidor do *Campus* Porto Alegre e da implantação do Parque.



Eloísa Solyszko Gomes
Enfermeira, servidora técnico-administrativa em educação do *Campus* Porto Alegre. Foi ministrante no Curso de Extensão de Formação de Conductor Ambiental Local, no Parque Natural Morro do Osso.



Luiz Felipe Velho
Engenheiro cartográfico, servidor docente do *Campus* Porto Alegre. Atuou em vários projetos e na pesquisa que uniu Geoprocessamento com Uso Público em UCs, abrindo caminho para outros trabalhos na linha.



Simone Caterina Kapusta
Oceanóloga e servidora docente, orientou o primeiro trabalho acadêmico realizado no Parque, que teve seu início na Escola Técnica da UFRGS e seu término no *Campus* Porto Alegre do IFRS, após a transição.

Fernanda Giordani
Técnica em Meio Ambiente e Tecnóloga em Gestão Ambiental, egressa do *Campus* Porto Alegre. Por iniciativa própria, foi autora do primeiro trabalho acadêmico realizado no Parque, quando ainda era aluna da antiga Escola Técnica da UFRGS.



Gabriela Trentini Feijó
Tecnóloga em Gestão Ambiental pelo *Campus* Porto Alegre, atuando em diversos projetos de extensão no Parque, incluindo o TCC. Atuou na criação do GAUPUC. Fez o mestrado no tema Educação Ambiental em Unidades de Conservação na UERGS.



Isadora Flores Rech
Técnica em Meio Ambiente e Tecnóloga em Gestão Ambiental pelo *Campus* Porto Alegre. Aluna da primeira turma do Tecnólogo, participou de projetos de extensão e realizou seu TCC no Parque.



Luana Daniela da Silva Peres
Tecnóloga em Gestão Ambiental do *Campus* Porto Alegre, atuou em várias ações no Parque, incluindo o TCC. Participou da criação do GAUPUC. Levou o tema Geoprocessamento em UCs para o mestrado na UFRGS.



Renan Floriano da Silva
Licenciado em Ciências da Natureza do *Campus* Porto Alegre, egresso da primeira turma. Fez estágio no Parque, bem como o TCC, voltado para identificar as oportunidades pedagógicas das trilhas do Parque.



Fonte: produzido pela autora (2024).

Figura 5: Apresentação dos sujeitos dos Grupos 2 e 3


SUJEITOS DO GRUPO 2

2A


Gestores do PNMO

2B


Servidores do PNMO



Cláudia de Britto Velho Ruschel
Engenheira Agrônoma, mestre em Ciência do Solo e Microbiologia Agrícola. É gestora do Parque Natural Morro do Osso, desde 2020. Também atuou na chefia da Unidade de Proteção do Ambiente Natural.




Maria Carmem Sestren-Bastos
Bióloga, foi a primeira gestora do Parque e atuou de forma significativa na sua implantação. Foi gestora técnica do Parque de 2003 à 2011, e coordenadora do Plano de Manejo Participativo do PNMO (2006).




Silvio Souto
Bacharel em Administração, foi gestor administrativo do PNMO de 2010 à 2020. Atuou na melhoria da infraestrutura do Parque e consolidou atividades anuais, como o Festival de Pandorgas.

Rubilar Ritta Jobim
Técnico em Guia de Turismo, servidor do PNMO desde 2014. Atua como capataz do Parque, também é condutor ambiental, egresso do Curso PRONATEC de Formação de Condutores de Visitantes.



Heleno Cabral Quintana
Biólogo, servidor do PNMO de 2009 à 2014. Atuou com Educação Ambiental no Parque, em especial com professores da rede pública, desenvolvendo palestras, oficinas e conduzindo nas trilhas.




SUJEITOS DO GRUPO 3

3A


Externos - Egressos de Cursos de Formação de Condutores Ambientais e membros da APACA

3B

Externos - Implantação do Parque




Janaina Canto
Bacharel em Administração, egressa do Curso PRONATEC de Formação de Condutores de Visitantes, idealizadora da APACA (Associação Porto-alegrense de Condutores Ambientais).



Jean Pierre Corseuil
Pedagogo, egresso do Curso de Extensão de Formação de Condutor Ambiental Local, membro da APACA. Colaborador do Jornalecão, jornal de bairro da zona sul, desde 1994. Frequenta o Parque desde criança.

Joyce Theresinha da Silveira Loss
Licenciada em Ciências Sociais, Joyce foi uma das principais personalidades que atuou, durante décadas, na implantação do Parque Natural Morro do Osso.



Fonte: produzido pela autora (2024).

3.4 DOCUMENTÁRIO

Em seu artigo que trata da avaliação de produtos educacionais, Chisté (2018) reforça a obrigatoriedade dos mesmos para a conclusão do Mestrado Profissional quando diz que, “O trabalho final do curso deve incluir um relato fundamentado dessa experiência, do qual o produto educacional desenvolvido é parte integrante.” (Chisté, 2018, pág. 331). A fim de cumprir este quesito, organizamos essas memórias em um documentário - mídia educacional¹⁶, com três episódios, que foi construído a partir das narrativas dos sujeitos da pesquisa, gravadas em vídeo e dos demais registros advindos da pesquisa documental como documentos normativos; sites das duas instituições e redes sociais do IFRS-Campus Porto Alegre e PNMO, assim como da APACA e do GAUPUC (Grupo de Apoio ao Uso Público em Unidades de Conservação), além de recortes de jornais e fotos do acervo pessoal de dois dos entrevistados (Joyce Loss e Celson Canto Silva).

Importante salientar, também, que o Produto Educacional “[...] deve surgir a posteriori, nesse processo, sendo (minimamente) testado na realidade para o qual foi previsto e pensado [...]” (Rôças; Bomfim, 2018, pág. 5 apud Rizzatti et al, 2020, pág.3). Para que pudéssemos realizar a análise deste produto, utilizamos como instrumento avaliativo um formulário do “Google” enviado por e-mail, contendo os “links” dos três episódios, para sujeitos que fazem parte de Núcleos e/ou de Centros de Memória de Instituições de Educação Profissional e Tecnológica. Optamos por encaminhar a avaliação desta mídia para estes atores em função de que um dos objetivos principais deste estudo foi o de organizar as memórias de trabalhos realizados entre IFRS Campus Porto Alegre e o PNMO e imaginamos que os mesmos teriam uma maior experiência para avaliar um documentário com este propósito.

A fim de viabilizar essa análise, foi primeiramente realizado um contato através de e-mail, com o atual coordenador do NuMem-IFRS, o servidor Marcelo Vianna, para explicar a proposta deste estudo, assim como seus objetivos e metodologias,

¹⁶ Os produtos deverão ser registrados preferencialmente em formato digital (pdf ou outro) e estar com link disponível no sítio internet da instituição, e usar a tipologia com as seguintes categorias: mídias educacionais; protótipos educacionais e materiais para atividades experimentais; propostas de ensino; material textual; materiais interativos; atividades de extensão e desenvolvimento de aplicativos. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/480/o/DOCUMENTO_DE_AREA_ENSINO_2016_final.pdf Acesso em: 18 de setembro de 2024.

ressaltando a importância da avaliação do produto educacional por parte daquele grupo, por termos a pretensão de disponibilizar o fruto desta pesquisa, o respectivo produto educacional, neste repositório institucional. O mesmo se prontificou em encaminhar a solicitação de avaliação, juntamente com o formulário “Google” contendo os “links” do documentário que ele havia recebido, para os demais membros do NuMem. Esta etapa foi realizada entre os dias 20 e 27 de agosto de 2024. A partir deste esforço tivemos contribuições de cinco avaliadores. Tendo em vista que obtivemos um número relativamente pequeno de respostas das coordenações dos NuMems locais (*Campi*), foram realizados contatos com responsáveis por outros Centros de Memória na esfera da EPT fora do IFRS. Conforme já dito anteriormente foram estes: Centro de Memória do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) e do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). Essa fase ocorreu entre os dias 27 de agosto e 02 de setembro de 2024. Importante ressaltar que todos os participantes têm mais de 18 anos.

Amado, 1997, cita procedimentos que para ela são fundamentais no sentido de regular as questões éticas em uma pesquisa, sejam eles:

Citações corretas de trechos, títulos, autores e locais de guarda dos documentos; atribuições dos créditos intelectuais a quem de direito; fidelidade às fontes [...]; transparência de conceitos e da metodologia utilizados; exposição das lacunas, dúvidas e incertezas da pesquisa [...]. (Amado, 1997, p.146)

Esses procedimentos se fazem necessários dentro de qualquer pesquisa, seja na coleta de dados por história oral ou escrita. Além destas estratégias, ainda julgamos necessário devolver ao pesquisado a transcrição da entrevista, para que ele tivesse a possibilidade de suprimir o que julgasse que não deveria ser utilizado de suas falas, para a construção da dissertação e do produto educacional. Além disso, tanto os (as) entrevistados(as), como os (as) avaliadores(as) foram orientados(as), no momento da assinatura do TCLE, que poderiam desistir de participar da pesquisa, ou análise do produto a qualquer momento, independentemente do motivo.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção apresentaremos parte dos resultados obtidos através da análise documental e história oral. Cabe salientar que boa parte dos dados obtidos foram compilados no Produto Educacional.

4.1 ANÁLISE DOCUMENTAL

Como relatado na seção anterior, a análise documental compreendeu a coleta e o estudo de uma diversidade de documentos oficiais, privados (de alguns dos entrevistados), além da investigação das ações desenvolvidas através da cooperação entre as duas instituições, as produções acadêmicas e os produtos gerados resultantes destas atividades. Parte destes dados foram utilizados na construção do produto educacional, assim como na elaboração de resumos apresentados em eventos acadêmicos, sendo eles o I Encontro do NuMem¹⁷ e o 8º Salão de Pesquisa, Extensão e Ensino¹⁸, ambos do IFRS.

A pesquisa também proporcionou o aprofundamento destes estudos em dois capítulos de livros virtuais, sendo um no evento do NuMem e o outro fazendo parte do *e-book* produzido pelo ProfEPT- IFRS (informação também citada na metodologia). Ambos estão em fase de finalização pelos organizadores.

A seguir apresentaremos de forma mais sistematizada os trabalhos desenvolvidos resultantes desta parceria.

4.1.1 Trabalhos Desenvolvidos

Organizamos os dados obtidos no levantamento feito junto às Direções de Extensão, de Pesquisa e a Biblioteca Clóvis Vergara Marques do IFRS *Campus* Porto Alegre, das ações realizadas através dessa cooperação, durante o período de 2009 e 2023, na figura 6 abaixo. Buscamos revelar nesta sistematização os atores participantes destas atividades ligados ao IFRS *Campus* Porto Alegre, assim como os

¹⁷ Resumo do trabalho apresentado no I Encontro do NuMem, 2023. Disponível em: <https://memoria.ifrs.edu.br/wp-content/uploads/sites/4/2023/10/Livro-de-resumos-final-I-Encontro-NuMem-IFRS.pdf>. p. 38-39. Acesso 02/10/2024.

¹⁸ Resumo do trabalho apresentado no 8º Salão de Pesquisa, Extensão e Ensino do IFRS, 2024. Disponível em: https://eventos.ifrs.edu.br/index.php/Salao_IFRS/8salao/paper/viewFile/15696/7682. Acesso 02/10/2024.

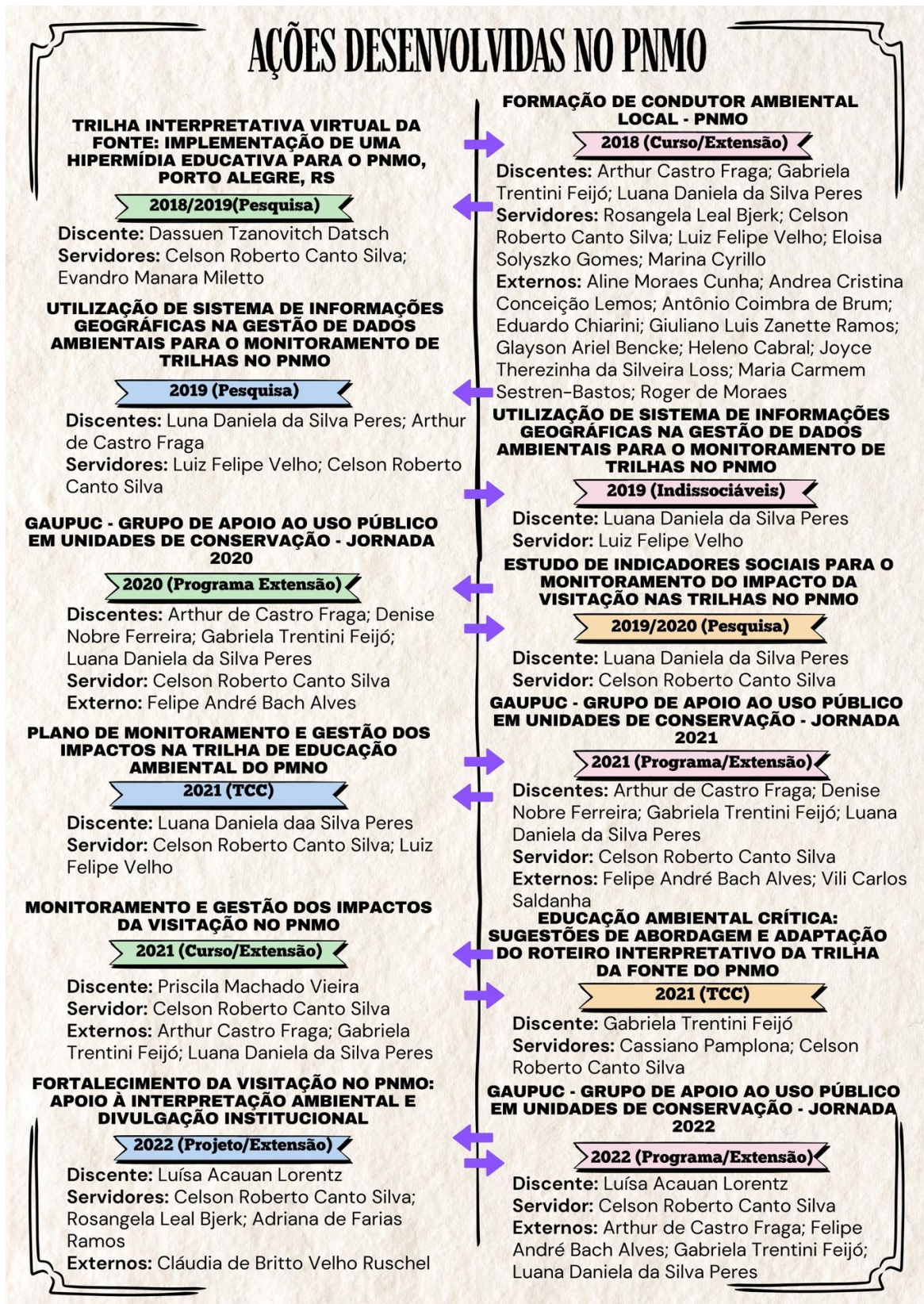
membros externos convidados. Trouxemos também neste arranjo, os tipos de ações e seus respectivos títulos.

Figura 6: Ações desenvolvidas no Parque Natural Morro do Osso - Parte 1



Fonte: Produzida pela autora (2024).

Figura 7: Ações desenvolvidas no Parque Natural Morro do Osso - Parte 2



Fonte: Produzida pela autora (2024).

Dentro deste recorte revelamos em torno de 50 (cinquenta) pessoas atuantes nas ações, um número que nos parece bastante expressivo se pensarmos que estamos falando em sujeitos que se envolveram apenas na coordenação, organização e execução destas atividades, não considerando o público-alvo participante. Aqui reside um fator que relatamos na metodologia como sendo desafiador, pois não foi possível entrevistar todos os atores participantes das atividades e precisamos fazer escolhas, através de critérios bem definidos, para delimitarmos nossa amostra.

Ao total foram registradas 23 práticas, sendo 11 de extensão, 7 de ensino¹⁹ e 5 de pesquisa. Ficou evidenciado nesta investigação que a maioria dos sujeitos se engajaram em mais de uma atividade. As atividades contaram com alunos dos cursos Técnico em Meio Ambiente, Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental, Licenciatura em Ciências da Natureza e Tecnologia em Sistemas para Internet, sendo a grande maioria dos três primeiros cursos citados.

No intuito de melhor sistematizar estes documentos, nos amparamos em Cellard (2012, p. 295), que defende que o documento escrito “permite acrescentar a noção de tempo à compreensão do social”. Neste sentido, optamos por organizar os dados de forma cronológica por considerarmos importante demonstrar o desencadear destas ações, que refletem uma continuidade e aprofundamento dos estudos e atividades que foram desenvolvidas ao longo desta trajetória.

Graças ao documento²⁰, pode-se operar um corte longitudinal que favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, etc, bem como o de sua gênese até os dias de hoje. (Tremblay, 1968, p.284 apud Cellard, 2012, 295)

Outro fator que surgiu neste formato de arranjo foi a observação da atuação de alguns sujeitos, que cooperaram enquanto discentes e, depois de egressos, passaram a colaborar como membros externos. Este fato corrobora com a ideia de manutenção desta interlocução e do prosseguimento dos vínculos com o PNMO resultantes das ações desenvolvidas.

¹⁹ Os TCCs foram considerados atividades de ensino.

²⁰ Aqui o autor faz referência ao documento escrito.

A interação com o PNMO, proveniente destas atividades, apresenta um grande potencial de contribuir tanto para a formação integral dos nossos estudantes, quanto para o fazer dos trabalhadores do Parque e egressos dos cursos de Condutores Ambientais Locais e Condutores Ambientais (PRONATEC) realizados neste *Campus*, e que atualmente se organizam através de uma associação, a APACA. Este coletivo busca a geração de renda através da condução em trilhas interpretativas em UCs e a associação foi incubada pelo *Campus* Porto Alegre.

Se por um lado, os discentes e servidores do IFRS-*Campus* Porto Alegre têm a possibilidade de experimentar aquela área como um grande laboratório natural; por outro lado, estas ações produziram pesquisas e tecnologias que contribuíram com o fazer dos sujeitos que trabalham no Parque, como gestores, servidores e condutores ambientais. Essas potencialidades aparecem de forma bastante significativa nas entrevistas que foram organizadas no Produto Educacional e chamamos de sinergia.

As ações realizadas tinham como principal propósito potencializar o uso público do Parque, de forma ordenada. O PNMO possui um Programa de Uso Público que tem como objetivo “[...] ordenar, orientar e direcionar o uso da unidade de conservação pelo público, promovendo o conhecimento do meio ambiente como um todo [...]” (Sestren-Bastos, 2006, p. 55). A autora salienta que esse uso “[...] é permitido e interessante para a manutenção da Unidade de Conservação, pois a contemplação leva as pessoas a entender o grande valor da preservação.” (idem, p. 56)”. Porém ele deve ocorrer de forma que cause o menor impacto negativo possível, pois estamos falando de uma área de preservação ambiental.

Para uma melhor compreensão, dividimos as atividades registradas em duas categorias. A primeira visou divulgar o Parque, assim como estimular e qualificar a sua visita. Para tanto foram realizadas ações relacionadas à *educomunicação*; à criação de trilhas interpretativas específicas para um determinado grupo de visitantes; à formação de condutores de visitantes; à adequação de roteiros interpretativos pré-existentes e etc. Estavam referentes à Educação Ambiental e utilizaram ferramentas para aproximar as comunidades do entorno desta área protegida, utilizando as diretrizes propostas na Estratégia Nacional de Comunicação e Educação Ambiental (ENCEA) para as unidades de conservação do SNUC entre as quais prevê:

[...] a valorização da troca de saberes entre os diferentes segmentos que se relacionam com a gestão da UC utilizando a educomunicação para valorizar técnicas sustentáveis sobre usos tradicionais da biodiversidade; [...] estímulo a produção coletiva de materiais didáticos, ferramentas de comunicação e outros instrumentos pedagógicos de educação ambiental, com a participação comunitária e com base nas realidades e demandas locais; [...] implementação de programas de inclusão digital junto às comunidades residentes nas UCs e entorno para troca de experiências e produção local de informações com foco na sustentabilidade. (Brasil, 2011)

A segunda categoria esteve relacionada com a preocupação de um uso público ordenado e com a conservação daquele espaço. Essa inquietação aparece já no primeiro trabalho desenvolvido que visou criar um sistema de monitoramento de trilhas através de plantas indicadoras de impactos por pisoteio. Posteriormente foram desenvolvidas outras pesquisas com o intuito de criar indicadores capazes de monitorar os possíveis impactos negativos causados pelo aumento da visitação. O aprofundamento de tais estudos culminou na elaboração de um plano de monitoramento e uma respectiva planilha, com diversos indicadores, a fim de acompanhar estes possíveis impactos.

Em 2017, foi criado o GAUPUC como uma atividade de ensino. O grupo nasceu por iniciativa dos estudantes do curso superior de Gestão Ambiental, com o intuito de estudar a Gestão Ambiental do UP em UCs. Mais tarde ele tornou-se um programa de extensão, ficando mais abrangente e passando a ser concebido como um grupo de apoio ao UP em UCs, tendo "[...] como princípio básico o protagonismo do estudante e como objetivo principal contribuir para o fortalecimento da educação ambiental, do ecoturismo e da visitação ordenada em áreas protegidas." (Peres et al, 2020, p. 33). Por mais que este coletivo não tenha sido criado exclusivamente para desenvolver estudos no PNMO, a relação entre o IFRS-Campus Porto Alegre e o PNMO foi fundamental para a sua criação, já que várias das atividades realizadas por esta equipe aconteceram lá.

Segundo o que consta no relatório da ação **“GAUPUC- Grupo de Apoio ao Uso Público em Unidades de Conservação - Jornada 2022”** o amadurecimento desta linha de estudos, proporcionou ao IFRS-Campus Porto Alegre firmar parcerias com importantes grupos de pesquisa na área de UP em UCs, fazendo com que o

mesmo passasse a ser considerado uma referência²¹ no tema uso público em unidades de conservação no Estado. Assim, foi estabelecido um contato por parte da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), através do seu Observatório de Áreas Protegidas (OPAP²²), para que o programa se tornasse um ponto focal do observatório, ficando responsável por obter dados sobre as parcerias realizadas nas unidades de conservação do estado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Assim, também, esta ação resulta de uma demanda deste outro público alvo (OPAP).

Segundo Bjerk (2023), as práticas desenvolvidas nos pilares que sustentam a educação preconizada pelo IFRS, através desta parceria, apresentaram-se tão integradas que “[...] este tema, evoluiu a ponto de ser criada uma disciplina, no atual Projeto Pedagógico do Curso (PPC) Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental (SGA) de 2018, denominada Gestão Ambiental do Espaço Turístico.” (Bjerk, 2023, p.5-6), estando entre estes espaços, as unidades de conservação. Este componente curricular tem como objetivo geral,

Promover a discussão de aspectos técnicos e científicos da gestão ambiental do turismo na perspectiva do desenvolvimento sustentável local, desenvolvendo habilidades e competências para atuar na gestão ambiental de espaços turísticos.” (IFRS, 2018a, p. 69).

As atividades também proporcionaram a integração com outros grupos internos do IFRS- *Campus* Porto Alegre, tais como o POALAB²³, o Programa de Educação Tutorial (PET)²⁴, o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) e, em especial, com o Núcleo Interdisciplinar de

²¹ Essa afirmação aparece na fala de vários entrevistados e em alguns relatórios de extensão, estando melhor explicitada no documentário.

²² O OPAP é um núcleo de pesquisa e de difusão de informação e práticas vinculada à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO). Visa promover o conhecimento sobre o tema das parcerias em áreas protegidas, considerando a contribuição da pesquisa, do ensino e da extensão no campo das políticas públicas da área. Reúne professores, grupos de pesquisa e pesquisadores de diferentes instituições de ensino superior, buscando um ambiente de interação e cooperação entre seus membros. Disponível em: <https://www.opap.com.br/opap/quem-somos>. Acesso em 19/11/2023.

²³ Laboratório de fabricação digital sediado no Campus Porto Alegre.

²⁴ Programa de Educação Tutorial (PET), desenvolvido por grupos de estudantes, com tutoria de um docente, organizados a partir de formações em nível de graduação, orientados pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1tm81yHyUR6eGnGfWoOf3CU73b1ptCQ1d_O8YNCBkUbc/edit. Acesso em 28/09/2024.

Estudos Ambientais (NIESA)²⁵. Destacamos também outras parcerias desenvolvidas com parceiros externos, tais como Secretaria Municipal do Meio Ambiente e da Sustentabilidade de Porto Alegre (SMAM), Centro Universitário Metodista IPA, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Clube de Observadores de Aves de Porto Alegre (COA-POA), Associação dos amigos do PNMO, Fundação Zoobotânica do RS, Coletivo de Condutores Ambientais de Itapuã Gaviões da Mata, APACA e PNMO, dentre outros. Todas as parcerias ocorreram de forma voluntária.

4.2 HISTÓRIA ORAL (NARRATIVAS)

Esta etapa da pesquisa permitiu que pudéssemos aprofundar nossa busca, para além do que estava escrito. Permitiu-nos entrelaçar o que estava registrado nos documentos, com os testemunhos das pessoas que vivenciaram esta trajetória. Tornou possível cruzar e tecer o que pretendíamos desvendar com maior profundidade.

[...] a história é constituída por inúmeros fios e são esses que nos possibilitam a reconstrução da mesma, uma história é constituída de várias histórias e para conhecê-las acreditamos ser necessário lançar mão da História Oral como caminho metodológico, como uma das possibilidades para recuperar os registros do passado com auxílio da memória dos sujeitos de hoje. (Santos et al, 2015, p.979)

Não seria possível descrever como se deu o caminhar entre o IFRS - *Campus* Porto Alegre e o PNMO de forma aprofundada apenas através da análise documental, por mais que o estudo destes registros, descritos na seção anterior, tenham trazido uma série de dados imprescindíveis para entender o desencadear destas ações. A partir das narrativas dos sujeitos envolvidos foi possível desvendar estas histórias partindo de suas memórias. Cabe salientar também que a história oral, enquanto método de pesquisa

[...] produz uma fonte especial, tem-se revelado um instrumento importante no sentido de possibilitar uma melhor compreensão da construção das estratégias de ação e das representações de grupos ou indivíduos em uma dada sociedade.” (Ferreira, 1998, p.12)

²⁵ Grupo presente na maioria das pesquisas.

A fim de cumprirmos esta etapa, utilizamos entrevistas semiestruturadas (Apêndices de 3 a 7) como ferramenta para coleta de dados, contendo algumas questões similares e outras específicas para cada grupo de sujeitos descrito na metodologia. Para tanto, as perguntas foram divididas em blocos que abordavam elementos de identificação, contato inicial com o Parque e/ou IFRS *Campus* Porto Alegre²⁶, cooperação nas atividades realizadas através desta parceria, percepções sobre a relevância da sua participação para a sua formação pessoal e/ou profissional, assim como para as instituições envolvidas. Por fim, os pesquisados foram indagados sobre perspectivas de futuras atuações e sugestões de atividades que poderiam ser desenvolvidas, assim como outras informações que julgassem pertinentes para o presente estudo. Foram realizados em torno de 16 questionamentos para cada grupo.

Não seria possível nesta seção nos determos em todas as informações colhidas através desta metodologia, pois resultaram em uma riqueza muito grande de dados. Ressaltamos que muitos destes testemunhos estão explicitados no documentário, produto educacional proveniente desta pesquisa.

Desta forma, delineamos nossa análise em relação a uma única pergunta:

Como você avalia a participação em tais atividades para a sua formação no âmbito pessoal e profissional? Fale um pouco sobre isso.

A partir desta pergunta, nos debruçamos em algumas falas relacionadas à pertinência da realização destas ações para a formação dos indivíduos envolvidos²⁷, bem como para o cumprimento da missão/valores/objetivos/políticas das duas instituições.

Optamos por fazer este recorte de forma mais aprofundada nesta dissertação por entendermos que a abordagem sobre uma relação entre uma instituição de ensino e uma unidade de conservação - que também cumpre o papel de um espaço não formal de aprendizagem - seria a questão mais urgente a se desvendar neste momento. Buscamos, desta forma, cumprir com um dos objetivos deste estudo. Os

²⁶ A depender do grupo entrevistado as perguntas eram mais específicas com relação ao Parque ou ao IFRS ou aos dois, no caso do grupo considerado externo.

²⁷ Cumprindo, desta forma, com um dos objetivos desta pesquisa.

demais temas, tão relevantes quanto os citados acima, serão apresentados de maneira mais detalhada em estudos posteriores.

Os testemunhos colhidos convergiram no sentido de que as ações tiveram impactos positivos na formação dos sujeitos participantes, assim como para as instituições envolvidas, em todos os grupos.

Iniciamos a descrição dessas narrativas, a partir da contribuição do prof. Celson, o qual começou sua relação com o Morro do Osso antes mesmo daquele espaço ser uma UC, ainda na sua graduação, conforme revelado no documentário.

[...] eu relatei antes que um aspecto pessoal me trouxe a esse espaço (PNMO). A relação que eu tive anteriormente, que acabou sendo também uma relação afetiva. Mas profissionalmente foi muito importante, [...] porque ao longo desses 10 anos [...] eu pude compreender um pouquinho melhor sobre os aspectos que eu poderia contribuir com esse fortalecimento do uso público. Essa interação dialógica com o objeto de estudo da gente foi muito importante, para, inclusive, mudar minha opinião sobre muitas coisas que eu tinha ou ajustar minha opinião. Foi um processo de acúmulo de conhecimentos [...]. Sem contar que isso também me trouxe muitas relações positivas com os parceiros que eu fiz ao longo dessa trajetória, sejam eles colegas servidores, alunos, ex-alunos agora colegas [...]. Conhecer outros grupos de pesquisa de outros lugares, de outros estados que estavam fazendo coisas semelhantes às que nós estávamos fazendo aqui.[...]. (Professor Celson Roberto Canto Silva, entrevista, 2023)

Esta relação dialógica descrita pelo professor Celson, apareceu de várias formas através das nossas buscas, seja com o objeto de pesquisa, seja com outros atores envolvidos nas ações, seja através de parcerias com outros grupos de pesquisa. Esta interação está prevista nas diretrizes da Política de Extensão do IFRS, a qual traz no seu Art. 6º um dos pressupostos como sendo “[...] o desenvolvimento de relações entre o IFRS e a sociedade, marcadas pelo diálogo, reconhecimento e compartilhamento de saberes.”(IFRS, 2017).

A fala da atual gestora do Parque corrobora com essa dialogicidade citada anteriormente pelo prof. Celson.

Eu acho que é muito importante porque na verdade eles instigaram isso. Vamos dar um exemplo da questão do monitoramento. [...] se tivesse que fazer sozinha... [...] A gente conversa, que bom que eu tenho meus pares. [...] trocar ideias técnicas, conhecimento técnico. [...] Então o Instituto Federal foi muito bom nesse aspecto porque ele trouxe uma coisa que eu não teria tempo de estudar. E me deu de presente pronta. Então a partir dali a gente pode começar. Eu aprendi com eles também. Eles fizeram pra nós, nos deram de presente essa revisão bibliográfica. [...] na verdade é trazer o estudo, a

universidade para dentro da Unidade de Conservação. Então ter alunos aqui, estudando aqui, nos trazendo informação. Alunos pesquisadores, [...] Então a gente aprende, eu aprendo com isso. E a gente consegue dar isso, trazer eles pro Morro do Osso. Então o Morro do Osso ganhou com isso, ganha muito com isso. (Cláudia de Britto Velho Ruschel, entrevista, 2024)

Este depoimento demonstra as possibilidades de interação entre o PNMO e o IFRS na produção de conhecimento e que está prevista no seu Plano de Desenvolvimento Institucional, preconizando que

A pesquisa no IFRS busca a aplicação imediata do conhecimento produzido para a superação de problemas presentes na sociedade, tendo o interesse público como seu orientador principal. Esse conhecimento, contudo, é produzido através da interação dialógica com as comunidades e, por isso, está indissociavelmente ligado à atividade extensionista. (IFRS, 2018b, p. 4)

Para Heleno, que implementou a visita guiada no Parque - cumprindo com o Programa de Educação Ambiental que faz parte do Plano de Manejo Participativo do PNMO -, quando questionado sobre a relação com o IFRS sugere que

Assim, eu acho que tudo acrescenta para a gente. [...] a gente está sempre aprendendo. Então, com o pessoal que vinha aqui com vocês, [...] a gente sempre pegava alguma coisa, se apropriava de alguma coisa. Sempre eu gostava de ouvir, [...] tudo que for oportunidade, tudo que me proporcione, que eu possa [...] me enriquecer [...] hoje eu me apropriei de tal coisa, eu posso botar isso no meu trabalho. (Heleno Cabral Quintana, entrevista, 2024)

Esta produção de conhecimento advindo desta relação também aparece na fala do Silvio - gestor administrativo do Parque de 2010 a 2020. Ele discorre que

Olha, para mim foi um somatório, uma experiência de vida que a gente leva. Porque com a minha formação, questão particular, com a minha formação administrativa, todo esse conhecimento sobre a unidade de conservação e às suas demandas, elas me somaram. Somaram de maneira, assim, absoluta. No conhecimento de como deve ser gerida uma unidade, as peculiaridades das unidades de conservação. E isso, para mim, eu levo para o resto da vida. [...] Então, a gente vai aprendendo com isso e a unidade vai se mantendo, mesmo cercada pela cidade, ela consegue se manter por esse tipo de trabalho, onde a parceria do Instituto Federal tenho como fundamental [...]. (Silvio Souto, entrevista, 2024).

O relato deste gestor do Parque, que tem uma formação, à priori, não voltada para a área ambiental, vem ao encontro de uma formação profissional construída

dentro do próprio fazer e através de uma relação com profissionais de outras áreas, de forma multidisciplinar e/ou interdisciplinar.

A próxima explanação que trazemos é a de uma servidora técnico-administrativa do *Campus*, a Eloisa, também uma profissional que não é da área ambiental. Ela é enfermeira e participou como ministrante de uma oficina de Primeiros Socorros em uma ação no PNMO para formação de condutores ambientais. Ela destaca a importância da sua participação nesta atividade, por colocá-la em um outro contexto diferente do que estava habituada a trabalhar.

[...] quando eu fui participar de uma formação fora, num outro contexto, [...] foi até desafiador. Porque eu tive que entender quais eram as situações que aquelas pessoas [...] poderiam enfrentar e encontrar no seu dia a dia de trabalho e pensar nessa formação contextualizada. Então, foi um desafio e foi muito interessante, foi muito bom. [...]. E o processo de construção naquele momento, daquela aula me trouxe mais conhecimento ainda [...] era uma coisa totalmente diferente do que eu fazia aqui. (Eloisa Solyszko Gomes, entrevista, 2023)

Segundo a entrevistada, essa atividade fora da Instituição e com sujeitos distintos do que ela costuma trabalhar, trouxe um ganho de conhecimento, demonstrando o potencial que estas experimentações podem oferecer.

Maria Carmem, bióloga, primeira gestora do Parque e a pessoa que coordenou a elaboração do Plano de Manejo Participativo do PNMO, traz uma visão interessante sobre as duas Instituições, como se a sinergia entre as duas Instituições contribuisse para o desenvolvimento das mesmas, e dela própria, de forma conjunta

É uma pergunta complexa, porque vir trabalhar no Parque Natural Morro do Osso pra mim foi uma grande vitória profissional, foi uma coisa que mudou completamente a minha vida. E o Instituto Federal, como tu mesmo viu, do que a gente relatou até agora, ele teve presente desde lá do início. A primeira estagiária que eu tive aqui foi lá da Escola Técnica. E aí a criação do Instituto Federal já aconteceu, tipo assim, nós chegamos meio que juntos aqui. Então é difícil eu discernir, sabe, o que é a influência do Instituto Federal e do Morro do Osso. Porque isso tá tudo muito junto e reunido. Mas isso fez parte da minha vida. [...] fez toda a diferença na minha vida. Isso faz parte da minha capacitação, tanto técnica quanto [...] pessoal, [...] muito de como eu vejo o mundo. Então foi muito importante. Não sei que palavras usar pra isso. Foi muito importante na minha vida. (Maria Carmem Sestren-Bastos, entrevista, 2024).

Esse relato da Maria Carmem reflete também a visão do Renan, egresso do curso LCN. Ele estagiou no Parque, durante um ano e meio, fez o seu TCC lá e afirma que essa experiência mudou sua visão de mundo.

A forma que eu entendo o mundo, ela é muito especial, [...] desde que eu entrei no Instituto Federal, [...] a forma de eu entender os problemas do mundo, de enxergar e resolver esses problemas, foi importantíssimo, assim. [...] Eu acho que é por causa dessa formação que o Instituto Federal faz [...] que é interdisciplinar. E o parque, ele é interdisciplinar também [...] Ele não só recebe escola, ele recebe pesquisadores [...] Ele, enfim, tem todos os outros visitantes [...] que eu fui aprendendo também com eles. [...] Me ajudou muito a entender formas de pensar diferentes. [...] Porque cada visitante era uma forma de pensar diferente [...] Cada professor que ia lá pensava diferente, cada, enfim, pesquisador pensava diferente, [...] E isso foi importante pra mim [...]. (Renan Floriano da Silva, entrevista, 2023).

Interessante também perceber o quanto ele valoriza a relação e o aprendizado construído a partir das vivências com os outros servidores do Parque e que transpassam a formação técnica. Essa prática é defendida no PDI do IFRS que diz que as atividades pedagógicas devem buscar a “[...] promoção de interações ativas entre os agentes do processo, valorizando a formação integral e uma aprendizagem significativa [...]” e que essa preocupação, refletida em outros documentos da Instituição, expressam essa “[...] concepção de formação humana e integral, integrando os diferentes contextos de vida da comunidade”. (IFRS, 2018b, p.9.)

Renan argumentou que essa interação contribuiu para sua formação pessoal e profissional quando ele diz que,

Bom, pra minha formação pessoal, [...] ter conhecido o Heleno, o Silvio, o Florival, o Rubilar, [...] o Amaral [...] eles me ajudaram muito a ser um bom profissional [...] Eles me ensinaram [...] o nome das plantas, o nome popular [...] como faz um manejo, como que é a lida de um parque [...]. A importância de ser um servidor público [...]. Tu tá trabalhando pro público [...] a responsabilidade. Nos dias que tinha o Festival de Pandorga, as visitas dos alunos [...] eles deixavam tudo bonitinho, pronto pra receber as visitas, assim, muito responsáveis [...]. (idem)

Aproveitamos a fala do Renan para fazer uma relação com o depoimento de uma outra egressa, a Izadora. Ela trouxe em sua fala elementos relacionados à riqueza de aprendizagens possíveis, através de uma interação com outros atores e que, segundo ela, mudou sua forma de se relacionar com os mais distintos grupos.

[...] o contato com pessoas, pessoas diferentes [...] O nosso foco era a educação ambiental, a interpretação ambiental, que não existe sem pessoas, mas isso é primordial. E quando a gente fala também disso, a gente está falando de diferentes ideias de percepções, de gestão ambiental como uma forma de mediação de conflito. E isso é algo que também me trouxe bastante ganho, porque quando a gente é mais jovem, a gente pensa que as coisas podem ser levadas na base da lei, que é o que a gente tem normalmente de imposições, né? E não, a gente percebe que é necessário realmente mediar. Essa era uma coisa que eu percebia muito. A gente tinha diferentes grupos que participavam, grupos de crianças, grupos escolares, grupos de comunidades, às vezes tinham pessoas dentro da comunidade que não se davam muito bem, mas estavam ali naquele curso e a gente precisava também mediar. Foi uma escola assim para esse sentido. A própria questão de lidar com colegas de diferentes formações que, enfim, contribuíram e a gente também contribuiu para eles. (Izadora Flores Rech, entrevista 2023).

Izadora é egressa do curso de Tecnologia em Gestão Ambiental e participou de várias atividades no Parque. A experiência que ela cita acima se fez através de uma ação de extensão que versava sobre inclusão digital em comunidades do entorno de UCs, tendo como mote de estudo essas áreas de preservação. Essa atividade contou com 4 bolsistas, sendo os outros mais um da SGA, um da LCN e um do curso Tecnologia em Sistemas para Internet.

Já para o prof. Luiz, essa vivência com o Parque abriu uma nova linha de estudos e aprendizagens.

[...] eu conheci um pouco mais outras áreas que até então eu não conhecia tanto, então a minha participação em pesquisa em unidade de conservação começou no Morro do Osso e isso depois foi crescendo, [...] depois teve uma das alunas que seguiu, concluiu a graduação, entrou no mestrado e continuou trabalhando com unidades de conservação e eu participo dessa pesquisa como coorientador, então a questão da parte de eu como docente de geoprocessamento do *Campus*, esse entendimento da geoinformação aplicada à unidades de conservação começou no Morro do Osso, começou com essas atividades de fazer uma trilha e conseguir entender melhor, [...] todas as implicações para o uso público de uma trilha e no que isso implica. (Luiz Felipe Velho, entrevista, 2023).

Ele destaca também a oportunidade de trabalhar o tripé do ensino, da pesquisa e da extensão de forma integrada, que esta relação com o Parque carrega.

[...] foi muito legal conhecer aquele espaço como uma possibilidade de atividade de campo com os alunos [...] então foi por conta dessa ida no Morro do Osso que eu entendi que eu também poderia contextualizar ou usar as unidades de conservação como contexto para aquilo que eu ministrou em sala de aula [...] em extensão já previ toda essa caminhada que começou com uma trilha e quando eu vi hoje eu estava lá ministrando um curso, e na parte

de pesquisa muitas, muitas pesquisas vieram com unidades de conservação por conta desse primeiro contato com o Morro do Osso. (idem)

Ao sistematizar os trabalhos realizados através desta parceria, conseguimos perceber o desencadear destas ações. Como se uma ação servisse de base para a próxima e como se todas fizessem parte do mesmo.

No seu teor maior de ação, o processo educativo funda-se sobre os três pilares, ensino, pesquisa e extensão, como dimensões formativas e libertadoras indissociáveis e sem hierarquização. Portanto, a relação que a extensão estabelece com o ensino e a pesquisa é dinâmica e potencializadora. (IFRS, 2010, p.3)

As palavras do prof. Luiz sugeriram justamente isso: uma saída de campo que descortinou questões que poderiam ser trabalhadas em atividades de extensão e/ou pesquisa, assim como atividades de pesquisa que deram suporte ou novos questionamentos para atividades de ensino e/ou extensão e assim sucessivamente.

Trazemos agora o depoimento da egressa do curso de Tecnologia em Gestão Ambiental, a Luana, citada anteriormente pelo prof. Luiz. Ela foi voluntária e bolsista em diversas atividades vinculadas aos três pilares, inclusive realizando o seu TCC no Parque.

[...] foram mudanças incríveis [...] através do Morro do Osso, eu aprendi a escrever projetos, eu aprendi a escrever artigos, eu aprendi a fazer os resumos, eu aprendi a fazer as apresentações. Isso tudo me ajudou depois, quando eu fui entrar no mestrado, [...] além de eu ter conseguido um currículo muito bom, graças a esses trabalhos que eu desenvolvi, eu também fui pegando prática de fazer isso. [...], quando eu entrei no mestrado, eu tive que defender o projeto. E eu consegui defender bem o projeto porque tinha toda essa trajetória atrás de mim. [...] A avaliação que eu tenho é que desenvolver todos os projetos, toda essa abertura, toda essa parceria que tem do Instituto Federal, com o Parque, que tem a questão do Instituto Federal proporcionar isso para os alunos, e têm também a abertura do parque, em receber a gente lá. Isso foi fundamental para minha formação. (Luana Daniela da Silva Peres, entrevista, 2023)

A Luana discorreu sobre as possibilidades de desenvolvimento para os discentes que participam de atividades para além das realizadas através do currículo do curso. Ela foi uma das discentes que articulou o GAUPUC. É uma das parcerias construídas, na luta pelo incremento em pesquisas realizadas, tendo como tema o uso público em unidades de conservação, relatadas pelo prof. Celson, anteriormente: "[...]

ex-alunos e hoje colegas”. Ela levou este tópico para a UFRGS em seu estudo de mestrado, abrindo uma nova frente sobre este assunto, inovando ao utilizar o geoprocessamento como ferramenta para monitoramento dos impactos da visitação.

Traremos agora a narrativa da egressa Gabriela que, assim como a Luana, também é gestora ambiental, *gaupuquiana* e participou de várias atividades no Parque, incluindo o seu TCC.

Foi um desafio, assim, para mim [...] eu não gostava muito de participar das atividades mais coletivas, [...] eu até me emociono de falar sobre, porque eu cresci muito aqui no IF, sério, foi incrível. [...] Pra minha formação profissional contribuiu absurdamente, na minha qualificação do mestrado. Agora eu ouvi da minha banca que o meu trabalho, [...] poderia me tornar, talvez, uma especialista em uso público em unidades de conservação do estado, isso significa muito, acho, pra mim pelo menos. O primeiro contato que eu tive com o Morro do Osso foi através do professor Celson e do GAUPUC, [...] eu participei da criação do grupo. E a primeira visita de campo que a gente fez em uma unidade de conservação foi no Morro do Osso. Participar [...] dessas atividades foi muito importante pro meu crescimento. Tanto na graduação, [...] quanto pessoal também. Eu desenvolvi muito a minha fala, que eu era uma pessoa muito tímida, [...] eu tive a oportunidade de apresentar pela primeira vez num evento acadêmico, que foi o Mostra POA, aqui do IF. [...] Então, dali em diante, foi só avanço, [...]. Foi muito importante pra mim. Eu aprendi muita coisa, muita coisa. E o GAUPUC marcou praticamente toda a minha trajetória acadêmica. [...] E ele influenciou completamente as minhas metas ao sair da graduação aqui e entrar no mestrado também. Tanto que eu me considero parte do GAUPUC até hoje, [...] mesmo tendo saído do IF. (Gabriela Trentini Feijó, entrevista, 2023)

A fala da Gabriela converge com as anteriores a respeito da importância da participação dos discentes, em atividades que extrapolam os muros da Instituição. O referido grupo proporcionou uma série de experiências que, provavelmente, não seria possível para essa egressa, de uma outra forma. Este protagonismo vivenciado através da criação deste grupo por esses alunos, parece ter possibilitado uma segurança maior para as atividades desse profissional depois de formado. Como dito na seção anterior, o GAUPUC não foi criado apenas para discutir questões relacionadas ao PNMO, porém foi justamente neste espaço que a maioria dos trabalhos aconteceram. Desta forma, foi também, essa abertura que existe entre o IFRS e o Parque, que proporcionou que este grupo se desenvolvesse.

O primeiro trabalho realizado pelo IFRS no PNMO iniciou quando o *Campus* Porto Alegre ainda era Escola Técnica da UFRGS. Porém, ele foi finalizado quando o *Campus* Porto Alegre passou a compor a Rede Federal de Educação Ciência e

Tecnologia. A proposta de desenvolver este estudo partiu de uma aluna, a Fernanda Giordani e foi a pesquisa que resultou em seu TCC. Abaixo temos o relato desta aluna sobre as contribuições desta ação para ela.

[...]poder trabalhar numa unidade de conservação pra mim foi muito bom, aprendi muito, a Maria Carmem me ensinou demais [...] foi um grande aprendizado que eu tive na época e que eu lembro sempre com muito carinho. [...] eu criei um sonho e uma vontade [...] de seguir trabalhando em unidade de conservação. O meu maior sonho profissional é ser gestora de uma unidade de conservação. E como [...] como técnica em meio ambiente, tecnóloga em gestão ambiental, eu vejo que a nossa área, ela nos traz muita capacidade, muito conhecimento pra desenvolver atividades muito interessantes [...] dentro de unidade de conservação. Claro que quando a gente trabalha numa gestão, nós precisamos de equipes multidisciplinares. Nós precisamos de diversas áreas pra se trabalhar dentro de uma unidade de conservação. E o gestor ambiental, ele faz parte dessa equipe [...]. (Fernanda Giordani, entrevista, 2023)

A Fernanda traz esse aspecto de um trabalho feito a várias mãos e que está relacionado ao fazer de um gestor, em especial de um gestor ambiental. As duas formações que informou possuir na sua narrativa foram cursadas no *Campus* Porto Alegre.

A prof. Simone foi a orientadora deste primeiro TCC realizado no PNMO e trouxe uma outra singularidade ligada a esta parceria que cabe salientar. O uso desta unidade de conservação como um espaço de educação não formal - um laboratório natural. Espaço, este, de aprendizagens não apenas para os alunos, mas também para os servidores do *campus*.

[...] toda vez que a gente programa uma saída de campo, a gente também pensa em possibilidades, em como vai abordar essas questões. Tem toda uma preparação prévia e, com posterior, também, registro e uma reflexão sobre aquilo que nós vimos e discutimos. Então, toda a saída de campo tem novos conhecimentos agregados. E isso, para mim, é muito válido. O fato de colocar o pé também nesses locais, para mim, é essencial, esse contato. Sair um pouco da sala de aula, sair de forma significativa da sala de aula e vivenciar esses aspectos. (Simone Caterina Kapusta, entrevista, 2023)

Existem diversos estudos que discutem e procuram definir o que seria considerado educação não formal. Porém, neste trabalho, buscamos nos deter no que seria pensado como “**espaço não formal de educação**”, podendo estes serem museus, teatros, unidades de conservação, entre outros.

O espaço formal se constitui no espaço escolar, relacionado às instituições escolares da Educação Básica e do Ensino Superior, definidas na Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; é a escola e suas dependências, as salas de aula, laboratórios, quadras de esportes, [...]. Posto que espaço formal de Educação é um espaço escolar, é possível inferir que espaço não-formal é qualquer espaço diferente da escola onde pode ocorrer uma ação educativa (Jacobucci, 2008 apud Araújo Júnior, 2020, p.29).

O *Campus* Porto Alegre, através do PRONATEC realizou três edições do curso de Condutor Ambiental²⁸, sendo a primeira em 2012. Este curso buscava formar atores para realizar a condução de visitantes em Unidades de Conservação e o PNMO foi um dos locais que deveriam ser abrangidos por essa ação. Egressos provenientes destes cursos se organizaram em torno de uma associação, a APACA, que foi amparada e incubada no *campus*, através de sua incubadora Tecno-social. Para que fosse possível realizar esta atividade no referido Parque, foi necessário construir, junto a governança municipal, uma regulamentação específica. O *Campus* Porto Alegre lutou junto a esta Associação, durante anos, para que essa regulamentação fosse construída a fim de que esses profissionais pudessem trabalhar na condução de visitantes, gerando renda para os mesmos. A fala que trazemos a seguir é da pessoa que idealizou esta associação e esteve, e está neste momento, à sua frente.

[...] aquele curso foi maravilhoso, porque ele nos proporcionou várias coisas que eu não tinha ainda experimentado. São experiências que eu poderia ter tido em escola, [...] Mas teve que ser por esse curso para eu poder ter essas experiências. O Morro do Osso apareceu no meio disso tudo, desse monte de informação. E com o tempo e aí a trajetória [...] Com a APACA e Instituto Federal e o Morro do Osso então ficou sempre com essa expectativa da gente poder trabalhar, poder conduzir pessoas, poder ensinar pessoas. Então o Morro do Osso surgiu [...], com esse olhar de uma oportunidade de a gente poder trabalhar a questão ambiental dentro de uma área urbana [...]. O monitor ambiental, uma das trilhas, a gente fez aqui, né, no Morro do Osso. Depois teve uma capacitação e aí foi bem, eclética [...]. E agora esse último que foi a capacitação, que foi a interpretação de trilhas e monitoramento do impacto, que é um complemento do curso que eu fiz, né, do monitor ambiental, para cumprir os critérios do edital que deve sair²⁹. O professor Celson é fundamental na história da APACA, é o parceiro. E olha, ele foi um parto difícil. Bom, o Instituto Federal, assim, ele é fundamental em toda essa trajetória, tanto na minha formação, tanto na capacitação e depois da nossa organização como um coletivo. [...] a gente tinha essa expectativa e quando a gente viu que não tinha portas abertas ainda para a condução ambiental em Porto Alegre, aí é começar a bater na porta e tentar abrir, né? E sozinho

²⁸ A primeira edição deste curso chamava-se formação para Monitor Ambiental e nas outras edições foi renomeado.

²⁹ A regulamentação foi construída e o edital para condutores de visitantes saiu no início de 2024 e os condutores já estão trabalhando nas trilhas do PNMO.

a gente não ia fazer. Tem que se juntar, tem que se unir, né? Quase que é a mesma história do Morro do Osso, as pessoas têm que se juntar, [...]. [...] a APACA acabou surgindo nisso, assim, nessa necessidade da gente conseguir coisas. [...] o Instituto Federal é que nos deu todo esse apoio, nos acolheu, nos incubou, eu acho maravilhoso essa ideia da incubadora, né? Que dá a sensação mesmo que tu tá lá dentro de uma incubadora bem quentinha, assim, crescendo, crescendo, foi fundamental [...] o Instituto Federal pela incubadora foi essencial pra esse apoio, [...] (Janaína Canto, entrevista, 2024).

A experiência relatada por Janaína, de que aqui fizemos um pequeno recorte, já seria suficiente para um trabalho específico. Foram muitas etapas construídas entre este coletivo, o *Campus* Porto Alegre e o PNMO, para que fossem cumpridas todas as etapas deste caminhar no intuito de concluir todos os quesitos necessários, para que hoje estes profissionais pudessem realizar suas atividades, gerando renda para estes trabalhadores. A presença dos condutores ambientais no Parque é de fundamental importância para a manutenção daquele espaço. O que também é explicitado através dos relatos de vários sujeitos que participaram desta pesquisa e que estão compilados no Produto Educacional.

Esta atividade está de acordo com um dos objetivos do IFRS, registrado em seu Regimento Interno de 2017, e que é citado no seu PDI: “a estimular e apoiar processos educativos, que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional.” (IFRS, 2018b, p.8).

Com o propósito de colaborar com o Parque na formação de trabalhadores capazes de conduzirem de forma qualitativa em suas trilhas, o IFRS realizou várias formações subsequentes. Jean participou de algumas destas formações e nos expõe que,

Eu acho que, além, assim, de tudo que eu aprendi, tem a ver também com conhecer as pessoas que eu conheci [...] acho que tudo isso enriqueceu tanto, [...] a perspectiva dessas diferentes áreas de conhecimento, pra mim foi motivador, foi inspirador [...] pensar que a gente pode passar adiante essas coisas, e depois as pessoas passarem adiante também [...] tudo, faz muito sentido pra mim [...]. O Morro do Osso, eu frequento ele há muito tempo, e aí eu queria me sentir [...] mais confiante [...] de poder passar algumas maneiras de cuidar do morro, e aí, quando a gente aprende isso, a gente sabe que depois se replica pra várias outras situações [...]. (Jean Pierre Corseuil, entrevista, 2023)

O Jean tem uma relação muito forte com o Parque. Ele frequenta aquele espaço desde criança. Ele é colaborador do Jornaleção, um jornal de bairro com 35 anos de história e que contribuiu de forma bastante relevante na criação e implantação do PNMO. Ele também faz parte da APACA; porém, o seu maior propósito na realização das referidas formações, não é geração de renda, mas sim contribuir para a manutenção daquele espaço.

A próxima contribuição vem de um servidor do Parque e que também fez a formação de Conductor Ambiental através do PRONATEC. Ele também é associado na APACA, o que faz com que ele tenha uma relação bastante peculiar com as demais pessoas que desenvolvem atividades no Parque. Ele nos relatou que esta relação

[...] é uma troca. [...] daí a gente está aprendendo também com eles. Às vezes a gente não tem um conhecimento tão amplo, um leque tão grande. Mas quando vêm os pesquisadores, eu sou suspeito, porque eu adoro quando vêm [...] para a gente aprender também com eles. Eles nos informam, eu quero ver uma planta assim ou uma gramínea assim. [...] A gente vê a evolução até mesmo das árvores grandes. Isso é importante. A gente classifica como uma importância muito grande, tanto condutores, pesquisadores, até mesmo os professores de faculdade quando vêm com os alunos. A gente gosta de acompanhar para poder ouvir eles. [...] é uma aula, assim, a céu aberto. [...] É incrível. É muito gratificante [...] E nós apoiamos muito as pesquisas aqui dentro (Rubilar Ritta Jobim, entrevista 2024).

O processo de construção deste caminhar, relatado através das narrativas de suas memórias, é bastante dinâmico e reflete a identidade das duas Instituições e dos sujeitos que fizeram parte desta história como sugere Ciavatta (2008), quando diz que,

[...] a identidade que cada escola e seus professores, gestores, funcionários e alunos constroem é um processo dinâmico, sujeito permanentemente à reformulação relativa às novas vivências, às relações que estabelecem. De outra parte, esse processo está fortemente enraizado na cultura do tempo e do lugar onde os sujeitos sociais se inserem e na história que se produziu a partir da realidade vivenciada, que constitui ela mesma “um lugar de memória”. (Ciavatta, 2008, p.13)

A partir dos relatos percorridos até aqui, fica evidenciada a riqueza de aprendizagens possíveis, através desta relação entre o IFRS e o PNMO, que não se restringem às técnicas e às práticas curriculares, e tão pouco a uma construção de conhecimento de “via única” e descontextualizada. O que reafirma o compromisso do IFRS em desenvolver uma Educação Profissional e Tecnológica

em que os sujeitos devem ser preparados para atuarem em seu mundo de vivência com conhecimento e capacidades teóricas, técnicas, culturais, históricas e políticas; em outras palavras, os educandos e as educandas devem ser formados(as) de forma integral, tendo condições de dialogar em seus mundos como cidadãos e cidadãs protagonistas de suas histórias, que tenham consciência plena de suas condições individuais e coletivas com e para o mundo. (Urbanetz e Bastos, 2021, p.11)

Desenvolver uma educação capaz de preparar os sujeitos para atuarem em seu mundo de vivências, passa por compreender o contexto e o meio em que vivem, o ambiente em que vivem. Entender a importância de preservar o meio ambiente que vivemos faz parte desta formação.

Entendemos a educação como uma ferramenta capaz de mudar a vida das pessoas, por intermédio das mudanças em seus pensamentos, suas maneiras de compreender e agir em seus mundos. Assim, busca-se, por meio da educação, a construção de sociabilidades que sejam mais fraternas, envoltas em vivências humanas que se importem com as interações dos seres com os seus ambientes em todos os aspectos, conjecturando inovadoras maneiras de ser e de estar no planeta, em busca da configuração de relações humanas cada vez mais voltadas à convivência harmônica entre os semelhantes, aprimorando o valor da coletividade. (idem, p. 7)

As autoras defendem a importância de uma educação capaz de transformar o mundo, através do entendimento e interação com o ambiente em que vivemos e das relações construídas com seus pares que, segundo elas, devem perpassar por “todos os seus aspectos.” Compreender-se como um indivíduo, cidadão e profissional, dentro de uma visão de que fazemos parte de um todo, de um lugar comum, rodeado de interações complexas e interligadas, muitas delas ainda não muito bem explicitadas, faz parte de uma formação apontada como omnilateral, preconizada pela EPT.

Finalizamos esta seção com o depoimento da Sra. Joyce Loss, hoje com 89 anos, uma das principais pessoas que esteve à frente da luta pela criação e implantação do Parque durante décadas. Envolveu-se na elaboração do Plano de Manejo Participativo do Parque e dos primeiros Conselhos Gestores desta UC. Sua contribuição está registrada no primeiro episódio do documentário. Abaixo segue a figura 9, a qual trata de um relato enviado pela Sra. Joyce, por meio do WhatsApp, quando do envio dos ajustes que havia julgado necessários na transcrição de sua entrevista.

Figura 9: Recorte de mensagem da Sra. Joyce Loss

COMENTÁRIO DA RÔ: Joyce, muito obrigada, por tudo!

Mãe dá para citar o nome de todas as
 pessoas que abraçaram a causa do Mo. do Osso.
 Desde o início até o fim. Acho que na
 mente de cada uma delas deve ter ficado
 um sentimento de ter contribuído para que
 este mundo se tornasse melhor.
 A criação de um parque Natural é uma
 bela conquista! Agradeço a Deus por me
 ter permitido participar dela.

Jepe Jm

Fonte: Joyce Loss (2024).

Relatamos na metodologia nossa angústia em ter que fazer escolhas no momento de definir os sujeitos que fariam parte da nossa amostra, por entendermos que todos os/as atores/atrizes e contribuições foram fundamentais para que esse caminhar acontecesse. Encerramos essa seção desta forma, por cremos que este recorte ilustra bem a nossa fala anterior sobre a importância de todos/as neste processo.

5 PRODUTO EDUCACIONAL

Além da dissertação, resultante desta investigação, organizamos essas memórias em um produto educacional, que é entendido, segundo o documento de Área-Ensino da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (2019) como,

[...] o resultado de um processo criativo gerado a partir de uma atividade de pesquisa, com vistas a responder a uma pergunta ou a um problema ou, ainda, a uma necessidade concreta associados ao campo de prática profissional, podendo ser um artefato real ou virtual, ou ainda, um processo. Pode ser produzido de modo individual (discente ou docente) ou coletivo. A apresentação de descrição e de especificações técnicas contribui para que o produto ou processo possa ser compartilhável ou registrado. (Brasil, 2019, p. 16)

Neste sentido, como resultado desta pesquisa, criamos uma Mídia Educacional, em formato de Documentário, com três episódios, que traz as narrativas de alguns dos sujeitos envolvidos na parceria entre o IFRS- *Campus* Porto Alegre e o PNMO, além de documentos fornecidos pelo PNMO, pelo IFRS e por alguns dos entrevistados, como fotos e jornais antigos.

Para fins desta construção, levamos em conta os fundamentos elencados por Kaplún (2003) para a análise e construção do que ele chama de "mensagem educativa", ou seja, um material "[...] que facilita a experiência de aprendizado; [...] ou, se preferirmos, uma experiência mediada para o aprendizado". (Kaplún, 2003, p. 46). Um material que vá além de ser um objeto, que simplesmente proporcione a informação e que realmente possa ter o alcance esperado em seu público-alvo, dentro de um determinado contexto. Segundo o autor, "[...] algo que facilita ou apoia o desenvolvimento de uma experiência de aprendizado, isto é, uma experiência de mudança e enriquecimento em algum sentido conceitual ou perceptivo: axiológico ou afetivo; de habilidades ou atitudes, etc." (ibidem).

Para o autor esta construção deve ser ancorada em três eixos: o conceitual, que está relacionado aos conteúdos, o que ele chama "aventura da criação de um material ou de uma mensagem educativa" e que [...] "requer dois tipos de pesquisa: uma de tipo temático e outra de tipo diagnóstico."(Kaplún, 2003, p. 48)

Outro eixo considerado pelo autor é o eixo pedagógico que está relacionado ao itinerário." Resumindo, o eixo pedagógico expressa o caminho que estamos

convidando alguém a percorrer, que pessoas estamos convidando e onde estão essas pessoas antes de partir." (Kaplún, 2003, p.54). Por fim, o eixo comunicacional, que está relacionado com o modo concreto de percorrer este itinerário e até "o veículo" que utilizaremos para percorrer este caminho. "Diz respeito ao formato, diagramação e linguagem empregada no material educativo. Esse eixo propõe que, pelo tipo de figura retórica ou poética, sejam criados modos concretos de relação com os destinatários." (Chisté, 2018, p. 334).

Levando em conta essas considerações, amparamo-nos nos fundamentos encontrados nos preceitos propostos por Rizzatti et al. (2020), Zabala e Rosa (1998) e Kaplún (2003) na criação de um produto educacional no que se refere aos eixos: conceitual/procedimental/atitude, pedagógico e comunicacional. Para proceder a avaliação da mídia educacional, utilizamos as categorias defendidas Ruiz et al. (2014) e por Chisté (2018).

5.1 A CONSTRUÇÃO

A fim de que fosse possível iniciar a produção desta mídia nos baseamos no que Kaplún (2003, p. 47) chama de "[...] tríplice aventura: a da criação, a do próprio material e a do uso posterior que, muitas vezes, escapa às intenções iniciais e aos cálculos dos criadores." Iniciamos definindo a quem seria destinado esse produto. O público-alvo que almejamos alcançar através do nosso trabalho é bastante amplo: a comunidade interna e externa ao IFRS; pessoas ligadas ao Parque; sujeitos ligados a Núcleos de Memória de outras instituições ou quaisquer outros que tenham interesse em conhecer um pouco sobre o Parque, sua história; ou sobre a formação oferecida no *Campus* Porto Alegre; ou, pessoas que busquem exemplo de iniciativas de parcerias entre instituições de ensino e unidades de conservação - ou outros tantos espaços de educação não formal - e que venham contribuir com **a missão** a que se destinam às mesmas. Neste sentido, foi necessário definir o que de fato gostaríamos de tratar, a linguagem que utilizaríamos para que fosse de fácil compreensão - mesmo a quem não tenha um contato mais próximo com os temas tratados - e de que forma poderíamos alcançar de maneira mais abrangente um maior e mais diverso número de pessoas.

O primeiro Eixo que vamos nos deter é o Conceitual que compreende toda a parte da pesquisa em si, o que Kaplún (2003) denomina de investigação prévia. Esta etapa é a base de tudo, pois, a partir dela, é que poderia ser possível ter uma melhor compreensão do que seria necessário comunicar a fim de atender aos objetivos deste estudo. Para tanto, nos amparamos nos conceitos, dados e contextos do que estávamos querendo comunicar e para tal, utilizamos o referencial teórico (já abordado na seção anterior), a análise documental e as narrativas de alguns dos sujeitos que fizeram parte deste recorte da história. Foi como montar um imenso quebra-cabeças, ou melhor, um quebra-cabeças que fazia parte de um ainda maior e que poderia ser montado com peças vindas de diferentes fontes.

Foi um verdadeiro ir e vir, pois, a cada conceito ou informação nova, invariavelmente se fazia necessário buscar mais dados e fontes.

[...] de um lado temos que conhecer a fundo a matéria em questão, os conceitos que a articulam, os mais importantes debates suscitados por ela etc. [...] será preciso ler o que alguns autores importantes disseram sobre o tema, conhecer a opinião de alguns peritos, [...]. Depois disso, será preciso escolher as ideias centrais que serão abordadas pelo material, bem como o tema ou temas principais através dos quais se procurará gerar uma experiência de aprendizado. (Kaplún 2003, p. 48).

Essa etapa nos permitiu delimitar o que recortaríamos a fim de gerar esta “experiência de aprendizado”. E que experiência seria essa? Seria “des-cobrir”, mesmo que parcialmente, de que forma se deu a Trajetória da Parceria entre o PNMO e o IFRS *Campus* Porto Alegre. Porém, para que pudéssemos falar sobre essa sinergia, precisaríamos primeiro situar o que é o Parque e não apenas isso, mas julgamos importante relatar também como se deu a história de sua implantação, quem foram os sujeitos que tornaram possível a sua criação e posterior implementação. Por outro lado, de forma bem sucinta³⁰, o que é o IFRS *Campus* Porto Alegre, qual a sua missão, que tipo de formação se propõe a oferecer a sua comunidade interna e externa e qual a sua missão junto às suas comunidades de abrangência, em especial as ações realizadas e que tornaram possível uma relação tão próxima com esta comunidade, o PNMO, e os desdobramentos advindos desta parceria.

³⁰ Nos permitimos aqui falar sobre este tema de forma sucinta pelo fato de já existirem inúmeros trabalhos, sob variados olhares, sobre esta Instituição, sua história e a formação que se propõe.

Ao pensar nestes recortes tínhamos uma preocupação com o próximo eixo que trataremos agora, que é o Eixo Pedagógico, relacionado aos sujeitos a que se destina este Produto Educacional e seu contexto. Como dissemos anteriormente, nosso público-alvo é bastante amplo e abarca pessoas que podem não ter conhecimentos básicos a respeito de Unidades de Conservação, sua importância e também não ter conhecimento sobre o que significa uma Educação Profissional Tecnológica ou mesmo o que ela preconiza. Então, se construíssemos um produto que tratasse apenas desta relação, provavelmente ele não fizesse muito sentido para pessoas que desconhecem estes contextos. Neste sentido, pensamos em trazer estas questões, mesmo que de forma não muito aprofundada e com uma linguagem simples, para que pudéssemos falar de fato sobre a relevância da relação entre estas duas Instituições, para que fosse possível contextualizar o que elas representam e a sua importância, sobretudo para a comunidade porto-alegrense e região metropolitana e o porquê de considerarmos tão significativo abordar este tema.

O eixo pedagógico é, ou deveria ser, segundo nos parece, o articulador principal de um material educativo, se é que queremos que ele seja realmente educativo. É através dele que estabelecemos um ponto de partida e um ponto de chegada, em termos de tentativa, para o destinatário do material. Ou seja, é assim que lhe propomos um caminho, que ele é convidado a percorrer uma nova perspectiva que queremos abrir para ele, ou que lhe propomos que descubra. Ao fim desse caminho poderá ele, ou não, ter efetivamente mudado ou enriquecido algumas de suas concepções, percepções, valores etc. De qualquer modo, pelo menos a possibilidade estará aberta. (Kaplún 2003, p.49).

Ao final de nossa busca por ações realizadas, produções acadêmicas e produtos gerados através desta relação (análise documental), pensamos que talvez fosse cansativo e até mesmo inócuo para quem as acessasse, tê-las simplesmente sistematizadas, por mais que essa estruturação fosse muito relevante. Porém, a partir desta organização e do início da etapa de coleta das narrativas dos sujeitos envolvidos, nossa pesquisa e conseqüentemente a construção do Produto Educacional tomou um outro rumo. Exemplo disso foram os critérios que utilizamos para selecionar os atores que fariam parte de nosso estudo. Vimos que não seria possível partir da trajetória da parceria. Cabe salientar que esta investigação é vinculada à área de História e Memória da Educação Profissional Tecnológica que busca, como objetivo principal, preservar essas memórias. Como a chance de

termos sujeitos (público-alvo) partindo de pontos diferentes, com os mais diversos ou, ainda, nenhum conceito referente a estes temas era bastante grande, optamos por falar, mesmo que de forma bem breve, sobre as duas instituições. Dessa forma, repensamos nosso ponto de partida e chegada e incluímos sujeitos que fizeram parte do início de tudo, da preparação do solo e do plantio das primeiras sementes que resultaram em múltiplos frutos. Para tanto, precisamos integrar mais leituras e documentos para tentar compreender, ou minimamente descrever os contextos de escolhas de sementes, plantio, rega e adubação que tornaram possível a colheita destes frutos.

Buscamos evidenciar em nosso Produto de onde vieram as informações ali apresentadas, a fim de referendar o que estávamos relatando e delimitar de que local partia esse olhar. Este ponto é bastante importante, pois a área na qual o Parque está inserido é bastante disputada, seja por especulação financeira, seja por invasões de pessoas de baixa renda, ou seja, por ocupação de um grupo de etnia *Kaingang*. Fizemos questão de não adentrar nestes aspectos e apenas retratar faces que estão relacionadas à preservação daquela área enquanto uma Unidade de Conservação e um espaço educativo de fundamental importância para a população porto-alegrense. Salientamos aqui, porque estas questões são bastante complexas, existem vários trabalhos tratando destas particularidades de forma bastante específicas e, por mais que sejam temas de extrema relevância, não fazem parte de forma direta do escopo do nosso estudo.

Partimos agora a discutir o terceiro Eixo defendido por Kaplún que ele denomina de Eixo Comunicacional, ou seja, o veículo utilizado para percorrer este caminho. Como relatamos anteriormente, escolhemos para recorrer como veículo, um documentário. Optamos por essa mídia por ela ser mais abrangente, com a possibilidade de ser acessada de qualquer celular, ou computador com conexão à internet. Rizzatti et al (2020, p.14) relata a sua preocupação em dar maior visibilidade aos Produtos Educacionais desenvolvidos nos Mestrados e Doutorados Profissionais e imaginamos que um vídeo poderia ser mais irrestrito para o público em geral. Este eixo é tão importante quanto os anteriormente citados e apesar de que,

Pode parecer que o plano do eixo pedagógico e o itinerário correspondente sejam suficientes para definir completamente o material. Todavia, nos falta ainda o modo concreto de percorrê-lo ou, quem sabe, o veículo no qual o percorreremos. (Kaplún, 2003, p.54)

Decidimos, então, utilizar um documentário, por ele trazer como principais características,

[...] o seu caráter autoral, definido como uma construção singular da realidade, um ponto de vista particular do documentarista em relação ao que é retratado. Alguns elementos linguístico-discursivos evidenciam esse caráter autoral: a maneira como se dá voz aos outros, a presença de paráfrases discursivas e um efeito de sentido monofônico. Ainda destacamos a criatividade usada no processo de edição e montagem como um importante índice de autoria. (Melo, 2002, p.23)

Esse caráter autoral nos permite construir a mensagem, que surgiu a partir da coleta de dados e, que nos dispomos a transmitir no eixo conceitual, a partir das vozes das pessoas (as narrativas), de forma monofônica, como sustenta o autor.

Esta etapa foi desafiadora. Foi como montar um mosaico de informações que precisavam contar com muita criatividade e habilidades para que conseguíssemos construir um material que fosse leve, que utilizasse símbolos e ferramentas capazes de remontar parte desta história, tendo como base as narrativas dos sujeitos entrevistados e documentos privados de alguns deles e documentos oficiais relativos às duas instituições. Foi necessário, como diria Kaplún, deixar nosso espírito comunicador surgir e deixá-lo brincar. Pensar na trilha sonora, nas imagens e documentos que seriam utilizados, escolher as falas que melhor se adequassem.

Quando pensamos em utilizar como Produto Educacional um Documentário, imaginamos montá-lo em um único episódio, que tivesse no máximo 15 minutos. Porém, a partir das narrativas dos atores, percebemos que isso não seria possível. O autor fala sobre esse rever caminhos, ou como percorrê-los e de mudanças que podem ocorrer no trajeto, salientando com um exemplo bem didático que,

Ainda que o importante seja o caminho, pode ser que, novamente, se deva rever algumas de nossas definições anteriores: se formos de carro, alguns caminhos não são adequados, porque só podem ser feitos a pé, inclusive para que se vejam melhor certos detalhes que não são vistos da janela de um carro. Claro está que, de carro, se vai mais rápido e mais longe, ao mesmo tempo. (Kaplún, 2003, p. 54)

E sim precisamos rever definições anteriores, pois, como compilar essa infinidade de dados em uma mídia com tempo tão curto? Conseguiríamos discutir com algum detalhamento essa história desta forma? Logo, chegamos a conclusão de que não, o produto não conseguiria cumprir a sua função neste formato.

A última entrevista que realizamos foi com a senhora Joyce Loss, na sua residência. A participação dela não estava prevista em um primeiro momento; porém, no decorrer da pesquisa, percebemos que a sua contribuição seria imprescindível, pelo fato de ela ter vivenciado de forma bastante contundente todo o processo de criação do Parque. Essa história era muito relevante, já que havia partido de uma demanda da comunidade do entorno do Morro do Osso, o que demonstrava a importância daquele espaço para aquelas pessoas.

Quando chegamos em sua casa, ela nos esperava com vários documentos que estavam organizados de forma muito cuidadosa. Faziam parte desses documentos: fotos; atas de reuniões; taxações de jornais; minutas de documentos que foram levadas à votação em instâncias municipais; laudos técnicos sobre o Parque e mais uma infinidade de coisas. Ela pediu que ficássemos com esses documentos, pois alguém precisava zelar por eles, para que um dia alguém pudesse reconstruir essa história a partir destes documentos, guardados por quem fez parte dessa luta.

A partir deste momento, nos pareceu que seria necessária a construção de um documentário que tivesse um episódio específico com a história de luta pela criação do Parque e o esforço para mantê-lo preservado. Enfim, a partir de tudo que foi possível coletar e, principalmente, através das narrativas, percebemos que teríamos que construir uma nova estratégia.

5.1.1 Tecendo a Teia

Como relatado anteriormente, o público alvo do Produto Educacional é bastante diverso. Diante disso, sentimos a necessidade de falar um pouco sobre o Parque, o processo de sua criação e sua importância, sob o ponto de vista de ser uma UC localizada em uma região intensamente urbanizada da capital e que mantém uma estreita relação com os moradores, em especial do entorno. Igualmente, consideramos importante demonstrar a sua relevância enquanto uma área protegida,

que desempenha um papel fundamental relacionado aos corredores ecológicos³¹ e como refúgio de diversas espécies ameaçadas de extinção. Também ponderamos que precisávamos refletir sobre os desafios que aquele espaço enfrenta.

Por outro lado, consideramos imprescindível não apenas falar desta parceria e das atividades realizadas através dela, mas também dos impactos gerados por esta cooperação ao longo desse tempo, desvendados a partir das narrativas dos sujeitos envolvidos. As ações realizadas a partir da parceria, por si só, contribuíram muito para a consolidação daquele espaço enquanto uma UC e o seu Uso Público ordenado. Sob o ponto de vista do IFRS *Campus* Porto Alegre, a parceria contribuiu com a formação de discentes e servidores, bem como para a consolidação da sua identidade institucional. Em especial, nos pareceu importante reforçar a identidade que vem sendo construída a partir do seu ingresso na Rede dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e que está relacionada com suas as comunidades de abrangência.

Nos dois momentos cruciais para a construção do documentário, a fase de produção propriamente dita (filmagens) e a de pós-produção (montagem), o documentarista organiza diversos elementos: entrevistas, som ambiente, legendas, música, imagens filmadas in loco (incluindo as imagens de arquivo) reconstruções, etc. A organização implica variadas escolhas[...] Cada seleção que se faz é a expressão de um ponto de vista [...] Assim, a sucessão das imagens e sons, cujo resultado final é um documentário, tem como linha orientadora o ponto de vista adotado e encontra na criatividade do documentarista seu principal motor". (Penafria, 1999 apud Melo, 2002, p. 37)

Então, de que forma fazer essa montagem? Como construir esse documentário de forma a trazer essas fontes de uma maneira que pudesse passar a mensagem que pretendíamos tornar pública? Seria possível construir um único episódio que contemplasse todas estas facetas? Chegamos à conclusão que não, não seria a melhor estratégia. Se fizéssemos um único episódio, ele ficaria longo demais e talvez isso dificultasse a sua utilização. Enfim, seriam muitas faces para serem desvendadas em um único episódio. Como trata-se de um Produto Educacional, nos pareceu que se o dividíssemos em temas poderíamos tratá-los de forma mais aprofundada, além

³¹ Os Corredores Ecológicos visam mitigar os efeitos da fragmentação dos ecossistemas, promovendo a ligação entre diferentes áreas, com o objetivo de proporcionar o deslocamento de animais, a dispersão de sementes e o aumento da cobertura vegetal.

de facilitar a sua aplicabilidade. Por exemplo, um professor poderia utilizar quaisquer dos episódios a depender da abordagem pedagógica que ele buscasse trazer, o que seria dificultado se ele fosse único e com uma longa duração.

Diante do exposto, sentimos a necessidade de construir este documentário com três episódios, a partir do que julgamos básico explorar dentro do que foi coletado. Para tanto, foi necessário definir de forma detalhada o que seria tratado em cada episódio do documentário, bem como quais ferramentas e fontes recorreríamos a fim de construí-lo com temas distintos; porém, conectados e que utilizassem uma estética semelhante, demonstrando que os mesmos faziam parte de um todo. Desta forma, com um documentário disposto em três episódios, que se complementam, eles poderiam ser acionados ao mesmo tempo, em uma mesma atividade (por exemplo, aula e/ou ação de extensão tais como cursos de formação inicial e continuada em espaços de educação formal e não formal da EPT, etc.), ou separadamente conforme a intencionalidade de seu uso.

Procuramos trazer, como eixo central, o caminho que vem sendo trilhado. Para tanto, optamos por abrir todos os episódios com o som de passos, seguidos da imagem de uma das trilhas do Parque, representando um convite ao espectador para imergir na história. O fio condutor dos episódios foram as narrativas de sujeitos que participaram ativamente desta história.

O ***primeiro episódio*** está relacionado com o Parque, com a luta e com o contexto da sua criação, com os desafios para implementá-lo e mantê-lo enquanto uma área protegida, assim como com os sujeitos que alicerçaram essa história. A figura 10, a seguir, traz a miniatura utilizada para identificar o episódio.

Figura 10: Miniatura do Episódio 1 - O Parque Natural Morro do Osso: um pouco de sua história.



<https://youtu.be/XRrkvtN8Fkk>

Fonte: produzido pela autora.

Neste episódio, utilizamos muitas das fontes disponibilizadas pela Sra. Joyce, entre elas, jornais antigos, alguns “comidos” por traças e cupins. Optamos por utilizá-los não apenas pelas informações contidas, mas também pela simbologia que eles representavam do tempo passado. A trilha sonora utilizada foi uma composição criada de forma colaborativa com alunos de uma escola do entorno do Parque, a partir de uma atividade de extensão chamada “*Rap pro Bugio*”. Passados dez anos, a música foi revisitada, rearranjada e gravada para servir de trilha sonora do vídeo Institucional do PNMO.

Dentre os temas abordados neste episódio, estão um pouco da trajetória de criação e implantação do Parque, sua caracterização enquanto uma UC, a importância do Plano de Manejo, a evolução de sua infraestrutura física, algumas das atividades desenvolvidas cotidianamente nos seus domínios, sua relação com o IFRS *Campus* Porto Alegre, dentre outros.

O **segundo episódio** aborda a conexão entre as duas Instituições. Fala sobre como essa trajetória começou e foi se consolidando através das diversas atividades desenvolvidas. Discorre sobre algumas dessas ações, seus objetivos e de que forma as mesmas contribuíram para o cumprimento da “Missão” das duas Instituições. A figura 11, a seguir, traz a miniatura utilizada para identificar o episódio.

Figura 11: Miniatura do Episódio 2 - A Sinergia entre o IFRS Campus Porto Alegre e o PNMO.



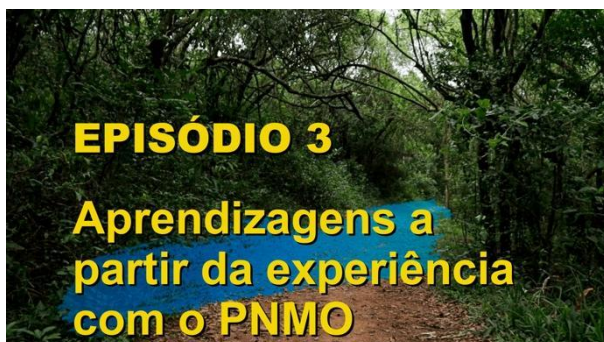
https://youtu.be/b_ZL9v7KFcs

Fonte: produzido pela autora.

A música utilizada se chama “*Estrada*”, uma composição de Ricardo Fragoso e que fala sobre os desafios encontrados ao definirmos um caminho a seguir e o quanto devemos estar envolvidos afetivamente com essa busca, para que tenhamos mais força para trilhá-la. Optamos por utilizar essa música, porque ela retrata este “fator afetivo” que aparece nas falas dos entrevistados de forma bastante contundente e que estão bem demarcadas no episódio 2. Foi montado com os testemunhos de atores de todos os grupos entrevistados, sendo ilustrados com fotos, vídeos e capas de alguns TCCs para complementar as narrativas.

O **terceiro episódio** busca falar um pouco sobre o desafio que o *Campus* Porto Alegre passou, durante o seu processo de transição de Escola Técnica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Traz relatos de discentes e servidores que vivenciaram esse caminhar, assim como de pessoas externas ao IFRS e que acompanharam essa mudança, para que pudessem relatar quais as suas percepções com relação a esse movimento. A figura 12, a seguir, traz a miniatura utilizada para identificar o terceiro episódio.

Figura 12: Miniatura do Episódio 3 - Aprendizagens a partir da experiência com o PNMO.



<https://youtu.be/oM5yilCubR8>

Fonte: produzido pela autora.

Teve como foco a construção da identidade do IFRS *Campus* Porto Alegre, fortalecida pela sua relação com suas comunidades de abrangência, em especial com o PNMO. Versa também sobre a formação integral baseada nos pilares do ensino, da pesquisa e da extensão a que se propõe, sobretudo as aprendizagens construídas através dessa parceria. Traz também um pouco sobre a história da APACA e do GAUPUC, grupos que foram formados como desdobramentos desta relação. Utilizamos como trilha sonora duas músicas. A primeira foi composta pelos servidores do *Campus* Porto Alegre, Celson Roberto Canto Silva e Marcelo Augusto Rauh Schmitt, chamada “*Tríade*” e que fala sobre os três pilares da formação preconizada pelo IFRS. A segunda é a parte instrumental da música “*O mar de chama*” de Ricardo Fragoso.

5.2 A AVALIAÇÃO

Para que fosse cumprida essa etapa, encaminhamos um e-mail contendo informações sobre a pesquisa e o referido Produto Educacional, assim como um formulário do “Google”, contendo os questionamentos para avaliação, ao NuMem do IFRS e para alguns Centros de Memória de outras instituições relacionadas a EPT, conforme relatamos na metodologia. Obtivemos a avaliação de 9 pessoas, sendo sete (7) integrantes do NuMem IFRS, uma (1) do Centro de Memória do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) e uma (1) do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). Foram avaliados critérios como estética e organização, conteúdo, linguagem e tempo de

duração, segundo Chisté, (2018), adaptados para o nosso Produto Educacional³². Buscamos relacioná-los com as suas sugestões elencadas como categorias avaliativas, pela autora. Também foi analisada a questão da acessibilidade para pessoas com deficiência (auditiva e visual). Julgamos necessário acrescentar quatro questões nessa ferramenta, a fim de que tivéssemos um retorno melhor da análise feita sobre o produto educacional. Foi necessário também, modificar a formulação de algumas perguntas visto que, quando pensamos primeiramente no Produto Educacional, ele teria apenas um episódio, sendo que, ao final, ele passou a ter três episódios. As reformulações não modificaram o teor dos questionamentos, apenas os adaptou. As perguntas acrescentadas foram: *a) Na sua opinião, as imagens utilizadas colaboram para uma melhor compreensão dos temas abordados?; b) Na sua opinião, a trilha sonora utilizada em cada episódio é adequada?; c) Na sua opinião, a divisão do documentário em três episódios contribuiu para uma maior compreensão do tema abordado na pesquisa? d) Na sua opinião, o documentário consegue descrever a importância da parceria entre o IFRS - Campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso?*

5.3 A ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

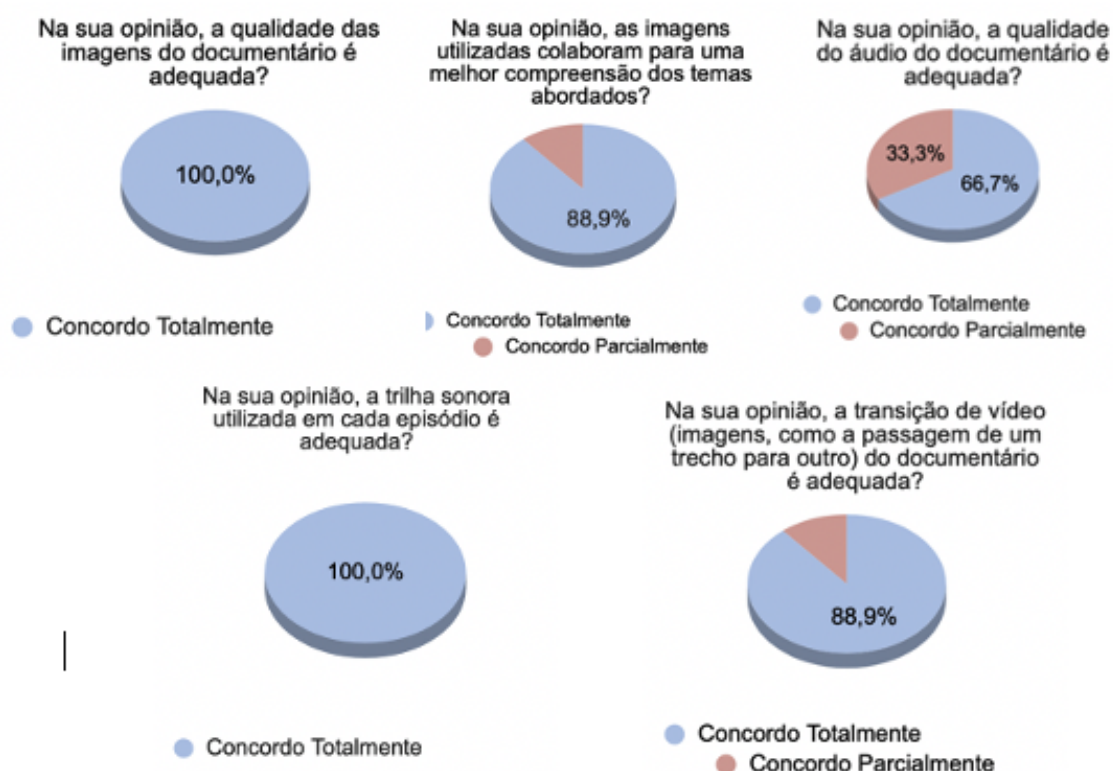
O questionário referido acima foi dividido em 5 seções, composto de quinze questões no total. As seções trataram dos seguintes aspectos do documentário: estética, roteiro, conteúdo dos episódios, linguagem e acessibilidade, sendo a quinta seção constituída por uma questão aberta, intitulada “comentários”, onde o avaliador poderia colocar suas sugestões e observações de forma mais detalhada. Como relatado anteriormente, nos baseamos na proposta de Chisté (2018) para avaliação do documentário. As respostas são apresentadas a seguir.

³² É importante salientar que nos valemos de um trabalho da autora, que sugere algumas categorias de avaliação, referente a um Produto Educacional específico. Como adaptamos as categorias propostas por Christé (2018), em alguns casos precisamos unir algumas categorias para que ficasse mais aplicável à avaliação do documentário.

5.3.1 Questões relacionadas à Estética do Documentário

Nesta seção, foram produzidas cinco questões que tinham como objetivo saber se o material conseguia promover um diálogo entre o que queríamos comunicar e as imagens e os áudios utilizados. Também buscamos saber se as técnicas e ferramentas empregadas tinham uma qualidade que facilitasse a compreensão da mensagem que pretendíamos levar. Os questionamentos foram baseados no que Chisté (2018, p. 336) chama de “Estética e organização do material educativo”. As respostas estão organizadas na figura 13, a seguir:

Figura 13: Respostas relativas à Estética do Documentário



Fonte: produzido pela autora (2024).

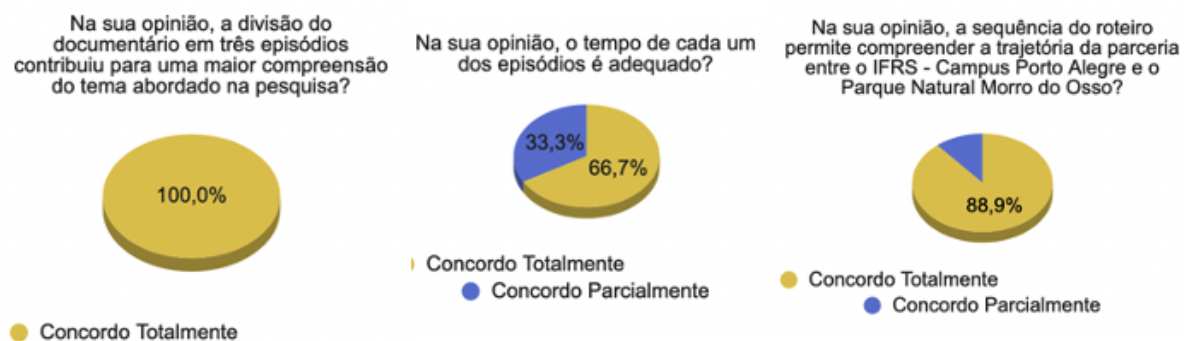
Em relação à esta seção, os respondentes foram unânimes em apontar a qualidade das imagens e a escolha das trilhas sonoras dos episódios como sendo adequadas. Ainda sobre as imagens, a grande maioria apontou serem adequadas a escolha das imagens para melhor compreensão dos temas abordados, bem como as transições de vídeo existentes no material audiovisual.

Sobre a qualidade do áudio ser adequada, neste quesito houve uma concordância parcial de 33,3% dos respondentes. Como captação de áudio, utilizamos um microfone de lapela. De fato, houve problemas técnicos na captação do áudio de três entrevistados. Nestas três entrevistas, houve um erro na captação do áudio do microfone de lapela. Então, a única opção foi utilizar os microfones das câmeras filmadoras, que sofreram a influência da reverberação da sala. Estes áudios passaram por um processo de tratamento, mas no caso da entrevistada Luana, o tratamento não produziu resultados satisfatórios devido à excessiva reverberação presente no ambiente de gravação.

5.3.2 Questões relativas ao Roteiro do Documentário

Nesta seção, foram produzidas três questões, que estão baseadas no que Chisté (idem) denomina “Capítulos do material educativo”. Buscamos saber se os episódios foram montados de forma coerente e se essa estratégia contribuía para a compreensão dos temas abordados. As respostas estão organizadas na figura 14, a seguir:

Figura 14: Respostas relativas ao Roteiro do Documentário



Fonte: produzido pela autora (2024).

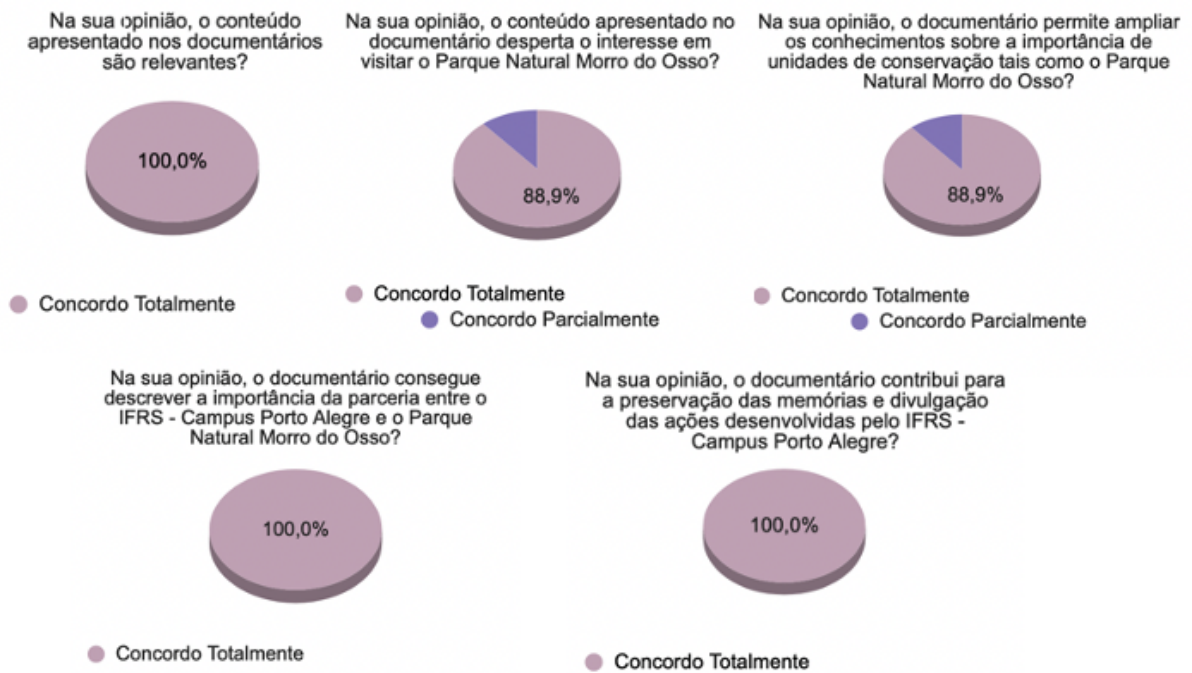
Em relação ao roteiro do documentário, os respondentes foram unânimes em apontar como certa a escolha de dividir o mesmo em três episódios para melhor compreensão do tema abordado na pesquisa. Da mesma forma, a grande maioria apontou que concorda plenamente que a sequência do roteiro dos três episódios permite compreender a trajetória da parceria entre o IFRS – *Campus* Porto Alegre e o

Parque Natural Morro do Osso. Nesta seção, o quesito que mais teve concordância parcial – 33,3% dos respondentes – foi o tempo dos episódios. A escolha de quais trechos das entrevistas utilizar nos episódios, bem como quais assuntos abordar em uma trajetória tão rica de situações foi extremamente difícil. Tratar das principais nuances dessa parceria em menos tempo poderia tornar o documentário muito superficial. Então, embora a média de 22 minutos por episódio não seja considerada muito adequada por parte de alguns dos respondentes, a divisão em três episódios delimita claramente os principais aspectos que a pesquisa precisava abordar. Diante disso, consideramos importante manter todos os elementos presentes nos episódios para cumprir os objetivos da pesquisa.

5.3.3 Questões referentes ao Conteúdo dos três Episódios

Nesta seção, foram produzidas cinco questões, que se enquadrariam mais no que Chisté (idem) chamaria de “Estilo de escrita apresentado no material educativo”, “Críticidade apresentada no material educativo” e “Propostas didáticas apresentadas no material educativo”, cujas respostas estão organizadas na figura 15, a seguir:

Figura 15: Respostas relativas ao Conteúdo dos três Episódios



Fonte: produzido pela autora (2024).

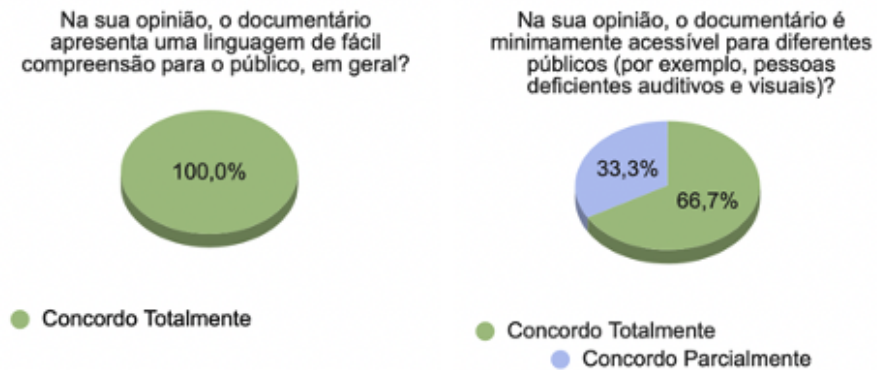
Em relação ao conteúdo dos três episódios, é importante destacar que os respondentes foram unânimes em apontar sua concordância total com três aspectos, que consideramos os mais relevantes da seção: 1) o conteúdo dos episódios é relevante; 2) o produto educacional contribui para a preservação das memórias e divulgação das ações desenvolvidas pelo IFRS – *Campus* Porto Alegre e 3) o documentário consegue descrever a importância da parceria entre o IFRS – *Campus* Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso.

Em dois quesitos, houve apenas uma resposta que apontou concordar parcialmente: o conteúdo desperta interesse em visitar o Parque e o documentário permite ampliar os conhecimentos da importância de UCs como o PNMO. Estes mesmos respondentes não apontaram os motivos da resposta na questão aberta. Um dos motivos pelos quais optamos em produzir um episódio dedicado a apresentar o Parque Natural Morro do Osso e os aspectos específicos relativos àquela Unidade de Conservação, localizada no meio urbano da capital, foi justamente abordar estas questões, pois consideramos extremamente relevante dar conhecimento da importância da preservação das UCs, bem como da aproximação da sociedade através do Uso Público ordenado das mesmas. Buscamos, também, registrar como se deu o processo de implantação do Parque, o que nos parece bastante importante apontar, já que partiu da própria comunidade porto-alegrense, demonstrando o quanto aquele espaço é importante para essa população.

5.3.4 Questões referentes à linguagem e acessibilidade do documentário

Nesta seção, foram produzidas duas questões, que estariam, segundo a proposta de avaliação de Chisté (idem), relacionadas ao “Estilo de escrita apresentado no material educativo” e “Conteúdo apresentado no material educativo” cujas respostas estão organizadas na figura 16, a seguir:

Figura 16: Respostas relativas à Linguagem e Acessibilidade do Documentário



Fonte: produzido pela autora (2024).

Nesta seção, houve resposta unânime em apontar total concordância à presença de uma linguagem de fácil compreensão para o público. No entanto, 1/3 das respostas concordaram parcialmente em relação aos aspectos de acessibilidade. A pergunta foi se o documentário era minimamente acessível para os diferentes públicos e os respondentes que concordaram parcialmente apontaram na questão aberta que poderiam existir outros elementos de acessibilidade, tais como audiodescrição ou legendas ocultas.

5.3.5 Comentários

Nesta seção, foi colocada uma questão aberta para que o respondente pudesse tecer seus comentários, caso achasse pertinente. As respostas estão organizadas no quadro 2, a seguir:

Quadro 2: Respostas abertas dos respondentes do questionário de avaliação do PE

Avaliador	Respostas à questão aberta
1	Parabéns Rô, pela ideia, pela construção da pesquisa. O que vi nestes vídeos me emocionou e me despertou interesse em conhecer esta unidade de conservação. Ver o número de colegas envolvidos no projeto e sentir de fato que em alguns aspectos o <i>Campus</i> Porto Alegre do IFRS está cumprindo o objetivo para o qual foi projetado. A qualidade do conteúdo apresentado é excelente e muito esclarecedor. Mas, vamos às considerações. Na questão 3, selecionei a opção parcialmente para o áudio, pois no episódio 2, o áudio da egressa Luana me pareceu com eco e exigiu mais atenção para entendê-la. Apesar de achar os vídeos excelentes, acredito que o tempo utilizado pode servir de impedimento para que algumas pessoas os assistam na íntegra.

Avaliador (continuação)	Respostas à questão aberta (continuação)
2	Dividir o documentário em três episódios foi uma decisão acertada, pois proporcionou uma estrutura clara e organizada. Como sugestão para uma próxima edição, poderia ser interessante considerar uma pequena redução na duração de cada episódio, uma vez que o documentário ultrapassa uma hora no total.
3	<p>- Cuidar a fonte utilizada para os subtítulos e “fonte da fotografia” pois há vários espaçamentos na primeira palavra da frase ou dentro da frase (observei isso nos 2 primeiros episódios). Há também espaçamentos a mais em diversas frases explicativas. Assisti no celular e no computador e percebi isto em ambos.</p> <p>- Várias fotos do primeiro plano do início do primeiro episódio estão com um pouco de transparência, dificultando a visualização por completo da foto do primeiro plano e misturando com a fotografia de fundo utilizada. Sugestão, deixar as fotos em destaque sem transparência. - Cuidar com o limite da borda da imagem com os textos. Por algumas vezes vi um corte no texto (principalmente na parte de cima do vídeo) - Cuidar a fonte utilizada para os subtítulos e “fonte da fotografia” pois há vários espaçamentos na primeira palavra da frase ou dentro da frase (observei isso nos 3 episódios)</p> <p>- No texto que aparece as entidades cuidar com a descrição das escolas de 1º e 2º graus, dá a impressão que está escrito 10 e 20 graus. - Uma questão pessoal minha é com a questão da nomenclatura dos entrevistados. Em alguns episódios (segundo episódio) é mais usado nomenclatura, e no terceiro episódio é mais usado o nome completo (ex: <i>Campus Poa</i> e <i>Campus Porto Alegre</i>). Acredito que é válido as duas formas, mas sugiro que usem um padrão, se optarem por usar a abreviação, usem no início do episódio o nome completo e as demais aparições a nomenclatura da entidade. Ainda sobre as nomenclaturas sugiro que, também coloque o nome por extenso do PNMO no início dos episódios nas nomenclaturas dos entrevistados, pois o espectador pode não ligar imediatamente o nome do Parque Nacional do Morro do Osso com a sigla. Isso também vale para APACA (pois só consegui entender a abreviação no final do 3º episódio pois li a camiseta da entrevistada quando o ângulo da imagem estava mais fechado)</p>
3	<p>- Outra coisa que me incomodou um pouco foi a questão do chiado de fundo nas gravações internas no <i>campus</i>. São em somente algumas entrevistas: como a do professor Luiz Felipe Velho e da egressa Gabriela Trentini. Há possibilidades de diminuição desse chiado através da edição de vídeo, assim a música de fundo será mais harmônica com a fala dos entrevistados.</p> <p>- No último ponto de avaliação pede se é um PE minimamente acessível para diferentes públicos como pessoas com deficiência auditiva e visual. Acredito que foi contemplada a acessibilidade para as pessoas com deficiência auditiva. Porém, para as pessoas com deficiência visual, questiono se tem algum material que foi adaptado, como por exemplo outra versão com audiodescrição?</p> <p>- Ponto positivo, cada vez que os entrevistados aparecem, surge novamente o nome do entrevistado, isso é ótimo para o reforço dos entrevistados. Ótimo trabalho Rosangela e profes Guta e Lili, deu para entender bem a costura dos 3 episódios e a construção da narrativa deles. Amei as o cuidado com as músicas, tanto a de fundo, quanto as de início e fim de episódio. Boa apresentação, Rosangela.</p>
4	A colega e suas orientadoras estão de parabéns. Muito bem produzido, apresenta um trabalho formidável relativo à memória do Parque e do <i>campus</i> , sem dúvida contribuindo muito para conhecê-los e entender o processo de influência mútua que desenvolvem. Parabéns!

Avaliador (continuação)	Respostas à questão aberta (continuação)
6	Gostaria de fazer apenas uma observação: algumas legendas contém erros de digitação e sincronização.
7	Os vídeos que constituem o Produto Educacional apresentam qualidade documental, contextualização coerente com a proposta. O trabalho gera recursos preciosos para promoção da consciência ambiental. Os relatos fortalecem o vínculo da relação entre o Parque e a Instituição educacional reforçando a tríade Ensino, Pesquisa e Extensão, com diversos exemplos de como as parcerias com outras instituições podem possibilitar o cumprimento da missão institucional dos Institutos Federais. Quanto aos recursos de acessibilidade, destaco a importância de Audiodescrição e/ou legendas ocultas para enriquecer as conexões, ampliando as possibilidades de acesso para alguns grupos que podem ser atendidos por estes recursos. Parabenizo a todos os envolvidos por este trabalho precioso e relevante.
8	A observação centrando apenas no documentário, o trabalho inicia apresentando o Parque Natural Morro do Osso, que aparenta ser o sujeito. Contudo, ao longo do processo dos demais materiais, o sujeito se desloca para o IFRS. O que parece se ligar ao objetivo da pesquisa, sendo, todavia, um pouco confuso enquanto parte da narrativa. No final o sujeito é o IFRS, mas não pareceu muito claro durante a abertura do primeiro material.
9	O documentário está muito bem construído, com informações relevantes sobre a trajetória de atuação do IFRS no Parque Morro do Osso. É um registro importante, que fica como memória desta construção coletiva. Não sei se a professora Cibele Schwanke teve participação ativa neste projeto ao longo dos anos. Mas em caso positivo, creio que seria interessante fazer alguma referência à participação dela, pois o documentário é um registro histórico, que será acessado em diferentes momentos e contextos. Parabéns pelo excelente trabalho!

Fonte: elaborado pelas autoras

Em primeiro lugar gostaríamos de salientar a pertinência dos comentários e sugestões apresentadas pelos avaliadores, para que pudéssemos melhorar, dentro do que nos foi possível, o nosso Produto Educacional. Estamos imensamente agradecidas pelas contribuições.

É importante ressaltar que os comentários livres dos respondentes mostram uma tendência em relação à boa construção do produto educacional. Nestas considerações, afloraram elementos que consideramos relevantes: o fato de escolhermos dividir o documentário em três episódios; os temas abordados em cada episódio; o fato de a parceria ser um instrumento de fortalecimento das duas instituições e de cumprimento da missão institucional, dentre outros.

Algumas questões de estética apontadas foram corrigidas, tais como correções no uso de fontes e erros de digitação das legendas, posicionamento de legendas, transparência em algumas fotos, correção de excesso de reverberação no áudio de

algumas entrevistas realizadas no *Campus* Porto Alegre, etc. No entanto, existem algumas considerações relativas à estética que não serão possíveis de corrigir, como, por exemplo, o áudio da entrevista da egressa Luana Daniela da Silva Peres, devido a um problema técnico na captação do áudio. Igualmente, a redução do tempo dos episódios não nos parece ser possível, uma vez que corremos o risco de tornar muito superficial a abordagem dos temas em cada episódio.

Em relação à questão de acessibilidade, um dos respondentes fez um comentário sobre a presença de audiodescrição ou legendas ocultas no documentário. Especificamente sobre esse importante aspecto, embora as pessoas surdas sejam melhor contempladas com a introdução de uma tradutora e intérprete de Linguagem Brasileira de Sinais, as legendas podem contemplar as pessoas com baixa audição e que não sejam familiarizadas com a LIBRAS. Como os episódios estão disponíveis na plataforma Youtube, foram configurados para permitir que o espectador pudesse ativar as legendas automáticas da plataforma.

Com relação à audiodescrição, de fato poderia ter sido incluída. No entanto, para que esta importante ferramenta seja incluída, precisaríamos modificar a forma como o documentário foi elaborado, alterando algumas partes do roteiro, a fim de permitir que a fala da audiodescrição pudesse ser introduzida sem coexistir com outras falas, o que dificultaria a compreensão de ambas pelo espectador. Desta forma, ao disponibilizarmos legendas e tradução em Libras, objetivamos que o produto educacional fosse minimamente acessível para todos os públicos.

Com relação aos participantes do estudo, reiteramos que um dos desafios foi selecionar aqueles/aquelas que fariam parte da amostra pesquisada. No total, foram em torno de 50 (cinquenta) sujeitos que desenvolveram ações no decorrer do período pesquisado. Desta forma, um elemento que consideramos importante ressaltar é o fato de que não tivemos como citar, ou incluir no produto educacional, todos os atores envolvidos nas ações que fizeram parte da parceria entre o *Campus* Porto Alegre e o PNMO. A escolha foi muito difícil. Buscamos arrolar os atores cujos trabalhos foram mais relevantes para trilhar os caminhos desta parceria, os que iniciaram as atividades, assim como os que participaram de ações que trouxeram maiores desdobramentos, sabendo que não seria possível englobar todos. No entanto, fizemos questão de mencionar todos os trabalhos desenvolvidos, bem como todos os atores

envolvidos nas ações, na seção que trata da análise documental desta pesquisa, com o objetivo de dar publicidade e reconhecimento a tudo que lá foi realizado. Entendemos que todos os trabalhos tiveram o papel de fortalecer a parceria e, por esse motivo, mereciam ser apontados no texto desta dissertação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, através deste estudo, investigar o conjunto das ações desenvolvidas pela interação entre o Parque Natural Morro do Osso e o IFRS – *Campus* Porto Alegre, através da análise documental. Tecemos esta sistematização por meio da análise documental e da história oral, com as narrativas de alguns dos atores participantes deste trilhar, para, dessa forma, compreender melhor como se deu esta trajetória. Ao chegarmos no final desta dissertação, concluímos que a limitação de espaço nos impediu de abordar todos os aspectos desta história. Eles são muitos. Desta maneira, procuramos trazer o que consideramos mais relevante neste momento, certas de que ainda existem diversas facetas desse caminhar que ainda podem, e devem, ser discutidas em futuros trabalhos.

O desvendar dessa relação através das memórias dos participantes, mostrou-se um processo muito rico, pois trouxe as sensações, os sentimentos guardados e que emergiram através destas lembranças. Certamente ter utilizado a História Oral como metodologia, contribuiu para que conseguíssemos preservar essas memórias, de forma mais ampla, valorizando a participação desses atores.

A partir deste estudo também foi possível perceber a diversidade de temas que podem ser desenvolvidos em espaços não formais de educação, e que vão muito além do que pode ser discutido dentro dos muros de uma instituição de ensino, pois permite colocar os alunos em contato com o mundo real. No Apêndice 10, deixamos registrados todos os trabalhos realizados neste recorte, assim como os temas abordados e os sujeitos envolvidos.

As contribuições advindas das avaliações do Produto Educacional nos sugeriram que conseguimos fazer com que os avaliadores *des-cobrissem* a importância dessa parceria para o Parque, para o *Campus* Porto Alegre, assim como para os envolvidos nesta interação. A maioria demonstrou também, que o documentário foi capaz de instigar a curiosidade em conhecer o Parque, assim como o valor que este espaço tem para a sociedade, em especial para a população de Porto Alegre, que lutou para que esta área fosse transformada em uma Unidade de Conservação. Ou seja, ele foi capaz de carregar essa mensagem.

Produzimos o documentário com três episódios, cada um com uma abordagem; porém, complementares, por acreditamos que este formato permitiria um acesso mais abrangente, pela viabilidade de os mesmos poderem ser utilizados de forma conjunta

ou individualmente a depender do tema que viesse a ser discutido a partir dele. As contribuições dos avaliadores nos evidenciou que esta foi uma boa escolha, pois, na maioria das avaliações, este formato foi considerado adequado.

Através do Produto Educacional, foi possível tornar pública uma fração das práticas desenvolvidas, assim como parte dos sujeitos que as viabilizaram, exaltando essa experiência tão preciosa e diversa e que, segundo a nossa visão, contribuiu de forma muito relevante para a formação integral e omnilateral de todos os envolvidos, de forma contextualizada.

Importante ressaltar que uma educação contextualizada passa por entendermos nossa relação com os demais seres, humanos ou não, que habitam nosso planeta, a nossa casa. Ou seja, se faz necessário compreendermos as interrelações existentes com o ambiente em que vivemos, para que possamos vivenciar uma formação que seja cidadã e responsável. cremos que as ações realizadas nesta Unidade de Conservação, assim como a divulgação das mesmas, dão conta deste aspecto. Cabe salientar também que estes temas ligados às questões ambientais, assim como as unidades de conservação, são nichos de trabalho para muitos dos discentes egressos dos cursos ofertados pelo IFRS *Campus* Porto Alegre.

Concluimos também, que esta sinergia edificada só foi viável em função das especificidades inerentes desta Educação Profissional e Tecnológica preconizada pelos Institutos Federais. Estas características, descritas em sua lei de criação, trazem a possibilidade e obrigatoriedade que esta educação seja desenvolvida a partir dos pilares do ensino, da pesquisa e da extensão, oportunizando uma maior interação dialógica com as suas comunidades de abrangência. A conexão com estas comunidades contribui com a construção da identidade da Instituição.

Por fim, gostaríamos de dizer que temos a esperança que este trabalho, sintetizado no Produto Educacional, venha de fato contribuir com a promoção da preservação das memórias das duas instituições e que possa inspirar outros sujeitos a construir parcerias, com este e/ou outros, espaços não formais de educação e demais setores da sociedade. Esperamos que ele possa, também, instigar os demais atores a divulgar os trabalhos realizados, enaltecendo estas atividades e auxiliando na preservação das memórias institucionais tão importantes na construção de suas identidades.

REFERÊNCIAS

AMADO, J. **A culpa nossa de cada dia: Ética e história oral**. Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, v. 15, p. 145–155, 1997. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11225>>.

ARAÚJO JÚNIOR, J. F. **A sustentabilidade em Espaços de Educação Não-Formais: possibilidades pedagógicas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Ponta do Tubarão (RDSEPT)**, 2020. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Magnólia Fernandes Florêncio de Araújo. 2020. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/30710>>. Acesso: 12/09/2024.

BARROS, J. D. **Fontes históricas: Uma introdução aos seus usos historiográficos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BJERK, R. L. **Parceria entre o IFRS Campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso**. Anais Seminário de Pós-graduação, v. 8, p.57–63, 2023. Bento Gonçalves, RS.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza**. Brasília, DF: Secretaria de Biodiversidade e Florestas, 2000.

_____. **Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências**. Brasília, DF: 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11892.htm. Acesso em: 6 jun. 2023.

_____. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Diretrizes para a Estratégia Nacional de Comunicação e Educação Ambiental em Unidades de Conservação – ENCEA**. 2011. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <<https://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/images/stories/Politica/politica-encea/encea.pdf>>. Acesso: 17 ago, 2023.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - CAPES. **Documento de Área - Área 46 - Ensino**. 2019. Brasília. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/educacao-doc-area-2-pdf>>. .

CATANEO, C. **De onde vêm as histórias? Um compêndio para identificação, registro e organização de dados memoriais do IFRS**. Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Caminha de Castilhos França. 2020. 243f. Dissertação (Mestrado). IFRS - *Campus* Porto Alegre, Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Porto Alegre, 2020.

CELLARD, A. A análise documental. **A Pesquisa Qualitativa**, 2012. Petrópolis, RJ: Vozes.

CHISTÉ, P. S. **Produtos Educacionais em Mestrados Profissionais na Área de Ensino: uma proposta de avaliação coletiva de materiais educativos**. Atas CIAIQ - Investigação Qualitativa em Educação. **Anais...** v. 1, 2018. Disponível em: <<http://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/relatorios-finais-quadrienal-2017/20122017-ENSINO->>.

CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2015.

CORTES, P. W. **A contribuição de espaços não formais para o ensino de ciências: a experiência e as percepções de estudantes a partir da visita ao Museu da Vida Frontiers in Neuroscience**. Orientadora: Vanessa Fernandes Guimarães. 2021. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2021.

COSTA, N. S. **“EU LEMBRO COMO SE FOSSE HOJE”**: memórias do curso técnico em Agente Comunitário de Saúde - PROEJA, do IF Sudeste MG - **Campus Rio Pomba**. Orientadora: Prof^a. Paula Reis de Miranda. 2021. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais - *Campus Rio Pomba*. Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Rio Pomba, 2021.

COSTA, V. B. **Memórias de Egressos das Faculdades de Direito de Pelotas/Brasil e Coimbra/Portugal (1960-1970): trajetórias no campo jurídico**. Orientadora: Profa. Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin. 2014. 163 f. Tese (Doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Educação, São Leopoldo, 2014.

CUNHA, L. A. **O ensino industrial-manufatureiro no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, n. 14, p. 89–108, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a06.pdf>>. Acesso: 7 jul. 2023.

DAGNESE, D. I. C. **E essa tal de EPT?" Estudo sobre a história e memória da Educação Profissional e Tecnológica do IFRS Campus Farroupilha**. Porto Alegre: Orientadora: Profa. Dra. Maria Augusta Martiarena de Oliveira. 2021. 123 f. Dissertação (Mestrado). IFRS - *Campus Porto Alegre*, Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Porto Alegre, 2021.

ERRANTE, A. **Mas afinal, a memória é de quem?: Histórias orais e modos de lembrar e contar**. História da Educação, v. 4, n. 8, p. 141–174, 2000.

ESCOTT, C. M.; MORAES, M. A. C. IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “Histórias, Sociedade e Educação no Brasil”. **História da Educação Profissional no Brasil: as políticas públicas e o novo cenário de formação de professores nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia**. Anais... p.1492–1508, 2012. João Pessoa, PB: Editora Universitária da UFPB.

FERREIRA, M. M. (COORD); et al. **ENTRE-VISTAS: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro-RJ: FGV Editora, 1994.

FORPROEX. FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária**, 2012. Porto Alegre, RS: Gráfica da UFRGS.

FRIGOTTO, G. (ORG). **Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2018.

GAUER, G. **MEMÓRIA AUTOBIOGRÁFICA: QUALIDADES FENOMENAS DA RECORDAÇÃO CONSCIENTE E PROPRIEDADES ATRIBUÍDAS A EVENTOS PESSOAIS MARCANTES**. Orientador: Prof. Dr. William Barbosa Gomes. 2005. 148 f. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Porto Alegre, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4º ed. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GRAZZIOTIN, L. S. S.; ALMEIDA, D. B. **Romagem do tempo e recantos da memória: reflexões metodológicas sobre História Oral**. São Leopoldo: Oikos, 2012.

IFRS. INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. **A Extensão no Instituto Federal do Rio Grande do Sul**. 2010. Bento Gonçalves, RS. Disponível em: <<https://memoria.ifrs.edu.br/documentos/cartilha-de-extensao-2010/>>. Acesso: 25 jul, 2023.

_____. **POLÍTICA DE EXTENSÃO DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL**. Aprovado pelo Conselho Superior, conforme Resolução nº 058, de 15 de agosto de 2017. Bento Gonçalves, RS, 2017.

_____. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2018-2024**. Bento Gonçalves, RS: IFRS, 2018a.

_____. **Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental**. 2018a. Porto Alegre. Disponível em: <https://www.poa.ifrs.edu.br/images/Cursos/Superiores/Tecnologia_Gestao_Ambient al/ppc_gestao_ambiental_out_2011.pdf>. Acesso: 21 mai, 2023.

KUENZER, A. Z. **Educação e trabalho no Brasil: o estado da questão**. 2. impr. Brasília: INEP; Santiago: REDUC, 1991; Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEITE, F. C. L.; POSSA, A. D. **Metodologia da Pesquisa Científica**. 2 ed. rev. ed. Florianópolis: IFSC, 2013.

MARTINS, R.; TOURINHO, I. **(Des)arquivar narrativas para construir histórias de vida ouvindo o chão da experiência. Pesquisa narrativa: Interfaces entre histórias de vida, arte e educação.** Santa Maria: Editora UFSM, 2017.

MELO, C. T. V. **O documentário como gênero audiovisual.** Comunicação & Informação, v. 5, n. 1/2, p. 25–40, 2002.

MIRAPALHETE, S. R. (ORG). **Flora e Fauna do Parque Natural Morro Do Osso.** Porto Alegre: Secretaria Municipal do Meio Ambiente, 2001.

MOREIRA, N. G. **Interface Ensino, Pesquisa e Extensão: análise de uma abordagem para atividades de visitação a um espaço não formal de ensino.** Orientadora: Profa. Dra. Lenira Maria Nunes Sepel. 2020. 86 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências: Química da Vida, Santa Maria, 2020.

MOULIN, T. **Uso do Polo de Educação Ambiental da Mata Atlântica (PEAMA) do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) - Campus de Alegre como espaço não formal por professores de biologia.** Orientador: Prof. Dr. Wanderley da Silva. 2020. 66f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

MOURA, D. H. **Educação Básica e Educação Profissional e Tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração.** Holos, v. 2, p. 4–30, 2007.

OLIVEIRA, Z. N. S. C. **Eu tenho histórias pra contar: narrativas dos egressos do CEFET/IFRN, Campus Mossoró.** Orientador: Prof. Dr. Albino Oliveira Nunes. 2021. 119 f. Dissertação (Mestrado) IFRN - Campus Mossoró, Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Mossoró, 2021.

PARERA, M. G. **Interfaces entre arte, narrativa e educação: algumas pistas de leitura. Pesquisa narrativa: Interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa.** Santa Maria: Editora UFSM, 2017.

PEREIRA, E. M. **Movimentos ambientalistas no Rio Grande Do Sul (décadas 1970-80).** Oficina do Historiador, v. 11, n. 1, p. 21, 2018. EDIPUCRS.

PERES, L. D. S.; FEIJÓ, G. T.; FRAGA, A. C.; CANTO-SILVA, C. R. **GAUPUC: uma proposta educacional para o fortalecimento do Uso Público em Unidades de Conservação.** Revista eletrônica Uso Público em Unidades de Conservação, v. 8, n. 13, p. 27–41, 2020.

POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

POLLAK, M. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos, v. 5, n. 10, p. 200–212, 1992.

PRUNZEL, T. S.; MARCUZZO, S. B.; DEZORZI, R. V. **Os Caminhos da Participação no Parque Municipal Morro do Osso, Sul do Brasil.** Ambiente de

sociedade. São Paulo. Vol. 23, 2020.

RAMOS, M. N. **História e política da educação profissional**. 1º ed. Curitiba: IFPR-EAD, 2014.

RIZZATTI, I. M.; MENDONÇA, A. P.; MATTOS, F. **Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores**. ACTIO: Docência em Ciências, v. 5, n. 2, p. 1–17, 2020.

ROCHA, R. E. **Unidades de Conservação: espaços não formais como potencial didático para o desenvolvimento da Educação Ambiental no IFF - Campus Itaperuna**. Orientadora: Profa. Dra. Maysa Franco Zampa. 2020. 118 f. Dissertação (Mestrado). Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Fluminense - Campus Goytacazes, Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Itaperuna, 2020.

SANSON, C. **Trabalho nos clássicos da Sociologia: Marx, Durkheim e Weber**. 1º ed. São Paulo, SP: Expressão Popular, EDUFERN, 2021.

SANTOS, S. M.; MORAES, A. D. J.; BRITO, T. T. R. **História oral entre o status de metodologia e a técnica**. Cadernos de História da Educação, v. 14, n. 3, p. 979–1003, 2015.

SAVIANI, D. **O choque teórico da Politecnicidade**. Trabalho, Educação e Saúde, v. 1, n. 1, p. 131–152, 2003.

SAVIANI, D. **Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 34, p. 152–180, 2007.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. **Halbwachs: memória coletiva e experiência**. Psicologia, USP, São Paulo, v. 4(1/2), p. 285–298, 1993.

SCHÜSSLER, C. **MuseMEP: fortalecer e preservar a memória das Mostras de Educação Profissional da rede pública estadual do RS**. Instituto Federal do Rio Grande do Sul, *Campus* Porto Alegre. Disponível em: <<https://repositorio.ifrs.edu.br/handle/123456789/183>>.

SESTREN-BASTOS, M. C. (COORD). **Plano de Manejo Participativo do Parque Natural Morro do Osso**, 2006. Porto Alegre: Secretaria Municipal do Meio Ambiente.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. **A Pesquisa Científica. Métodos de Pesquisa**. 1 Ed. ed., p.120, 2009. Porto Alegre: Editora da Ufrgs.

SOARES, V. F. **A Abertura Política e os Movimentos Sociais em Porto Alegre (1979-85)**, 2002. Orientador: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli. 2020. 146 f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em História, Porto Alegre, 2020.

SOUZA, J. E. **Memórias de Professores: histórias de ensino em Novo Hamburgo/RS (1940 - 2009)**. Porto Alegre, rs: Evangraf, 2012.

URBANETZ, S. T.; BASTOS, E. N. M. I. **Paulo Freire and Technical and Technological Professional Education**. Praxis Educativa, v. 16, 2021. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Editora.

WALDEMAR, C. C. **A participação popular na criação do Parque Natural Morro do Osso, Porto Alegre – RS, Brasil**. João Pessoa, 2019.

APÊNDICE 1



PRODUTO EDUCACIONAL DOCUMENTÁRIO



Mestranda: Rosangela Leal Bjerck

Orientadora: Maria Augusta Martiarena de Oliveira


Co-orientadora: Liliane Madruga Prestes

Memórias de práticas compartilhadas entre o IFRS - Campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso



Ficha catalográfica produto educacional

Catalogado por: (Nome do Bibliotecário e Registro no CRB)

 CC BY 4.0

Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

EPISÓDIO 1

O Parque Natural Morro do osso: um pouco de sua história



Apresentação

Este documentário é parte da pesquisa intitulada "Caminhos trilhados no contexto da EPT: memórias de práticas compartilhadas entre o IFRS-Campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso (PNMO)", vinculada ao Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, na linha de Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica, macroprojeto 04, que estuda as memórias e histórias da EPT.

Nele, apresentamos o Parque, o processo de sua criação e sua importância, sob o ponto de vista de ser uma Unidade de Conservação localizada em uma região intensamente urbanizada da capital e que mantém uma estreita relação com os moradores, em especial do entorno. Igualmente, consideramos importante demonstrar a sua relevância enquanto uma área protegida, que desempenha um papel fundamental relacionado aos corredores ecológicos, e como refúgio de diversas espécies ameaçadas de extinção. Ponderamos sobre a necessidade de reflexão sobre os desafios que aquele espaço enfrenta, os quais a parceria com o IFRS - *Campus Porto Alegre* ajudou, em parte, a superar.



**Memórias de práticas compartilhadas entre o
IFRS - Campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso**

EPISÓDIO 1

O Parque Natural Morro do osso: um pouco de sua história



Ficha Técnica



DIREÇÃO: Rosangela Leal Bjerk

GÊNERO: Documentário

ROTEIRO: Rosangela Leal Bjerk; Maria Augusta Martiarena de Oliveira; Liliane Madruga Prestes

REVISÃO: Maria Augusta Martiarena de Oliveira; Liliane Madruga Prestes

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL: Adriana de Farias Ramos

TRADUÇÃO EM LIBRAS: Luciane Kaster

IMAGENS DE DRONE: Mobile Drone

TRILHA SONORA:

1. Rap pro bugio (do Morro do Osso)

(Celson Canto; Ricardo Fragoso; Rô Bjerk)

Construção coletiva com alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Monte Cristo, em 2012, rearranjada em 2023 para servir de trilha do vídeo institucional do PNMO.

Ricardo Fragoso (violões); Costa Lima (contrabaixo); Darcy Osório Fernandes (bateria); Davi “Batuka” Mesquita (percussão); Rô Bjerk e Celson Canto (interpretação); Ricardo Fragoso e Adriana Ramos (vocais).

2. Rap pro bugio (do Morro do Osso) - versão instrumental

Memórias de práticas compartilhadas entre o
IFRS - Campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso

EPISÓDIO 1

O Parque Natural Morro do osso: um pouco de sua história



Ficha Técnica

ENTREVISTADOS:

- Celson Roberto Canto Silva - Docente do Campus Porto Alegre;
- Cláudia de Britto Velho Ruchel - Gestora do PNMO desde 2019;
- Janaína Canto - Egressa do Curso de Condutores Ambientais;
- Joyce Therezinha da Silveira Loss - Comissão de Defesa do PNMO;
- Luis Felipe Velho - Docente do Campus Porto Alegre
- Maria Carmen Sastren-Bastos - Gestora Técnica do PNMO de 2003 à 2011;
- Rubilar Ritta Jobim - Servidor do PNMO desde 2014
- Sílvio Souto - Gestor Administrativo do PNMO de 2010 à 2020.

<https://youtu.be/g3IEcu91yuU>

Clique para
Assistir!



Memórias de práticas compartilhadas entre o
IFRS - Campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso

EPISÓDIO 2

A sinergia entre o IFRS - Campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso



Apresentação

O segundo episódio do documentário aborda a conexão entre as duas Instituições. Fala sobre como essa trajetória começou e foi se consolidando através das diversas atividades desenvolvidas. Discorre sobre algumas dessas ações, seus objetivos e de que forma as mesmas contribuíram para o cumprimento da “Missão” das duas Instituições.

A música escolhida para trilha sonora se chama “Estrada”. Uma composição de Ricardo Fragoso e que fala sobre os desafios encontrados ao definirmos um caminho a seguir e o quanto devemos estar envolvidos afetivamente com essa busca, para que tenhamos mais força para trilhá-la. Foi montado com os testemunhos de atores de todos os grupos entrevistados, sendo ilustrados com fotos, vídeos e capas de alguns TCCs para complementar as narrativas.



Memórias de práticas compartilhadas entre o
IFRS - Campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso

EPISÓDIO 2

A sinergia entre o IFRS - Campus
Porto Alegre e o Parque Natural
Morro do Osso



Ficha Técnica



DIREÇÃO: Rosangela Leal Bjerk

GÊNERO: Documentário

ROTEIRO: Rosangela Leal Bjerk; Maria Augusta Martiarena de Oliveira; Liliane Madruga Prestes

REVISÃO: Maria Augusta Martiarena de Oliveira; Liliane Madruga Prestes

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL: Adriana de Farias Ramos

TRADUÇÃO EM LIBRAS: Luciane Kaster

TRILHA SONORA:

1. Estrada (Ricardo Fragoso)
Ricardo Fragoso (violões);
Miguel Tejera (baixo e percussão);
Zé Ramos (guitarra acústica);
Rô Bjerk (interpretação)
2. Estrada - versão instrumental

**Memórias de práticas compartilhadas entre o
IFRS - Campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso**

EPISÓDIO 2

A sinergia entre o IFRS - Campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso



Ficha Técnica

ENTREVISTADOS:

- Celson Roberto Canto Silva – Docente do IFRS Campus POA;
- Cláudia de Britto Velho Ruschel – Gestora do PMNO desde 2019;
- Fernanda Giordani – Egressa do IFRS Campus POA;
- Gabriela Trentini Feijó – Egressa do IFRS Campus POA;
- Izadora Flores Rech – Egressa do IFRS Campus POA;
- Janaína Canto – Egressa do Curso de Formação de Condutores;
- Jean Corseuil – Egresso do Curso de Formação de Condutores;
- Luana Daniela da Silva Peres – Egressa do IFRS Campus POA;
- Luiz Felipe Velho – Docente do IFRS Campus POA;
- Maria Carmem Sestren-Bastos – Gestora Técnica do PNMO de 2003 à 2011;
- Renan Floriano da Silva – Egresso do IFRS Campus POA;
- Rubilar Ritta Jobim – Servidor do PMNO desde 2014;
- Simone Caterina Kapusta – Docente do IFRS Campus POA.

https://youtu.be/b_ZL9v7KFcs

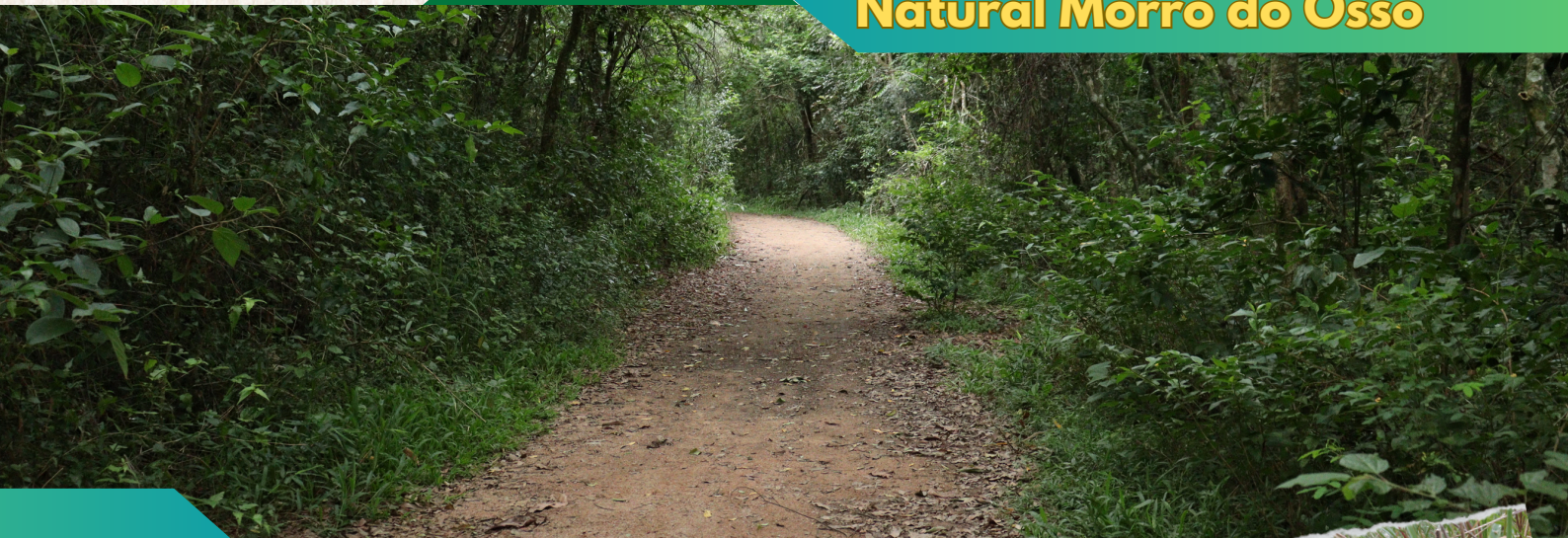
**Clique para
Assistir!**



Memórias de práticas compartilhadas entre o
IFRS - Campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso

EPISÓDIO 3

Aprendizagens a partir da experiência com o Parque Natural Morro do Osso



Apresentação

O terceiro episódio busca falar um pouco sobre o desafio que o *Campus* Porto Alegre passou, durante o seu processo de transição de Escola Técnica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Traz relatos de discentes e servidores que vivenciaram esse caminhar, assim como de pessoas externas ao IFRS e que acompanharam essa mudança, para que pudessem relatar quais as suas percepções com relação a esse movimento.

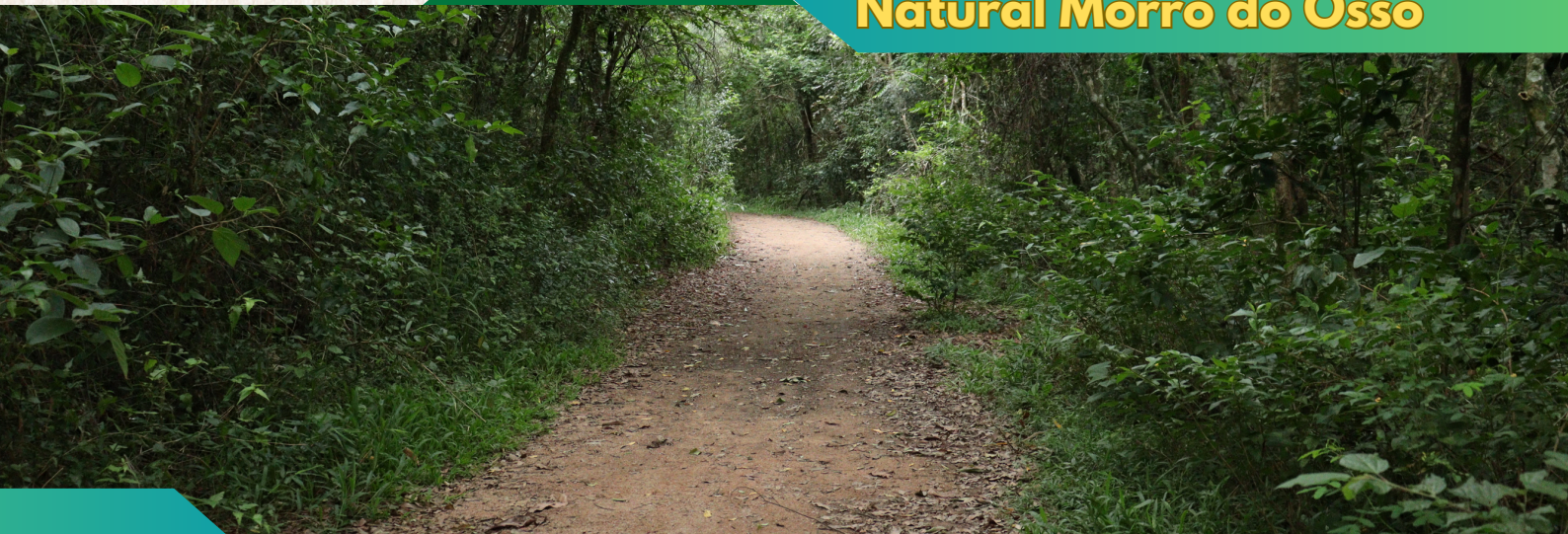
Aborda também as aprendizagens construídas através da parceria. Tanto para a instituição IFRS - *Campus* Porto Alegre, quanto para o Parque Natural Morro do Osso e para os sujeitos que realizaram algumas das ações desta parceria, dentro dos pilares do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, que balizam a formação integral preconizada para os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.



Memórias de práticas compartilhadas entre o
IFRS - Campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso

EPISÓDIO 3

Aprendizagens a partir da
experiência com o Parque
Natural Morro do Osso



Ficha Técnica



DIREÇÃO: Rosangela Leal Bjerck

GÊNERO: Documentário

ROTEIRO: Rosangela Leal Bjerck; Maria Augusta Martiarena de Oliveira; Liliane Madruga Prestes

REVISÃO: Maria Augusta Martiarena de Oliveira; Liliane Madruga Prestes

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL: Adriana de Farias Ramos

TRADUÇÃO EM LIBRAS: Luciane Kaster

TRILHA SONORA:

1. A Tríade (Celson Canto/Marcelo Schmitt)

2. O mar me chama - versão instrumental (Ricardo Fragoso)

Ricardo Fragoso (violões)

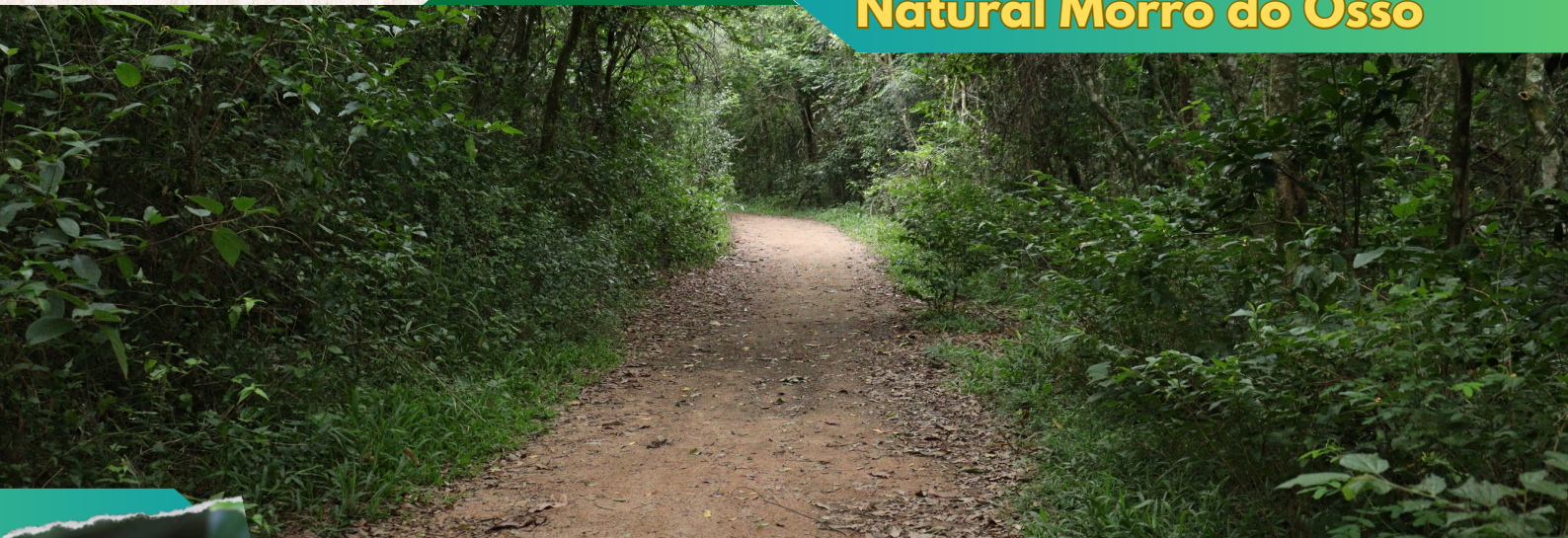
Miguel Tejera (baixo e percussão)

Paulinho Cardoso (acordeon)

Memórias de práticas compartilhadas entre o
IFRS - Campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso

EPISÓDIO 3

Aprendizagens a partir da
experiência com o Parque
Natural Morro do Osso



Ficha Técnica

ENTREVISTADOS:

- Celson Roberto Canto Silva – Docente do IFRS Campus POA;
- Eloisa Solyszko Gomes – Técnico-administrativa em Educação do IFRS Campus POA;
- Gabriela Trentini Feijó – Egressa do IFRS Campus POA;
- Izadora Flores Rech – Egressa do IFRS Campus POA;
- Janaína Canto – Egressa do Curso de Formação de Condutores (PRONATEC);
- Luana Daniela da Silva Peres – Egressa do IFRS Campus POA;
- Luiz Felipe Velho – Docente do IFRS Campus POA;
- Maria Carmem Sestren-Bastos – Gestora Técnica do PNMO de 2003 à 2011;
- Renan Floriano da Silva – Egresso do IFRS Campus POA
- Rubilar Ritta Jobim – Servidor do Parque Natural Morro do Osso
- Simone Caterina Kapusta – Docente do IFRS Campus POA

<https://youtu.be/6-y6HC2wcjw>

Clique para
Assistir!



APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO RIO GRANDE DO SUL – IFRS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO – PROPP
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (GRUPOS 1, 2 E 3)

Prezado (a) Senhor (a)

Você está sendo respeitosamente convidado (a) a participar do projeto de pesquisa intitulado: **“Caminhos trilhados no contexto da EPT: práticas compartilhadas entre o IFRS campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso”**. O objetivo é investigar as ações da instituição de pesquisa em extensão e divulgação de conteúdos do IFRS Campus Porto Alegre em uma área de educação profissional e tecnológica. Este projeto está vinculado ao Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, do Campus Porto Alegre do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul.

A pesquisa será feita em local a ser definido posterior e conjuntamente entre pesquisador e participante, através de entrevista, que será gravada e filmada, após sua autorização. Para a coleta de dados serão utilizados: diário de campo, gravador, filmadora e câmera fotográfica.

O modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido prevê que sejam descritos os riscos que podem, eventualmente, ocorrer a você como consequência da entrevista. Compreendemos que os riscos restritos à sua narrativa são mínimos, vinculados à possibilidade do não desejo de responder alguma pergunta e, para seu conhecimento, reiteramos que, se houver alguma questão que requeira maior sigilo, desligaremos os equipamentos, atendendo imediatamente a sua solicitação. Ao mesmo tempo, assumimos o compromisso de enviar-lhe a transcrição das entrevistas com o objetivo de obter autorização final para o uso das informações. Caso algum trecho ou imagem sejam negados, serão retirados da análise.

Foi destacado que a sua participação no estudo é de extrema importância, uma vez que se espera, com o registro de sua narrativa, desvendar os caminhos trilhados nas diversas práticas compartilhadas entre o IFRS Campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso. O benefício auferido em colaborar com esta pesquisa está relacionado ao fato de que o registro e divulgação de suas memórias, do período citado, contribuirão para a preservação das memórias institucionais, bem como para potencializarmos outras iniciativas futuras no sentido de fortalecimento da parceria institucional.

Nesse sentido, pedimos que leia em voz alta algumas garantias que assumimos com a sua entrevista semiestruturada, bem como com as imagens captadas ao longo do processo.

“Estou ciente e me foram assegurados os seguintes direitos:

- da liberdade de retirar o meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isso me traga prejuízo de qualquer ordem;

- de que serão mantidos todos os preceitos ético-legais durante e após o término da pesquisa, de acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde;
- do compromisso de ter acesso às informações em todas as etapas do estudo, bem como aos resultados, ainda que isso possa afetar meu interesse em continuar participando da pesquisa;
- de que não haverá nenhum tipo de despesa ou ônus financeiro, bem como não haverá nenhuma recompensa financeira relacionada à minha participação;
- de que não está previsto nenhum tipo de procedimento invasivo, coleta de material biológico, ou experimento com seres humanos;
- de não responder qualquer pergunta que julgar constrangedora ou inadequada”.

Eu _____, portador do documento de identidade nº _____, aceito participar da pesquisa intitulada: “**Caminhos trilhados no contexto da EPT: desafios e perspectivas a partir de práticas compartilhadas entre o IFRS campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso**”. Fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada, bem como sobre a metodologia que será adotada, sobre os riscos e benefícios envolvidos. Recebi uma cópia deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Uso de imagem/gravação

Autorizo o uso de minhas imagens (foto, áudio e vídeo) captadas para fins desta pesquisa, sendo seu uso restrito a publicação de livro e documentário, considerando esse ser um trabalho acadêmico.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2023.

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) pesquisador(a)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

E-mail: cepesquisa@ifrs.edu.br

Endereço: Rua General Osório, 348, Centro, Bento Gonçalves, RS, CEP: 95.700-000

Telefone: (54) 3449-3340

Pesquisador(a) principal: Rosangela Leal Bjerck

Telefone para contato: (51) 999810983

E-mail para contato: bjerckrosangela@gmail.com

APÊNDICE 3

ROTEIRO DE ENTREVISTA DO GRUPO 1A

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL - CAMPUS PORTO ALEGRE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Linha de Pesquisa: Organização e Memórias da EPT

Mestranda: ROSANGELA LEAL BJERK

Título do projeto: *Caminhos trilhados no contexto da EPT: memórias de práticas compartilhadas entre o IFRS Campus Porto alegre e o Parque Natural Morro do Osso*

ESTRUTURA DO ROTEIRO DE ENTREVISTAS DO GRUPO 1A

Grupo de servidores do IFRS participantes de ações no PNMO

As questões serão organizadas em 5 blocos, a saber:

BLOCOS DE QUESTÕES	QUESTÕES PROPOSTAS
1. Dados de identificação do/a participante	1) Conte um pouco sobre quem é você (nome, idade, raça/etnia, gênero com o qual se identifica, etc.) 2) Quando foi seu ingresso no IFRS Campus Porto Alegre? 3) Quais as suas atribuições na instituição? Fale um pouco sobre isso.
2. Contato inicial com o PNMO	4) Relate o que você sabe sobre a trajetória do IFRS - campus Porto Alegre 5) Enquanto servidor do IFRS, como se deu o seu primeiro contato com o PNMO? Poderia me falar um pouco sobre essa história? 6) Você já conhecia o PNMO antes de realizar atividades educacionais lá? Em caso afirmativo, conte um pouco sobre sua relação anterior com o PNMO. 7) Por que razão você optou por realizar atividades educacionais no Parque?

<p>3. Participação de atividades realizadas em parceria entre IFRS/POA e PNMO (breve descrição do tipo de atividade, forma de participação, período/ano da atividade e avaliação da participação)</p>	<p>8) Relate as atividades que você participou e que foram realizadas em parceria entre IFRS e PNMO com:</p> <ul style="list-style-type: none"> a) breve descrição do tipo de atividade (título da ação, vinculada ao ensino, pesquisa ou extensão, objetivos, etc.) b) forma de participação (etapas e/ou ações da atividade que você participou) c) motivações para a participação. <p>9) Dentre as atividades que você participou, tem alguma que considera mais significativa para você e para os outros envolvidos? Porque?</p>
<p>BLOCOS DE QUESTÕES (continuação)</p>	<p>QUESTÕES PROPOSTAS (continuação)</p>
<p>4. Percepções sobre a relevância das atividades para a formação pessoal e/ou profissional</p>	<p>10) Como você avalia a participação em tais atividades para a sua formação no âmbito pessoal e profissional? Fale um pouco sobre isso.</p> <p>11) De que maneira você acredita que essas atividades realizadas no parque, possam contribuir para a formação dos alunos do IFRS?</p> <p>12) Como você considera que essas atividades possam contribuir para a manutenção e conservação do parque?</p> <p>13) Como você avalia a sua percepção com relação ao Parque e ao IFRS após ter participado de tais atividades?</p> <p>14) Na sua opinião qual a importância de realizar essas atividades no PNMO?</p> <p>15) Qual a importância de preservar o PNMO?</p>
<p>5. Perspectivas e sugestões</p>	<p>16) Você pretende desenvolver mais atividades no PNMO futuramente? Quais? 16) Você gostaria de acrescentar outras informações que julgar pertinente para o presente estudo.</p>

APÊNDICE 4

ROTEIRO DE ENTREVISTA DO GRUPO 1B INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL - CAMPUS PORTO ALEGRE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Linha de Pesquisa: Organização e Memórias da EPT

Mestranda: ROSANGELA LEAL BJERK

Título do projeto: *Caminhos trilhados no contexto da EPT: memórias de práticas compartilhadas entre o IFRS Campus Porto alegre e o Parque Natural Morro do Osso*

ESTRUTURA DO ROTEIRO DE ENTREVISTAS DO GRUPO 1B Grupo de discentes bolsistas e voluntários EGRESSOS do IFRS As

questões serão organizadas em 5 blocos, a saber:

BLOCOS DE QUESTÕES	QUESTÕES PROPOSTAS
1. Dados de identificação do/a participante	1) Conte um pouco sobre quem é você (nome, idade, raça/etnia, gênero com o qual se identifica, etc.) 2) Como você teve conhecimento sobre o IFRS - Campus Porto Alegre? 3) O que motivou a sua escolha para estudar no IFRS - Campus PoA e qual curso e ano que você concluiu?
2. Contato inicial com o Parque	4) Relate o que você sabe sobre a trajetória do Parque Natural do Morro do Osso 5) No decorrer de sua trajetória enquanto estudante egresso do IFRS - Campus Porto Alegre, quando e como foi o seu primeiro contato com o Parque Natural Morro do Osso? Fale um pouco sobre tal atividade desenvolvida. 6) Como você avalia a sua participação na atividade anteriormente relatada? 7) Você já conhecia o Parque antes desta atividade? Em caso afirmativo, conte um pouco sobre sua relação anterior com o Parque.

BLOCOS DE QUESTÕES (continuação)	QUESTÕES PROPOSTAS (continuação)
<p>3. Participação de atividades realizadas em parceria entre IFRS/POA e Parque (breve descrição do tipo de atividade, forma de participação, período/ano da atividade e avaliação da participação)</p>	<p>8) Relate as atividades que você participou e que foram realizadas em parceria entre IFRS e Parque além do contato inicial descrito anteriormente</p> <ul style="list-style-type: none"> a) breve descrição do tipo de atividade (título da ação, vinculada ao ensino, pesquisa ou extensão, objetivos, etc.) b) forma de participação (etapas e/ou ações da atividade que você participou) c) como tomou conhecimento da atividade. d) motivações para a participação. e) período de participação. f) avaliação da sua participação na atividade. <p>9) Como você avalia a participação em tais ações para a sua formação no âmbito pessoal e profissional?</p> <p>10) Enquanto estudante egresso do IFRS - Campus Porto Alegre, como você avalia a sua percepção com relação ao Parque após ter participado de tais atividades?</p>
<p>4. Percepções sobre a relevância das atividades para a formação pessoal e/ou profissional</p>	<p>11) Na sua opinião, qual a relevância de tais atividades realizadas em parceria entre o IFRS Campus Porto Alegre e o Parque?</p> <p>12) Consideras que as atividades realizadas entre o IFRS - Campus Porto Alegre e o Parque contribuem para a manutenção e conservação do parque? Justifique sua resposta</p> <p>13) Na sua opinião, as atividades que você participa e/ou participou repercutem e/ou repercutiram na tua trajetória profissional enquanto egresso da educação profissional? Justifique</p> <p>14) Como você avalia a sua percepção com relação ao Parque e ao IFRS após ter participado de tais atividades?</p>
<p>5. Perspectivas e sugestões</p>	<p>15) Você pretende desenvolver mais atividades no Parque futuramente? Quais?</p> <p>16) Você tem sugestões de atividades a serem desenvolvidas em parceria pelo IFRS e Parque e/ou gostaria de acrescentar outras informações que você julgar pertinente para o presente estudo.</p>

APÊNDICE 5

ROTEIRO DE ENTREVISTA DO GRUPO 2A INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL - CAMPUS PORTO ALEGRE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Linha de Pesquisa: Organização e Memórias da EPT

Mestranda: ROSANGELA LEAL BJERK

Título do projeto: *Caminhos trilhados no contexto da EPT: memórias de práticas compartilhadas entre o IFRS Campus Porto alegre e o Parque Natural Morro do Osso*

ESTRUTURA DO ROTEIRO DE ENTREVISTAS

GRUPO 2A: Grupo de gestores do PNMO

As questões serão organizadas em 5 blocos, a saber:

BLOCOS DE QUESTÕES	QUESTÕES A SEREM PROPOSTAS
1. Dados de identificação o do/a participante	1) Conte um pouco sobre quem é você (nome, idade, raça/etnia, gênero com o qual se identifica, etc.) 2) Relate o que você sabe sobre a trajetória do Parque Natural do Morro do Osso. 3) Relate um pouco sobre a sua trajetória pessoal e/ou profissional vinculada ao Parque Natural Morro do Osso. 4) Qual o período que você atuou e/ou atua enquanto gestor/a no PNMO? 5) Quais são/eram as suas atribuições enquanto gestor do Parque?
2. Contato inicial com o IFRS	6) Você já conhecia o IFRS antes das atividades realizadas no Parque? Em caso afirmativo, conte um pouco sobre sua relação anterior com o IFRS. 7) No decorrer de sua trajetória quando foi o seu primeiro contato com servidores/as e/ou estudantes do IFRS campus Porto Alegre.

<p>3. Participação de atividades realizadas em parceria entre IFRS/POA e PNMO (breve descrição do tipo de atividade, forma de participação, período/ano da atividade e avaliação da participação)</p>	<p>8) Você se recorda de alguma ação de ensino, pesquisa ou extensão que tenha sido realizada por servidor/a e/ou estudantes do campus POA junto ao PNMO durante a sua gestão? Em caso afirmativo, poderias fazer uma breve descrição:</p> <ul style="list-style-type: none"> a) Tipo de atividade (título da ação, vinculada ao ensino, pesquisa ou extensão, objetivos, etc.) b) forma de participação (etapas e/ou ações da atividade que você participou) c) como tomou conhecimento da atividade. d) motivações para a participação. e) período de participação. f) avaliação da atividade. <p>9) Você participou de alguma dessas atividades? Se sim, como se deu essa participação?</p> <p>10) Dentre as atividades que você participou, tem alguma que considera mais significativa para você e para os outros envolvidos? Porque?</p>
<p>BLOCOS DE QUESTÕES (continuação)</p>	<p>QUESTÕES A SEREM PROPOSTAS (continuação)</p>
<p>4. Percepções sobre a relevância das atividades para a formação pessoal e/ou profissional e para as instituições envolvidas</p>	<p>11) Como você avalia a participação em tais ações para a sua formação no âmbito pessoal e profissional?</p> <p>12) Você considera que a realização destas atividades, fruto desta parceria com o IFRS, contribui com o parque? de que forma?</p> <p>13) Na sua opinião, qual a relevância de tais atividades realizadas em parceria entre o IFRS Campus Porto Alegre e o PNMO?</p> <p>14) Como você avalia a sua percepção com relação ao IFRS após ter participado de tais atividades? Poderias me falar sobre isso?</p>
<p>5. Perspectivas e sugestões</p>	<p>15) Você pretende desenvolver mais atividades com o IFRS futuramente? Quais?</p> <p>16) Você tem sugestões de atividades a serem desenvolvidas em parceria pelo IFRS e PNMO e/ou gostaria de acrescentar outras informações que você julgar pertinente para o presente estudo.</p>

APÊNDICE 6

ROTEIRO DE ENTREVISTA DO GRUPO 2B INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL - CAMPUS PORTO ALEGRE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Linha de Pesquisa: Organização e Memórias da EPT

Mestranda: ROSANGELA LEAL BJERK

Título do projeto: *Caminhos trilhados no contexto da EPT: memórias de práticas compartilhadas entre o IFRS Campus Porto alegre e o Parque Natural Morro do Osso*

ESTRUTURA DO ROTEIRO DE ENTREVISTAS DO GRUPO 2B

Grupo dos servidores do Parque

As questões serão organizadas em 5 blocos, a saber:

BLOCOS DE QUESTÕES	QUESTÕES PROPOSTAS
1. Dados de identificação do/a participante	1) Conte um pouco sobre quem é você (nome, idade, raça/etnia, gênero com o qual se identifica, etc.) 2) Relate o que você sabe sobre a trajetória do Parque Natural do Morro do Osso 3) Relate um pouco sobre a sua trajetória pessoal e/ou profissional vinculada ao Parque Natural Morro do Osso. 4) Desde quando você atua enquanto servidor/a no Parque? 5) Quais são/eram as suas atribuições enquanto servidor /a no Parque?
2. Contato inicial com o IFRS	6) Você já conhecia o IFRS antes das atividades realizadas no Parque? Em caso afirmativo, conte um pouco sobre sua relação anterior com o IFRS. 7) No decorrer de sua trajetória quando foi o seu primeiro contato com servidores/as e/ou estudantes do IFRS campus Porto Alegre.

<p>3. Participação de atividades realizadas em parceria entre IFRS/POA e Parque (breve descrição do tipo de atividade, forma de participação, período/ano da atividade e avaliação da participação)</p>	<p>8) Você se recorda de alguma ação de ensino, pesquisa ou extensão que tenha sido realizada por servidor/a e/ou estudantes do campus POA junto ao Parque durante a sua gestão? Em caso afirmativo, poderias fazer uma breve descrição:</p> <ul style="list-style-type: none"> a) Tipo de atividade (título da ação, vinculada ao ensino, pesquisa ou extensão, objetivos, etc.) b) forma de participação (etapas e/ou ações da atividade que você participou) c) como tomou conhecimento da atividade. d) motivações para a participação. e) período de participação. f) avaliação da atividade. <p>9) Você participou de alguma dessas atividades? Se sim, como se deu essa participação?</p> <p>10) Dentre as atividades que você participou, tem alguma que considera mais significativa para você e para os outros envolvidos? Porque?</p>
<p>BLOCOS DE QUESTÕES (continuação)</p>	<p>QUESTÕES PROPOSTAS (continuação)</p>
<p>4. Percepções sobre a relevância das atividades para a formação pessoal e/ou profissional e para as instituições envolvidas</p>	<p>11) Como você avalia a participação em tais ações para a sua formação no âmbito pessoal e profissional?</p> <p>12) Você considera que a realização destas atividades, fruto desta parceria com o IFRS, contribui com o parque? de que forma?</p> <p>13) Na sua opinião, qual a relevância de tais atividades realizadas em parceria entre o IFRS Campus Porto Alegre e o Parque?</p> <p>14) Como você avalia a sua percepção com relação ao IFRS após ter participado de tais atividades? Poderias me falar sobre isso?</p>
<p>5. Perspectivas e sugestões</p>	<p>15) Você pretende desenvolver mais atividades com IFRS Campus PoA futuramente? Quais?</p> <p>16) Você tem sugestões de atividades a serem desenvolvidas em parceria pelo IFRS e Parque e/ou gostaria de acrescentar outras informações que você julgar pertinente para o presente estudo.</p>

APÊNDICE 7

ROTEIRO DE ENTREVISTA DO GRUPO 3 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL - CAMPUS PORTO ALEGRE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Linha de Pesquisa: Organização e Memórias da EPT

Mestranda: ROSANGELA LEAL BJERK

Título do projeto: *Caminhos trilhados no contexto da EPT: memórias de práticas compartilhadas entre o IFRS Campus Porto alegre e o Parque Natural Morro do Osso*

ESTRUTURA DO ROTEIRO DE ENTREVISTAS DO GRUPO 3 Grupo do público externo - participantes de ações de extensão

As questões serão organizadas em 5 blocos, a saber:

BLOCOS DE QUESTÕES	QUESTÕES PROPOSTAS
1. Dados de identificação do/a participante	1) Conte um pouco sobre quem é você (nome, idade, raça/etnia, gênero com o qual se identifica, etc.) 2) Relate o que você sabe sobre a trajetória do Parque Natural do Morro do Osso
2. Contato com o Parque e o IFRS	3) Relate um pouco sobre a sua trajetória pessoal e/ou profissional vinculada ao Parque Natural Morro do Osso. 4) Quando você conheceu o Parque e como se deu a sua relação com o parque? 5) Fale um pouco sobre o seu vínculo com o IFRS - Campus Porto Alegre.
3. Participação de atividades realizadas em parceria entre IFRS/POA e Parque (breve descrição do tipo de atividade, forma de participação, período/ano da atividade e avaliação da participação)	7) Relate as atividades que você participou e que foram realizadas em parceria entre IFRS e Parque a) breve descrição do tipo de atividade b) forma de participação. c) como tomou conhecimento da ação d) motivações para a participação e) período de participação f) avaliação da sua participação na atividade 8) Como você avalia a participação em tais ações para a sua formação no âmbito pessoal e profissional? 9) Como você avalia a sua percepção com relação ao Parque e ao IFRS após ter participado de tais atividades?

BLOCOS DE QUESTÕES (continuação)	QUESTÕES PROPOSTAS (continuação)
<p>4. Percepções sobre a relevância das atividades para a formação pessoal e/ou profissional</p>	<p>10) Na sua opinião, qual a relevância de tais atividades realizadas em parceria entre o IFRS Campus Porto Alegre e o Parque?</p> <p>11) Consideras que as atividades realizadas entre o IFRS - Campus Porto Alegre e o Parque contribuem para a manutenção e conservação do parque? Justifique sua resposta.</p>
<p>5. Perspectivas e sugestões</p>	<p>12) Você pretende desenvolver mais atividades no Parque futuramente? Quais?</p> <p>13) Você tem sugestões de atividades a serem desenvolvidas em parceria pelo IFRS e Parque e/ou gostaria de acrescentar outras informações que você julgar pertinente para o presente estudo.</p>

APÊNDICE 8

Questionário para fins de avaliação do Produto Educacional decorrente da pesquisa intitulada: Caminhos trilhados no contexto da EPT: memórias de práticas compartilhadas entre o IFRS campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), do processo de avaliação do produto educacional decorrente da pesquisa intitulada: **Caminhos trilhados no contexto da EPT: memórias de práticas compartilhadas entre o IFRS campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso**. Este projeto está vinculado ao Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado em rede, pelo IFRS – Campus Porto Alegre, tendo sido submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do IFRS tendo sido aprovado conforme Parecer Consubstanciado CEP/IFRS no.XXXX de XXX/XXX/XXXX.

*Obrigatório

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado (a)

Você está sendo respeitosamente convidado(a) a participar do projeto de pesquisa, enquanto avaliador, do produto educacional produzido através do estudo intitulado: “**Caminhos trilhados no contexto da EPT: memórias de práticas compartilhadas entre o IFRS campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso**”, cujo principal objetivo é investigar quais ações de ensino, pesquisa e extensão já foram desenvolvidas pelo IFRS - Campus Porto Alegre em parceria com o Parque Natural Morro do Osso, visando a preservação das memórias institucionais e inspirando a divulgação de memórias de outras iniciativas em espaços não formais de educação profissional e tecnológica. Este projeto está vinculado ao Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, do Campus Porto Alegre do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul.

A avaliação será realizada via formulário do Google encaminhado via e-mail juntamente com o produto educacional, em formato de documentário, para que os senhores possam realizar a avaliação.

O modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido prevê que sejam descritos os riscos que podem, eventualmente, ocorrer a você como consequência da avaliação. Compreendemos que os riscos restritos a sua avaliação são mínimos, vinculados à possibilidade do não desejo de responder alguma pergunta, caso isso ocorra fica assegurado que o avaliador tem o direito de se negar a responder qualquer pergunta.

Fica assegurado pelo pesquisador responsável que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo conforme a Resolução do Conselho Nacional de Saúde n.º 466/2012, que trata da Pesquisa envolvendo seres humanos e que serão utilizados tão somente para a realização deste estudo.

Foi destacado que a sua participação no estudo é de extrema importância, uma vez que se espera, com o registro de sua narrativa, desvendar os caminhos trilhados nas diversas práticas compartilhadas entre o IFRS Campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso. O benefício auferido em colaborar com esta pesquisa está relacionado ao fato de que o registro e divulgação de suas memórias, do período citado, contribuirão para a preservação das memórias institucionais, bem como para potencializarmos outras iniciativas futuras no sentido de fortalecimento da parceria institucional.

Nesse sentido, pedimos que leia em voz alta algumas garantias que assumimos com a sua entrevista semiestruturada, bem como com as imagens captadas ao longo do processo.

Estou ciente e me foram assegurados os seguintes direitos:

- ☐* da liberdade de retirar o meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isso me traga prejuízo de qualquer ordem;
- ☐* de que serão mantidos todos os preceitos ético-legais durante e após o término da pesquisa, conforme a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde;
- ☐* do compromisso de ter acesso às informações em todas as etapas do estudo, bem como aos resultados, ainda que isso possa afetar meu interesse em continuar participando da pesquisa;
- ☐* de que não haverá nenhum tipo de despesa ou ônus financeiro, bem como não haverá nenhuma recompensa financeira relacionada à minha participação;
- ☐* de que não está previsto nenhum tipo de procedimento invasivo, coleta de material biológico, ou experimento com seres humanos;
- ☐* de não responder qualquer pergunta que julgar constrangedora ou inadequada.

Fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada, bem como sobre a metodologia que será adotada, sobre os riscos e benefícios envolvidos.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

E-mail: cepesquisa@ifrs.edu.br

Endereço: Rua General Osório, 348, Centro, Bento Gonçalves, RS, CEP: 95.700-000

Telefone: (54) 3449-3340

Pesquisador(a) principal: Rosangela Leal Bjerk

Telefone para contato: (51) 999810983

E-mail para contato: bjerkrosangela@gmail.com

1. Após a leitura do Termo Consentimento Livre e Esclarecido referente a participação, voluntária na pesquisa* intitulada: **“Caminhos trilhados no contexto da EPT: memórias de práticas compartilhadas entre o IFRS**

campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso”

DECLARO QUE:

Marcar apenas uma oval.

Li e estou de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e ACEITO participar, de forma voluntária e remota, nesta pesquisa intitulada “ RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS ENQUANTO ESTRATÉGIA DE ENSINO: ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS E NECESSÁRIAS ENTRE EDUCAÇÃO, TRABALHO E TECNOLOGIAS A PARTIR DA ESCUTA DE DOCENTES E DISCENTES DA EJA ” .

Identificação do/a participante:**Seção 1: Questões relacionadas à estética do documentário**

Nesta seção, vamos avaliar a qualidade das imagens, áudio e transição de vídeo.

2. 1) Na sua opinião, a qualidade das imagens do documentário é adequada?

Marcar apenas uma oval.

Concordo totalmente Concordo parcialmente. Discordo totalmente. Discordo parcialmente.

3. 2) Na sua opinião, a qualidade do áudio do documentário é adequada?

Marcar apenas uma oval.

Concordo totalmente Concordo parcialmente. Discordo totalmente. Discordo parcialmente.

4. 3) Na sua opinião, a transição de vídeo (imagens, como a passagem de um trecho para outro) do documentário é adequada?

Marcar apenas uma oval.

Concordo totalmente Concordo parcialmente. Discordo totalmente. Discordo parcialmente.

Seção 2: questões referentes ao roteiro do documentário

Nesta seção, vamos avaliar o roteiro do documentário.

5. 4) Na sua opinião, a sequência do roteiro permite compreender a trajetória da parceria entre o IFRS - Campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso?

Marcar apenas uma oval.

Concordo totalmente Concordo parcialmente. Discordo totalmente. Discordo parcialmente.

6. 5) Na sua opinião, o tempo do documentário é adequado?

Marcar apenas uma oval.

Concordo totalmente Concordo parcialmente. Discordo totalmente. Discordo parcialmente.

Seção 3: questões referentes ao conteúdo do documentário

Nesta seção, vamos avaliar o conteúdo apresentado no decorrer do documentário e suas contribuições para a sua formação pessoal e/ou profissional na temática abordada.

7. 6. Na sua opinião, o conteúdo apresentado no documentário é relevante?

Marcar apenas uma oval.

Concordo totalmente Concordo parcialmente. Discordo totalmente. Discordo parcialmente.

8. 7. Na sua opinião, o conteúdo apresentado no documentário desperta o interesse em visitar o Parque Natural Morro do Osso?

Marcar apenas uma oval.

Concordo totalmente Concordo parcialmente. Discordo totalmente. Discordo parcialmente.

9. 8. Na sua opinião, o documentário permite ampliar os conhecimentos sobre a importância de unidades de conservação tais como o Parque Natural Morro do Osso?

Marcar apenas uma oval.

Concordo totalmente Concordo parcialmente. Discordo totalmente. Discordo parcialmente.

10. 9. Na sua opinião, o documentário contribui para a preservação das memórias e divulgação das ações desenvolvidas pelo IFRS - Campus Porto Alegre?

Marcar apenas uma oval.

Concordo totalmente Concordo parcialmente. Discordo totalmente. Discordo parcialmente.

Seção 4: questões referentes a linguagem e acessibilidade do documentário

Nesta seção, vamos avaliar a compreensão das narrativas apresentadas no decorrer do documentário, incluindo a acessibilidade.

11. 10. Na sua opinião, o documentário apresenta uma linguagem de fácil compreensão para o público, em geral?

Marcar apenas uma oval.

Concordo totalmente Concordo parcialmente. Discordo totalmente. Discordo parcialmente.

12. 11. Na sua opinião, o documentário é minimamente acessível para diferentes públicos (por exemplo, pessoas deficientes auditivos e visuais)?

Marcar apenas uma oval.

Concordo totalmente Concordo parcialmente. Discordo totalmente. Discordo parcialmente.

13. Espaço reservado para críticas e/ou sugestões para o aprimoramento do documentário:

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

APÊNDICE 9

Quadro do “Estado da Arte” da Pesquisa

Quadro 1 - Dissertações selecionadas, após análise inicial com os descritores: “Educação Profissional e Tecnológica” AND “Espaço não Formal” AND “Memória”; “Educação Profissional e Tecnológica” AND “Memória”; “Espaços não Formais” AND “Memória” e “Espaços não Formais” AND “Unidades de Conservação”

Autor (a)	Título	IES	Tipo/ Programa	Palavras-chave	Ano
Marcele Melo Fonseca	De mãos dadas em território Camponês: tecendo uma proposta educativa e formativa para o trabalho	Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas	Mestrado Profissional	Educação Profissional e Tecnológica; Espaços não formais; Proposta educativa e formativa da educação pelo trabalho; Educação no/do Campo; Planejamento participativo	2020
Clarice Schüssler	MuseMEP: fortalecer e preservar a memória das Mostras de Educação Profissional da rede pública estadual do RS	IFRS-Campus Porto Alegre	Mestrado Profissional	Produto educacional; Mostras da Educação Profissional; Memórias; Museu Virtual; Patrimônio histórico-educativo	2020
Caroline Cataneo	De onde vêm as Histórias? Um compêndio para identificação, registro e organização de dados memoriais do IFRS	IFRS-Campus Porto Alegre	Mestrado Profissional	Memória e identidade; História da educação profissional e tecnológica; Patrimônio institucional; núcleo de memória	2020
Priscila Wilker Cortes	A contribuição de espaços não formais para o ensino de ciências: a experiência e as percepções de estudantes a partir da visita ao Museu da Vida	Fundação Oswaldo Cruz	Mestrado Acadêmico	Divulgação Científica; Aprendizagem; Memória afetiva; Relação museu-escola	2021

Autor (a) (continuação)	Título (continuação)	IES (continuação)	Tipo/ Programa (continuação)	Palavras-chave (continuação)	Ano (continuação)
Nader Guilhermano Moreira	Interface ensino, pesquisa e extensão: análise de uma abordagem para atividades de visitação a um espaço não formal de ensino	Universidade Federal de Santa Maria	Mestrado Acadêmico	Ensino de Ciências; Espaços não formais; Visitação. Planejamento; Memória e aprendizagem	2020
Tatiane Moulin	Uso do polo de Educação Ambiental da Mata Atlântica (PEAMA) do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES) – Campus de Alegre como espaço não formal por professores de Biologia	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)	Mestrado Acadêmico	Educação formal; Espaço não formal de educação; Polo de Educação Ambiental	2020
Renata Ezequiel da Rocha	Unidades de Conservação: Espaços não formais como potencial didático para o desenvolvimento da Educação Ambiental no IFF - Campus Itaperuna	Instituto Federal Fluminense (IFF) - Centro de Referência	Mestrado Profissional	Educação Ambiental; Educação Profissional e Tecnológica; Interdisciplinaridade: Unidade de Conservação	2020
Josivan Fernandes de Araújo Júnior	A sustentabilidade em espaços de educação não-formais: possibilidades pedagógicas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Ponta do Tubarão (RDSEPT)	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Mestrado Acadêmico	Ensino de Ciências; Unidades de conservação; Espaços de Educação não- formais; Sustentabilidade	2020

Autor (a) (continuação)	Título (continuação)	IES (continuação)	Tipo/ Programa (continuação)	Palavras-chave (continuação)	Ano (continuação)
Deise Inára Cremonini Dagnese	E essa tal de EPT? Estudo sobre a história e memória da Educação Profissional e Tecnológica do IFRS Campus Farroupilha	IFRS- Campus Porto Alegre	Mestrado Profissional	Educação Profissional e Tecnológica; IFRS Campus Farroupilha; Proep; História; Memória	2021
Nara Soares Costa	“EU LEMBRO COMO SE FOSSE HOJE”: memórias do Curso Técnico em Agente Comunitário de Saúde – PROEJA do IF Sudeste MG – Campus Rio Pomba	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais	Mestrado Profissional	Educação de Jovens e Adultos; Educação Profissional e Tecnológica; História Oral; Documentário; Produto Educativo	2021
Zaíra Nakala da Silva Câmara Oliveira	Eu Tenho Histórias pra Contar: Narrativas dos egressos do CEFET/IFRN – Campus Mossoró	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte	Mestrado Profissional	Educação Profissional; Formação Cidadã; Pesquisa Narrativa; Memória	2021

Fonte: elaborado pela autora (2023)

APÊNDICE 10

TABELA GERAL DE INFORMAÇÕES DE AÇÕES REALIZADAS NO PARQUE NATURAL MORRO DO OSSO.

OBS: Os dados extraídos dos projetos de extensão e pesquisa, submetidos no SIGProj, bem como dos TCCs disponibilizados na Biblioteca do *Campus* Porto Alegre.

Título / Ano Tipo de ação	Servidores envolvidos	Discentes	Membros externos	Público-alvo	Palavras chaves/ principais temas
2009 TCC Avaliação do impacto do pisoteio em três trilhas do PNMO-Po/RS	-Simone Caterina Kapusta	-Fernanda Giordani TMA	-Maria Carmen Sestren Bastos (PNMO)	PNMO	-Monitoramento de Trilhas -Bioindicador - Plantas -PNMO -UP
2011 Curso/Extensão Inclusão digital voltada à conservação de áreas protegidas do município de Porto Alegre - RS	-Celson Roberto Canto Silva -Cibele Schwanke -Evandro Manara Miletto -Márcia Bündchen	-Izadora Flores Rech SGA -Jonas Korndörfer TSI - Luis Roberto Wazlawick SGA - Bianca de Oliveira Cecato SGA -Luisa Moraes Brum LCN	-Christiane Ramos	-comunidade do entorno das UCs envolvidas	-PNMO -Telecentros -Reserva do Lami -Núcleo Comunitário e Cultural Belém Novo -Associação dos Moradores da Chácara Sperb

<p>2012 Projeto/Extensão</p> <p>Navegando no @mbiente - conservação do Parque Natural Morro do Osso através da educomunicação</p>	<p>-Celson Roberto Canto Silva</p> <p>-Rosangela Leal Bjerk</p>	<p>-Sérgio Bender TMA</p>	<p>-Ricardo Fragoso</p>	<p>-alunos matriculados nas disciplinas regulares da EMEF Vila Monte Cristo</p>	<p>-Ciências Humanas - Educação -Ensino- Aprendizagem - Tecnologia Educacional -Comunicação -Meio ambiente -Questões ambientais -Educomunicação -Conservação ambiental -UC -PNMO</p>
<p>2013 TCC</p> <p>Elaboração de roteiro interpretativo para a Trilha ecológica Virtual do PNMO, POA- RS</p>	<p>-Celson Roberto Canto Silva</p>	<p>-Isadora Flores Rech SGA</p>		<p>PNMO</p>	<p>-Educação Ambiental -Trilha Ecológica Virtual -Interpretação ambiental -PNMO</p>
<p>2014 Curso/Extensão</p> <p>Interpretando o ambiente do Parque Natural Morro do Osso</p>	<p>-Celson Roberto Canto Silva</p>	<p>-Diulia Barcelos Rumpel SGA</p>	<p>-Jaqueline Lessa Maciel (SMAM) - Heleno Cabral Quintana (PNMO) -Maria Carmem Sestren-Bastos (PNMO) -João Felisberto - Larocca e Silva -lury Almeida Accordi(UFRGS)</p>	<p>-professores do ensino básico, -acadêmicos de cursos das áreas ambientais, - condutores de visitantes -guias de atrativos naturais -demais profissionais educação,</p>	<p>-Ciências Humanas -Educação -Ensino- Aprendizagem - Tecnologia Educacional -Comunicação -Meio ambiente -Questões ambientais -Interpretação ambiental, -Condutores Ambientais Locais -PNMO</p>

				ambiente e turismo.	
2015 TCC Identificação das oportunidades pedagógicas da trilha de Educação Ambiental do PNMO	-Celson Roberto Canto Silva. -Cassiano Pamplona Lisboa; - Clarice Monteiro Escott	-Renan Floriano da Silva LCN		-professores do ensino básico -PNMO	-Percepção Ambiental -CRIANÇAS -Escola -UC -Espaços Não-Formais de Educação -Ensino de Ciências -PCNs -Ciências Naturais
2015-2016 Pesquisa Uso da avifauna no monitoramento do impacto da visitação em trilhas do PNMO, Porto Alegre, RS	-Celson Roberto Canto Silva	-Átila Machado Costa LCN	-Cristina Alves Nascimento (UFSCAR) -Iury Accordi (IFRS-Campus Viamão) -Maria Carmen Sestren-Bastos SMAM- POA	PNMO	
2016 Projeto/Extensão Educação Ambiental Inclusiva - Trilhas perceptivas para deficientes Visuais	-Cibele Schwanke	-Lucas da Luz Lopes SGA -Thaís Martins Mariano LCN - Gabriela Dipicoli Brasil LCN -Silvia Vieira München LCN		- Ação voltada à comunidade externa, com especial atenção a PCDs	-Ciências Humanas - Educação -Meio Ambiente -Patrimônio cultural, histórico, natural e imaterial -Inclusão social - Deficientes visuais -Trilha acessível, - - Educação Ambiental

<p>2016 Pesquisa</p> <p>O uso de tecnologias assistivas para viabilizar a acessibilidade na UC PNMO</p>	<p>-Cibele Schwanke</p>	<p>-Lucas da Luz Lopes SGA -Thaís Martins Mariano LCN - Gabriela Dipicoli Brasil LCN -Silvia Vieira München LCN</p>		<p>PNMO</p>	<p>-Pet-Conexões Gestão Ambiental -Acessibilidade, - Impressão 3D -Braille -Inclusão -Ferramentas digitais</p>
<p>2017 TCC ARTIGO</p> <p>Elaboração de roteiro para uma trilha interpretativa no Parque Natural Morro do Osso,</p>	<p>-Celson Roberto Canto Silva</p>	<p>Patrícia Gonçalves LCN</p>		<p>PNMO</p>	<p>-Educação Ambiental -Trilha Interpretativa para Crianças</p>
<p>2018 Projeto/Extensão</p> <p>Fortalecimento do uso público no PNMO, Porto Alegre - RS, através da inclusão da comunidade local na atividade de condução de visitantes</p>	<p>Rosangela Leal Bjerk -Celson Roberto Canto Silva</p>	<p>-Arthur de Castro Fraga SGA -Luana Daniela da Silva Peres SGA</p>	<p>William John Raencke (APACA)</p>	<p>-Moradores dos bairros do entorno com interesse em conduzir visitantes no parque</p>	<p>- UC - Condução de visitantes - Economia solidária - Ecoturismo</p>
<p>2018 Curso/Extensão</p>	<p>-Rosangela Leal Bjerk</p>	<p>-Arthur de Castro Fraga SGA</p>	<p>-Aline Moraes Cunha (IPA)</p>	<p>-Moradores dos bairros próximos ao PNMO</p>	<p>-Ciências Sociais Aplicadas -Turismo</p>

Formação de Conductor Ambiental Local - Parque Natural Morro do Osso-	<ul style="list-style-type: none"> -Celson Roberto Canto Silva -Luiz Felipe Velho -Marina Cyrillo -Eloisa Solyszko Gomes 	<ul style="list-style-type: none"> -Luana Daniela da Silva Peres SGA -Gabriela Trentini Feijó SGA 	<ul style="list-style-type: none"> -Andrea Cristina Conceição Lemos (UFRGS) -Antônio Coimbra de Brum (COAPOA) -Eduardo Chiarini COAPOA -Giuliano Luis Zanette Ramos (UFRGS) -Glaysen Ariel Bencke (Fundação Zoobotânica do RS) -Heleno Cabral Quintana (PNMO) -Joyce Loss (Associação dos Amigos do Morro do Osso) -Maria Carmen Sestren-bastos (PNMO) -Roger de Moraes (Gaviões da Mata coletivo de condutores de Itapuã) 		<ul style="list-style-type: none"> -Trabalho -Meio Ambiente -Emprego e Renda -PNMO - Conductor Ambiental, - Uso Público
2018 TCC	-Celson Roberto Canto Silva	-Bruno Mendes SGA		PNMO	<ul style="list-style-type: none"> -UC -UP - Ecoturismo

Estudo da Capacidade de carga na trilha de Educação Ambiental do PNMO- POA-RS					-Visitação
05/2018 a 03/2019 Pesquisa Trilha Interpretativa Virtual da Fonte: implementação de uma hiperídia educativa para o PNMO, Porto Alegre, RS	-Celson Canto Silva -Evandro Manara Miletto	-Dassuen Tzanovitch LCN		PNMO	UC -Trilha virtual - Hiperídia - Educação ambiental
2019 Indissociáveis Pesquisa, Ensino E Extensão Utilização de sistema de informações geográficas na gestão de dados ambientais para o monitoramento de trilhas no PNMO	-Luiz Felipe Velho	-Luana Daniela da Silva Peres SGA		PNMO	-Geoprocessamento, -Análise espacial -Banco de dados espaciais, -Gestão ambiental - Cartografia digital
2019 Pesquisa Utilização de sistema de informações	-Luiz Felipe Velho Celson Roberto Canto -Silva	-Luana Daniela da Silva Peres SGA -Arthur Fraga		PNMO	-Avaliação e monitoramento ambiental -Cartografia digital - Gestão ambiental

geográficas na gestão de dados ambientais para o monitoramento de trilhas no PNMO		SGA			-Banco de dados espaciais -Análise espacial -Geoprocessamento
2019-2020 Pesquisa Estudo de Indicadores sociais para o monitoramento do impacto da visitação nas trilhas no PNMO	-Celson Roberto Canto Silva	-Luana Daniela da Silva Peres SGA		PNMO	-Grupo de Pesquisa no CNPq -Núcleo Interdisciplinar de Estudos Ambientais (NIESA) -Avaliação e monitoramento -UP -Indicadores sociais, - Ecologia da recreação
2020 Programa/Extensão GAUPUC - Grupo de Apoio ao Uso Público em Unidades de Conservação - jornada 2020	-Celson Roberto Canto Silva	-Arthur de Castro Fraga SGA -Denise Nobre Ferreira SGA -Gabriela Trentini Feijo SGA -Luana Daniela da Silva Peres SGA	-Felipe André Bach Alves (UFRGS)	-Prestadores de serviço de condução de visitantes (condutores ambientais e guias) - alunos do ensino fundamental de escolas públicas próximas ao PNMO POA-RS	-Ciências Humanas » Educação -Meio ambiente -Trabalho -Questões Ambientais -Trilhas interpretativas - Uso Público -Educação ambiental -UC
2021 Programa/Extensão	-Celson Roberto Canto Silva	-Arthur de Castro Fraga	-Felipe André Bach Alves (UFRGS)	-Prestadores de serviço de	-Ciências Humanas » Educação

GAUPUC - Grupo de Apoio ao Uso Público em Unidades de Conservação - jornada 2021		SGA -Denise Nobre Ferreira SGA -Gabriela Trentini Feijo SGA -Luana Daniela da Silva Peres SGA	-Vili Carlos Saldanha (EMEF Saint'Hilaire)	condução de visitantes (condutores ambientais e guias) e público em geral -Interessado pelo tema UP em UC	- Meio ambiente -Trabalho -Questões Ambientais - Trilhas interpretativas, -UP -Educação ambiental, - UC
2021 TCC Plano de Monitoramento e Gestão dos Impactos na Trilha de Educação Ambiental do PNMO	-Celson Roberto Canto Silva. -Luiz Felipe Velho	-Luana Daniela da Silva Peres SGA		PNMO	-Impactos -Indicadores - Monitoramento -UCs.
2021 TCC Educação Ambiental Crítica: sugestões de abordagem e adaptação do roteiro interpretativo da Trilha da Fonte do PNMO	-Cassiano Pamplona -Celson Roberto Canto Silva	-Gabriela Trentini Feijó SGA		PNMO	-Educação Ambiental Crítica -Interpretação Ambiental -Roteiro Interpretativo; -PNMO
2021 Curso	Celson Roberto Canto Silva	-Priscila Machado Vieira TMA	-Arthur de Castro Fraga (UFRGS)	-Servidores da SMAMUS envolvidos na	-Ciências Sociais Aplicadas -Turismo

Monitoramento e gestão dos impactos da visitação no PNMO			-Gabriela Trentini Feijó (UERGS) -Luana Daniela da Silva Peres (UFRGS)	gestão das UCs municipais -Condutores da APACA	- Meio ambiente -Educação -Questões Ambientais -UP -Visitação, - monitoramento impactos
2022 Programa/Extensão Jornada 2022 GAUPUC - Grupo de Apoio ao Uso Público em Unidades de Conservação	Celson Roberto Canto Silva /	-Luísa Acauan Lorentz SGA	-Arthur de Castro Fraga (UFRGS) -Gabriela Trentini Feijó (UERGS) -Luana Daniela da Silva Peres (UFRGS)	-Condutores ambientais, - gestores de UCs -pesquisadores da área do UP	-Ciências Humanas - Educação -Meio ambiente -Trabalho -Questões Ambientais -UP -Visitação, - monitoramento - Impactos
2022 Projeto/Extensão Fortalecimento da visitação no Parque Natural Morro do Osso: apoio à interpretação ambiental e divulgação institucional	-Celson Roberto Canto Silva -Adriana de Farias Ramos -Rosângela Leal Bjerk	-Luísa Acauan Lorentz SGA	Cláudia de Britto Velho Ruschel (PNMO)	-PNMO -Visitantes do PNMO -Grupo de condutores de visitantes	-Ciências Humanas Educação - Meio ambiente - Cultura - Questões Ambientais PNMO - Trilha sonora - Vídeo institucional, - UCs -UP

Fonte: elaborado pela autora (2024).

APÊNDICE 11

ROTEIRO SIMPLIFICADO

EPISÓDIO 1- O PARQUE NATURAL MORRO DO OSSO: UM POUCO DE SUA HISTÓRIA

ÁUDIO	LEGENDA	VÍDEO
Passos em uma trilha.	Aparecem os logotipos do ProfEPT, do IFRS Campus Porto alegre e do Parque Natural Morro do Osso	Fundo preto, os logotipos aparecem com efeito "fade in", a Tradutora intérprete de LIBRAS (TILS) aparece e traduz a letra da música.
Inicia a trilha sonora com um trecho da música "Rap pro bugio (do Morro do Osso)": Vem cá, vamos lá, tá na hora de mudar! Eu conheço um lugar que você vai gostar! Sem sacanagem, escuta essa mensagem, eu sei de um morro que é uma viagem!	Aparece o nome da dissertação, o nome da mestrandia e os nomes da orientadora e co-orientadora e, após, o nome do episódio.	Imagem de uma trilha do PNMO sendo percorrida a passos. Presença da TILS, traduzindo a letra para LIBRAS.
Segue a trilha sonora cantada: Que morro é esse? Que morro é esse? É o morro do Osso! É o morro do Osso! É um morro, na zona sul da cidade...	Parque Natural Morro do Osso (PMNO)	Aparece animação do Google Maps, de imagem buscando zoom desde a cidade de Porto Alegre até o PNMO, seguida de imagem de drone de parte do PNMO. Presença da TILS, traduzindo a letra para LIBRAS.
Inicia a trilha de fundo, a versão instrumental da música "Rap pro bugio (do Morro do Osso)", que permanece até o final do episódio. Narração: A luta pela preservação do Morro do Osso é um movimento construído por várias décadas, ultrapassou várias etapas e envolveu dezenas de grupos organizados.		Conforme a narração vai avançando, são mostrados vários recortes de jornais da época (alguns parcialmente roídos por traças) que mostram parte da luta em defesa do Morro do Osso.

<p>Teve seu início quando a urbanização de Porto Alegre se acelerava em direção a zona sul da cidade, destruindo imensas áreas verdes. Em 1979, o Morro do Osso foi transformado em área de preservação ecológica pelo Plano Diretor da cidade. Porém, continuava vulnerável. Localizado em uma área urbana da capital, este espaço enfrenta desafios e conflitos relacionados à sua ocupação até os dias de hoje, demandando diversas estratégias para mantê-la como uma Unidade de Conservação, cumprindo o seu papel de preservação ambiental. Em 1987, um conjunto de entidades se uniram para criar a Comissão Permanente de Defesa do Morro do Osso. Associações de bairro, instituições de ensino, entidades ecológicas, clube de mães, clube de escoteiros, artistas, escritores e políticos se uniram para defender que ele se tornasse uma área de preservação.</p> <p>Seria impossível relatar nesse episódio todo o contexto e faces dessa história complexa e recheada de detalhes. Pretendemos registrar apenas uma fração dela, a partir das memórias de alguns dos sujeitos que a construíram.</p>		
<p>Maria Carmem Sestren-Bastos: A coisa mais importante que eu vejo no Morro do Osso é a existência de uma biodiversidade tão grande, tão próxima das pessoas. Por isso a educação ambiental e o uso público aqui é muito importante. Mas por outro lado é também um desafio, porque a gente tem que ter uma visita pública que não vá impactar de uma forma que não tenha continuidade essa existência, porque tem que ter sustentabilidade, os nossos filhos, os nossos netos, os nossos bisnetos e assim por diante, precisam ter a possibilidade de vir aqui e ver essa maravilha que é o Morro do Osso, que a gente pode encontrar uma diversidade imensa de pássaros que a gente não imagina que existem numa área tão próxima das pessoas, muitas espécies ameaçadas de campo e de floresta, que aqui a gente está numa região de ecótono, de encontro de campo, floresta, com</p>	<p>Maria Carmem Sestren-Bastos - Gestora Técnica do PNMO de 2003 à 2011</p>	<p>Locação: PNMO Imagem de Maria Carmem falando, com três tomadas de câmera diferentes. Em uma das tomadas de câmera, aparece Maria Carmem à direita e a pesquisadora, autora desta dissertação, à esquerda. Animação com a legenda do nome e função de Maria Carmem. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>

influência da Mata Atlântica, influência do Pampa, e mostra um relictos de vegetação nativa de campo, que ao longo do tempo a gente deu muita importância para floresta.

Então tudo que era campo era permitido trocar aquele bioma, aquela vegetação, aquela formação vegetal por outra coisa, plantar em cima, ou colocar casas, ou eles diziam, aqui não tem nada, aqui pode construir, mas o nada que eles não davam valor é um campo que às vezes em 50 centímetros por 50 centímetros, um quadradinho assim, tu tem 40 espécies diferentes, só de vegetais, sem a gente ficar olhando a parte dos insetos, dos polinizadores e de tanta vida que existe nesse campo nativo.

Então são relictos, o que são relictos? São pequenas ilhas de vegetação que são uma amostra do que existia no passado nessa região. Então o bioma Pampa é marcado pela presença de campo, e esse campo nativo a gente pode conhecer aqui, que não é um gramado, e não é uma plantação de braquiária, é um campo biodiverso, cheio de florzinhas, coloridinhas e borboletinhas e grilinhos, pequenos roedores, espécies que a gente praticamente não encontra mais, pelo menos não em Porto Alegre, só nas áreas que são protegidas, que o poder público coloca um recurso para que sejam mantidas. Então a importância do Morro do Osso é imensa, e se não existir esse apoio do poder público, vai deixar de existir.

E por que precisa existir esse apoio do poder público? Porque é um direito de todos conhecer essa biodiversidade, e é um direito de todos poder respirar esse ar mais puro, e é um direito também das espécies poderem continuar existindo, apesar disso não estar presente na nossa legislação, que é antropocentrada, centrada no ser humano e não nos outros seres vivos, mas é um direito também, se a gente for pensar bem, são seres vivos que merecem continuar existindo.

A gente encontra aqui espécies de pássaros que são só do bioma mataclântico, tem outras espécies de borboletas que são ameaçadas de extinção, que aqui conseguem viver, mesmo estando tão perto de um grande centro urbano.

<p>CAPÍTULO: A CRIAÇÃO DO PARQUE</p>	<p>A criação do Parque</p>	<p>Foto de fundo (acervo do PNMO): visão aérea do PNMO, com a cidade ao entorno e o lago Guaíba. Animação com o título do capítulo.</p>
<p>Maria Carmem: O parque foi criado oficialmente em 94, a partir de mobilizações de ambientalistas e moradores do entorno, que queriam ver esse lugar preservado porque costumavam usar pra ver o pôr do sol, pra atividades culturais e relações, assim, com o meio ambiente preservado.</p> <p>Então, eu soube disso quando eu entrei aqui em 2003, daí eu li a história, muitas informações de jornais, muitas informações que na época tinha uma entidade, um colegiado de entidades, na verdade, que era a Comissão Permanente de Defesa do Morro do Osso, que tinha essa coletânea de dados, assim, guardado com carinho.</p>	<p>Maria Carmem Sestren-Bastos - Gestora Técnica do PNMO de 2003 à 2011</p>	<p>Locação: PNMO Imagem de Maria Carmem falando. Presença da TILS, traduzindo as falas para LIBRAS.</p>

Joyce Theresinha da Silveira Loss:

E quando foi em 1987, voltando um pouquinho atrás, foi assim uma primeira reunião que nós tivemos no gabinete do imperador Hermes Dutra. Naquela época ele estava tentando se implantar outro parque. Não era parque, nós falávamos ainda de um parque, nós falávamos de defesa do Morro do Osso, e plantação de uma área de preservação. Então, houve uma reunião ali e interessante, olhando esses nomes, depois foram nomes que se salientaram dentro da luta pelo Morro do Osso. Um aqui, ó... O Giovanni Gregol, ele era presidente da Agapan. A Jussara Coni, também uma vereadora. E tem, acho, que umas... nem sei quantas pessoas tem mais aqui. Caio, o Caio Lustosa, estava ali, o Caio Lustosa que tinha o projeto de fazer implantá-lo uma lei orgânica, mas não passou.

Bom, o que aconteceu? Aí eu cheguei em casa e a primeira coisa, eu perguntei: Eloy, eu vou me meter nisso aí, Se eu soubesse que iam ser 24 anos da minha vida, eu ficaria meio assustada...

Aí ele disse: não, vai em frente que eu te dou o apoio. Nas reuniões, eu também vou se tiver reunião.

Aí, quem me convidou foi o Cid... Ricardo Cid Fernandes.

O Ricardo me convidou, e o mais interessante, tinha dois jovens, bem jovens, que eram também da Secretaria do Meio Ambiente:

- Ah, Joyce que bom!

Me tornei amiga deles, assim, porque eles me levavam, nós fomos lá para aqueles debates na Assembleia.

E o Cid fez umas coisas muito bonitas, ele tinha uma ligação com aquele menino, justamente do jornal, o Jornaleção, estava nascendo o Jornaleção, era tudo uma criançada, uma criançada naquela época.

Aí nós começamos a fazer um movimento. Aí o Vasco Prado pegou um papel e desenhou isso aqui, olha só que coisa mais... uma cidade protegida por um morro. Olha a genialidade do Vasco Prado! E depois

Joyce Theresinha da Silveira Loss - Coordenadora da Comissão Permanente de Defesa do Morro do Osso.

Eloy Lopes Loss, esposo de Joyce, é naturalista, foi professor da área da geociências na UFRGS e contribuiu muito com o movimento em defesa do Morro do Osso.

Jornaleção é um jornal dedicado à zona sul de Porto Alegre. Foi fundado em 1967.

Localção: Residência de Joyce Theresinha da Silveira Loss.

Joyce está sentada e, sobre a mesa, uma pasta com todos os documentos de registro da história do PNMO, os quais ela vai consultando conforme vai narrando.

Animação com a legenda do nome e função de Joyce.

Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.

Conforme Joyce vai narrando, aparecem documentos ilustrando a sua fala.

Foto do Logo do Jornaleção com legenda.

<p>nós mandamos fazer decalcos, e a gente vendia os decalcos. Todo mundo andava com o decalco no carro.</p> <p>Então, nós começamos, eu principalmente, chegava nos colégios e fazia propaganda. Olha, nós temos um morro lindo aí que temos que proteger. Vamos lutar para que não haja uma destruição dessa beleza, tudo isso aí.</p> <p>Isso aí tem animais ali dentro, tem fora, fauna. Tem uma citação de todas as características de que era uma área sem poder.</p> <p>E as crianças foram os primeiros a ter um sentimento com relação a isso. E nós inventamos fazer, em 1990, um grande passeio ao Morro do Osso.</p> <p>E olha só que coisa lindinha que ele escreveu aqui.</p> <p>Sábado 18 de agosto de 1990, 9 horas da manhã, nas ruas vários grupos caminham para os pontos de encontro, grupos autônomos, alegres. Pouca importância davam à serração que cobria a Zona Sul. Estavam juntos jovens, crianças, pais, professores, não importa. Todos eram iguais por um momento, todos dispunham das mesmas condições, pernas e vontade de conhecer o morro.</p> <p>Por um momento a Zona Sul se tornou a verdadeira comunidade, a tribo reunida em dia de festa.</p> <p>As crianças traziam em seus rostos a expressão perfeita do que significa o movimento de defesa do Morro do Osso. A espontaneidade, a alegria de estar vivo, a alegria de estar junto. O Morro agradece. Agora somos todos cúmplices de um morro agredido e que pode ser destruído, de uma cidade abandonada, de um rio esquecido. Cabe a nós, cidadãos, resgatar a nossa cidade, nossa "feliz-cidade". Assina aqui, membro da Comissão Permanente de Defesa do Morro do Osso.</p> <p>Isso foi em 1990.</p>	<p>Trechos do texto “O morro agradece”, de Ricardo Cid Fernandes, em matéria sobre o Passeio ao Morro do Osso em 1990.</p>	<p>Foto do decalco do logotipo desenhado por Vasco Prado.</p> <p>São exibidas algumas fotos de matérias de jornal, que deram publicidade ao abraço ao PNMO, em 1990, bem como fotos do acervo pessoal de Joyce Loss sobre o evento.</p>
--	--	---

<p>E as crianças fizeram naquela ocasião, eu separei aqui, isso aqui foi uma coisa muito linda!</p> <p>Por iniciativa das crianças, elas fizeram isso aqui. Uma historinha de alguém que vai no morro do osso e tem os duendes, mas muito bonitinha a história.</p>		<p>São exibidas fotos da capa e contracapa da história em quadrinhos.</p>
<p>Narração:</p> <p>Joyce acompanhou todo o processo de criação do Parque, sendo uma das principais personagens. Ela permaneceu contribuindo e atuando como representante da Comissão Permanente de Defesa do Morro do Osso no Conselho Gestor do Parque. em 2003 foi agraciada pela Prefeitura de Porto Alegre, com a homenagem "Amigo da Cidade", pela dedicação e trabalho em prol da comunidade da Capital. Até os dias de hoje, continua contribuindo para manter viva essa linda história.</p>	<p>Curso de Condutores ambientais IFRS - <i>Campus</i> POA (2018)</p>	<p>Fotos de Joyce na primeira parte da narração. Foto do certificado da homenagem. A narração se encerra com uma foto com todos os participantes do Curso de Condutores Ambientais, em 2018, na qual Joyce está ao centro, sorridente, após o término de sua palestra sobre a história de preservação do PNMO.</p>
<p>CAPÍTULO: A IMPLANTAÇÃO</p>	<p>A Implantação</p>	<p>Foto de fundo (acervo do PNMO): visão aérea do PNMO, com a cidade ao entorno e o lago Guaíba. Animação com o título do capítulo.</p>
<p>Celson roberto Canto Silva:</p> <p>Eu acho que 1993, eu acredito. Um ano antes do parque, daquela área do morro do osso ser transformado em parque, a prefeitura de Porto Alegre, ela desejava, ela estava fazendo estudos que justificassem a formação, a criação de um parque naquela área. E</p>	<p>Celson Roberto Canto Silva - Docente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre</p>	<p>Locação: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre. Imagem de Celson falando. Animação com a legenda do nome e função de Celson.</p>

<p>uma das questões que era importante é saber se existiam primatas na área. Mais especificamente bugios, porque os bugios são muito comuns em Porto Alegre. E havia relatos que existiam lá, mas eles não tinham certeza, eles queriam um laudo. Então, ainda como estudante, eu fiz um estudo e foi assim que eu conheci o Parque Natural Morro do Osso.</p> <p>Comentário da pesquisadora: Que nem era parque. Que não era, era só o morro do osso ainda. E aí, pra fazer esse laudo, eu fiz algumas visitas, né? E daí eu me encantei, né? Confesso que eu me encantei pela área.</p>	<p>Foto: Janaina Paula Back (PUCRS)</p>	<p>Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p> <p>Foto de um Bugio.</p>
<p>Maria Carmem Sestren-Bastos: O parque foi criado em 94 e em 97 se fez essa sede e se começou realmente a manejar o local, a fazer mais um planejamento do uso direto dele. E em 2003 eu entrei e a gente fez o plano de manejo, aí em 2004 já tínhamos um plano de manejo, então assim, porque todas as unidades, elas precisam fazer esse controle do uso, o planejamento das atividades, relações com pesquisa, com entidades do entorno, né? Então a gente fez esse planejamento ali entre 2003, 2004, primeiro plano de manejo da unidade</p>	<p>Maria Carmem Sestren-Bastos - Gestora Técnica do PNMO de 2003 à 2011</p> <p>Os recursos para a construção da sede do PNMO foram conquistados através do Orçamento Participativo.</p>	<p>Localização: PNMO Imagem de Maria Carmem falando. Animação com a legenda do nome e função de Maria Carmem. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p> <p>Foto da capa do Plano de Manejo Participativo e da tabela de programas e sub-programas do documento</p>
<p>CAPÍTULO: USO PÚBLICO - integração com a comunidade</p>	<p>USO PÚBLICO Integração com a comunidade</p>	<p>Foto de fundo (acervo do PNMO): visão aérea do PNMO, com a cidade ao entorno e o lago Guaíba. Animação com o título do capítulo.</p>

<p>Maria Carmem Sestren-Bastos: Então a partir ali de 2010, eu acho, a atividade aqui começou a ser dividida com uma pessoa específica pra educação ambiental, que era o Heleno, e outro pra administração, entende?</p> <p>Pra esse gerenciamento assim, o que fortaleceu muito a educação ambiental e eu acho que o Parque Natural Morro do Osso, assim, o maior trunfo desse local, o maior valor desse local é a educação ambiental, claro, pesquisa também. Porque é uma unidade de conservação, mas ela tá muito próxima da cidade.</p> <p>Então isso, a vinda do Heleno pra cá, essa dedicação, esse olhar, ele foi capaz de fazer capacitação com os professores da rede, tanto municipal quanto estadual, fazer aquela palestra bem feita, que as vezes a gente fazia meio às pressas porque tinha mais mil coisas pra fazer, né?</p>	<p>Maria Carmem Sestren-Bastos - Gestora Técnica do PNMO de 2003 à 2011</p>	<p>Localção: PNMO Imagem de Maria Carmem falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p> <p>Fotos do Heleno ministrando as palestras aos visitantes do PNMO e do Banner produzido pelo PNMO, versando sobre educação ambiental.</p>
<p>Silvio Couto: O Heleno com todo seu caldo de cultura, professor, e ele me ajudou muito a gente estruturar a visita guiada dentro do parque.</p> <p>O parque, ele tinha um evento que é assim, ó, eu herdei da Maria Carmen, esse evento, que era o Festival de Pandorgas.</p> <p>E nós tínhamos, recebemos esse projeto e tentamos implementá-lo. E olha, trouxemos gente aqui.</p>	<p>Silvio Couto - Gestor Administrativo do PNMO de 2010 à 2020</p>	<p>Localção: PNMO Imagem de Silvio falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p> <p>Foto do Banner produzido pelo PNMO, versando sobre a visita guiada. Foto da entrada do Parque com vários visitantes no Festival de Pandorgas. Foto do Banner produzido pelo PNMO, versando sobre o Festival de Pandorgas.</p>

		Fotos de várias crianças e adultos, soltando pandorgas no platô.
Rubilar Ritta Jobim: Daí o que a gente faz? Manejos. No caso aqui a gente tem muita exótica. Muita árvore exótica. A gente começa a derrubar elas. A acácia negra, pinus e uva do japão. São árvores de grande porte que a gente começou a fazer manejo. Tirar elas dentro da mata. Nos campos a gente tira muita braquiária, o capim gordura e o anone. São capins que não deixam a vegetação rasteira vir. A gente começou a tirar quase todo o vassoural, para vir só flor de campo. Esses são os manejos que a gente faz aqui dentro.	Rubilar Ritta Jobim - Servidor do PNMO desde 2014	<p>Localção: PNMO Imagem de Rubilar falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p> <p>Foto do Banner produzido pelo PNMO, versando sobre infraestrutura e manejo</p>
CAPÍTULO: USO PÚBLICO - A contribuição do IFRS	USO PÚBLICO A contribuição do IFRS	Foto de fundo (acervo do PNMO): visão aérea do PNMO, com a cidade ao entorno e o lago Guaíba. Animação com o título do capítulo.
Cláudia de Britto Velho Ruchel: A gente conversa, que bom que eu tenho meus pares. Então o Gerson, a Maria Carmen, agora já saiu, mas assim... E poder conversar com os pares, trocar ideias técnicas, conhecimento técnico. Então, o Instituto Federal foi muito bom nesse aspecto porque ele trouxe uma coisa que eu não teria tempo de estudar. E me deu de presente, pronta. Então a partir dali a gente pode começar. Eu aprendi com eles também. Eles fizeram pra nós, nos deram de presente essa revisão bibliográfica.	Cláudia de Britto Velho Ruchel - Gestora do PNMO desde 2019	<p>Localção: PNMO Imagem de Cláudia falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>

<p>Então, em vez de eu perder muitas e muitas horas que eles perderam, ou ganharam, fazendo esse estudo, a gente conseguiu fazer num curso de alguns dias, sentar e aprender. Então, isso, assim, é uma coisa... Então trazer, na verdade é trazer o estudo, a universidade para dentro da Unidade de Conservação. Então ter alunos aqui estudando aqui, nos trazendo informação. Então isso é muito importante. A gente tem essa parceria com outras instituições também. Mas acho que o Instituto Federal é a maior de todas, em termos de trabalhos, em termos de número de trabalhos desenvolvidos aqui, de alunos e pesquisadores, né?</p>		
<p>Celson Roberto Canto Silva: A construção de um plano de monitoramento para avaliar os impactos da visitação foi um trabalho de pesquisa, na verdade foi um TCC com vários trabalhos de pesquisa feitos anteriormente, inclusive um de mestrado que chegou na construção de um plano. Esse plano foi feito, esse plano foi transferido, houve transferência de tecnologia para o parque através de um curso, e esse plano foi adotado pelo parque. E o que eu sinto ao longo de todos esses dez anos de parceria com o parque é que essa parceria, ela se consolidou, houve uma questão de confiança.</p>	<p>Celson Roberto Canto Silva - Docente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre</p>	<p>Localção: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre. Imagem de Celson falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falas para LIBRAS.</p>
<p>CAPÍTULO: NOVOS ATORES NA CONDUÇÃO DE VISITANTES</p>	<p>Novos Atores na Condução de Visitantes</p>	<p>Foto de fundo (acervo do PNMO): visão aérea do PNMO, com a cidade ao entorno e o lago Guaíba. Animação com o título do capítulo.</p>
<p>Silvio Couto:</p>	<p>Silvio Couto - Gestor Administrativo do PNMO de 2010 à 2020</p>	<p>Localção: PNMO Imagem de Silvio falando. Animação com a legenda do</p>

<p>A questão que nós conseguimos desenvolver aí, a questão dos condutores ambientais, foi uma luta muito forte, inclusive, conseguimos colocar na legislação dos parques, na legislação do regulamento dos parques do município, fazer um artigo lá que prevê essa atividade do condutor ambiental e, enfim, através da associação dos condutores, dinamizar esse processo dentro das unidades do município.</p>		<p>seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>
<p>Rubilar Ritta Jobim: Aqui para nós, como a gente está com um número bem reduzido de funcionários, a entrada dos condutores vai dar mais apoio, até mesmo, na fiscalização. Como a gente tem que fazer manejo, a gente não consegue fiscalizar ao mesmo tempo</p>	<p>Rubilar Ritta Jobim - Servidor do PNMO desde 2014</p>	<p>Locação: PNMO Imagem de Rubilar falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS. Foto de servidores realizando o manejo no PNMO.</p>
<p>CAPÍTULO: A IMPORTÂNCIA DE PRESERVAR O PARQUE</p>	<p>A Importância de preservar o Parque</p>	<p>Foto de fundo (acervo do PNMO): visão aérea do PNMO, com a cidade ao entorno e o lago Guaíba. Animação com o título do capítulo.</p>
<p>Luiz Felipe Velho: Tem diferentes importâncias, tem essa questão de uma importância social, tem uma questão da importância temporal. Então assim, em que momento a gente está da sociedade, de pensar espaços para conservação, tem aspectos ambientais, tem diferentes aspectos em que o parque é importante e ele demonstra a importância dele por chamar tanta atenção, ele é um parque onde diversos trabalhos foram</p>	<p>Luiz Felipe Velho - Docente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre</p>	<p>Locação: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre. Imagem de Luiz falando. Animação com a legenda do seu nome e função.</p>

<p>desenvolvidos. Depois nessas atividades que a gente fez, de extensão e de pesquisa, a gente viu também outras iniciativas de pesquisa no Morro do Osso.</p> <p>Então assim, ele é um lugar importante tanto na questão da pesquisa e da extensão, como a gente já falou, mas também por esse entendimento lá nos anos 1980 de se pensar um espaço para conservação, então mostra também em que momento a gente está de sociedade, o que é importante para a gente como sociedade, o que nos interessa e pelo que a gente vai lutar.</p>		<p>Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>
<p>Narração:</p> <p>Voz 1: Mas, vem cá? Tu não vai me dizer por que que o Parque se chama Morro do Osso?</p> <p>Voz 2: Ah, a história desse moro é carregada de mistérios... a começar pelo seu nome.</p> <p>Alguns defendem que naquele local havia um cemitério indígena. Outros afirmam que em cima do morro havia pessoas que jogavam o jogo do osso, que foi proibido durante um período, e que de lá, poderiam avistar a polícia.</p> <p>Mas, para saber essa e tantas outras histórias, você precisa vir conhecer o Parque!</p>		<p>Fotos do PNMO (acervo do PNMO e de Adriana Ramos); foto de um convite feito pela Prefeitura de Porto alegre para a comunidade conhecer o PNMO, e que tinha um par de ossos; fotos do jogo do osso (acervo da página do PNMO no Facebook).</p>
<p>Música:</p> <p>Vamos parar e pensar, vamos valorizar, mas antes disso você tem que se conscientizar...</p> <p>Que nós termos que cuidar da natureza, porque se não vai acabar, com certeza!</p>	<p>Rap pro bugio (Do Morro do Osso) Celson canto, Ricardo Fragoso e Rô Bjerk.</p> <p>O Morro do Osso não é o maior, o mais famoso, nem talvez o mais bonito dos morros graníticos que emolduram o horizonte de Porto Alegre, mas provavelmente é o mais sublime deles - o mais</p>	<p>Imagem de estúdio de Rô Bjerk cantando um trecho da música, junto com Celson Canto e Ricardo Fragoso.</p> <p>No canto esquerdo, abre-se um fundo preto e passa a mostrar a frase de Eduardo Bueno, de 1994. a frase termina com a imagem de um bugio "roncando" forte</p>

	<p>misterioso, o mais preservado, o mais preservado, o mais encantador. Eduardo Bueno, 1994.</p>	<p>em cima de uma árvore.</p>
<p>Créditos Finais:</p> <p style="text-align: center;">Caminhos trilhados no contexto da Educação Profissional e Tecnológica: Memórias de práticas compartilhadas entre o IFRS Campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso EPISÓDIO 1 O PARQUE NATURAL MORRO DO OSSO: um pouco sobre a sua história</p> <p>DIREÇÃO Rosangela Leal Bjerk GÊNERO Documentário ROTEIRO Rosangela Leal Bjerk Maria Augusta Martiarena de Oliveira Liliane Madruga Prestes REVISÃO Maria Augusta Martiarena de Oliveira Liliane Madruga Prestes IMAGENS DE DRONE Mobile Drone PRODUÇÃO AUDIOVISUAL Adriana de Farias Ramos TRADUÇÃO EM LIBRAS Luciane Kaster LOCAÇÕES IFRS Campus Porto Alegre Parque Natural Morro do Osso Residência de Joyce Loss</p> <p>TRILHA SONORA 1. Rap pro bugio (do Morro do Osso) Celson Canto; Ricardo Fragoso; Rô Bjerk (Construção coletiva com alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Monte Cristo, em 2012) Ricardo Fragoso (violões);</p>		<p>foto de fundo, esmaecida, da paisagem do alto do platô do PNMO, de Eduardo Bueno.</p>

<p>Costa Lima (contrabaixo) Darcy Osório Fernandes (bateria) Davi "Batuka" Mesquita (percussão) Rô Bjerk e Celson Canto (interpretação) Ricardo Fragoso e Adriana Ramos (vocais) 2. Rap pro bugio (do Morro do Osso) - versão instrumental Celson Canto; Ricardo Fragoso; Rô Bjerk</p> <p>ENTREVISTADOS Celson Roberto Canto Silva - Docente do Campus Porto Alegre Cláudia de Britto Velho Ruchel - Gestora do PNMO desde 2019 Janaína Canto - Egressa do Curso de Condutores Ambientais Joyce Therezinha da Silveira Loss - Comissão de Defesa do PNMO Luis Felipe Velho - Docente do Campus Porto Alegre Maria Carmen Sastren-Bastos - Gestora Técnica do PNMO de 2003 à 2011 Rubilar Ritta Jobim - Servidor do PNMO desde 2014 Sílvio Souto - Gestor Administrativo do PNMO de 2010 à 2020</p> <p>Porto Alegre, outubro de 2024</p>	
---	--

APÊNDICE 12

ROTEIRO SIMPLIFICADO EPISÓDIO 2- A SINERGIA ENTRE O IFRS E O PNMO

ÁUDIO	LEGENDA	VÍDEO
Passos em uma trilha.	Aparecem os logotipos do ProfEPT, do IFRS Campus Porto alegre e do Parque Natural Morro do Osso	Fundo preto, os logotipos aparecem com efeito "fade in", a Tradutora intérprete de LIBRAS (TILS) aparece e traduz a letra da música.
Inicia a trilha sonora com um trecho da música "Estrada: Quem pegar aquela estrada, há poeiras e canções. Flores lindas e roseiras, que podem ferir paixões. Quem pegar aquela estrada, e não sabe onde vai dar. Deixa a dor, leve a coragem, é o amor quem vai guiar.	Aparece o nome da dissertação, o nome da mestrandia e os nomes da orientadora e co-orientadora e, após, o nome do episódio.	Imagem de uma trilha do PNMO sendo percorrida a passos. Presença da TILS, traduzindo a letra para LIBRAS.
CAPÍTULO: A PARCERIA ENTRE O IFRS - CAMPUS PORTO ALEGRE E O PNMO	A Parceria entre o IFRS - <i>Campus</i> Porto Alegre e o PNMO	Foto de fundo (acervo do PNMO): visão aérea do PNMO, com a cidade ao entorno e o lago Guaíba. Animação com o título do capítulo.
Inicia a trilha de fundo, a versão instrumental da música "Estrada". Narração: Inúmeras ações de ensino, pesquisa e extensão foram e estão sendo desenvolvidas através desta parceria. Essas ações trouxeram muitos benefícios, tanto para a consolidação do Uso Público deste Parque Natural, como para os sujeitos envolvidos nestas atividades. Neste episódio apresentaremos um recorte destas ações a partir das falas de alguns dos sujeitos envolvidos nesta trajetória. Buscamos, assim, divulgar a construção desse importante vínculo, que pode servir como	Filmado durante o Curso de Monitoramento de Trilhas, em dezembro de 2023	Imagens de atividades de campo realizadas durante o Curso de Monitoramento de Trilhas no PNMO. Presença da TILS, traduzindo a letra para LIBRAS.

<p>exemplo de uma consolidada relação com comunidades de abrangência, e que converge com a Missão desta instituição de ensino.</p>		
<p>Celson Roberto Canto Silva: Então a criação de parcerias eu acho que ela é fundamental. Porque, daí ela realmente faz com que a Instituição consiga cumprir o papel dela, o papel mais de interação, o papel mesmo de construção, de modificação da sociedade, tem impacto mais direto sobre a sociedade, não só gerar fundamental, porque daí ela realmente faz com que a instituição consiga cumprir o papel ciência.</p>	<p>Celson Roberto Canto Silva - Docente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre</p>	<p>Locação: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre. Imagem de Celson falando. Animação com a legenda do nome e função de Celson. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>
<p>Fernanda Giordani: Eu acho extremamente importante. Porque sendo uma unidade de conservação ou qualquer órgão público, uma escola, as universidades poderem trabalhar junto e desenvolver trabalhos nisso é um retorno que a gente dá para a sociedade, entendeu? Então, quando a gente faz, por exemplo, um monitoramento da trilha para saber a capacidade de suporte que o Morro do Osso tem em receber visitantes, é um trabalho que a gente está fazendo não só para o morro, para a preservação dele, é um trabalho que a gente está fazendo para a sociedade.</p>	<p>Fernanda Giordani - Egressa do Curso Técnico em Meio Ambiente e Superior em Gestão Ambiental do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre. Autora do primeiro trabalho acadêmico do Campus Porto Alegre realizado no PNMO.</p>	<p>Locação: ambiente google Meet. Imagem de Fernanda falando Animação com a legenda do seu nome. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>
<p>Maria Carmem: Unidades de conservação, pesquisa, monitoramento, o conhecimento da fauna e da flora, como fazer o manejo, isso tudo tá muito relacionado, né? Então, no meu entendimento, unidades de conservação e entidades de pesquisa e de ensino, elas devem estar trabalhando juntas, sempre. E isso foi o que aconteceu aqui no Morro do Osso, por sorte, com o Instituto Federal. Com a UFRGS também, né?</p>	<p>Maria Carmem Sestren-Bastos - Gestora Técnica do PNMO de 2003 à 2011</p>	<p>Locação: PNMO Imagem de Maria Carmem falando. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>

<p>A UFRGS, ela... os estagiários e os pesquisadores que ajudaram a fazer o plano de manejo eram estudantes da UFRGS. Mas o Instituto Federal esteve muito mais presente depois nessa implantação desse plano de manejo.</p>		
<p>Simone Caterina Kapusta: O primeiro contato com o Morro do Osso ocorreu enquanto eu estava como professora substituta na Escola Técnica. Nós tivemos uma estudante do curso técnico na época, monitoramento e controle ambiental, e que ela desenvolveu o estágio junto ao Parque Morro do Osso. Então, meu primeiro contato foi através desse estágio que foi desenvolvido no local. Esse trabalho visava identificar alguns indicadores na trilha em relação ao pisoteio. Mais especificamente em relação à capacidade de suporte das trilhas. Quantos visitantes, qual a frequência. Então, o trabalho desenvolvido foi nesse sentido de avaliar algumas espécies vegetais presentes na trilha e que elas foram consideradas como sensíveis ou tolerantes ao pisoteio.</p>	<p>Simone Caterina Kapusta - Docente do IFRS - <i>Campus</i> Porto Alegre. A Escola Técnica da UFRGS, fundada em 1909, originou o <i>Campus</i> Porto Alegre, em 2009.</p>	<p>Localção: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre. Imagem de Simone falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS. Foto da capa do TCC de Fernanda Giordani.</p>
<p>Celson Roberto Canto Silva: Logo que eu entro aqui pro Instituto, e na disciplina de fundamento de ecologia do curso de gestão, a gente resolve fazer uma saída de campo para uma área natural, pra ver as questões teóricas na prática, e eu escolhi o Parque Natural Montoso, porque eu já conhecia antes.</p>	<p>Celson Roberto Canto Silva - Docente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre</p>	<p>Localção: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre. Imagem de Celson falando. Animação com a legenda do nome e função de Celson. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>
<p>Izadora Flores Rech: Eu não tinha muita ideia do que era uma unidade de conservação e aí o Parque realmente foi meu primeiro contato com uma unidade de conservação. Eu lembro que começou, então, eu a perceber esse contato entre Instituto Federal e Parque já no início do primeiro, no</p>	<p>Izadora Flores Rech Egressa do Curso Superior de Gestão Ambiental do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre</p>	<p>Localção: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre. Imagem de Izadora falando.</p>

<p>final do primeiro semestre, que eu lembro que teve uma saída de campo, que foi a primeira saída de campo que a gente fez e foi todas as disciplinas aplicando no Parque o que a gente aprendeu durante o semestre, né?</p>		<p>Animação com a legenda do nome e função de Izadora. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>
<p>Celson Roberto Canto Silva: E logo em seguida foi desenvolvida, a gente desenvolveu um projeto de extensão que tinha o objetivo de fazer a inclusão digital, e na verdade era um projeto que era de um edital do CNPQ para fazer inclusão digital, e a gente percebeu a oportunidade de participar desse edital juntando a inclusão digital com a conservação ambiental.</p>	<p>Celson Roberto Canto Silva - Docente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre</p>	<p>Localção: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre. Imagem de Celson falando. Animação com a legenda do nome e função de Celson. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p> <p>Foto de um cartaz do Projeto de Inclusão digital</p>
<p>Izadora flores Rech: Era um projeto de extensão que durou durante o ano de 2011 e ele era interdisciplinar. Tinha o pessoal que fazia também um curso aqui de informática no Instituto Federal, tinha o pessoal da licenciatura, além do pessoal da gestão ambiental. Depois foram sendo agregadas outras pessoas. Eu lembro que na época se tinha uma proposta de criar blogs que eram com assuntos relacionados ao parque. E era um instrumento que a própria comunidade, os próprios participantes gerenciavam.</p>	<p>Izadora Flores Rech Egressa do Curso Superior de Gestão Ambiental do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre</p>	<p>Localção: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre. Imagem de Izadora falando. Animação com a legenda do nome e função de Izadora. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p> <p>Fotos do projeto de extensão e do blog.</p>
<p>Celson Roberto Canto Silva: E aí nós resolvemos fazer, digamos assim, uma continuidade desse projeto, que era trabalhar com escolas do entorno, para elas</p>	<p>Celson Roberto Canto Silva - Docente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre</p>	<p>Localção: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre.</p>

<p>produzirem materiais, conteúdos para serem colocados nesse blog. Esse projeto, inicialmente, a gente tinha a intenção que fosse feito um, digamos assim, um pequeno vídeo, né? Ambiental. Mas, com o andar do projeto, né? O projeto, ele se direcionou para outro lado. Passou-se a pensar numa produção musical, né? Ou seja, na elaboração de uma música com temática ambiental, e não trabalhava só com essa produção musical, ele trabalhava com outros temas também, relacionado à sustentabilidade.</p> <p>Por incrível que pareça, 10 anos depois, mais ou menos, ainda se voltou nesse projeto para resgatar esse produto e fazer uma, um registro da música, né? E então, na verdade, ele repercute até hoje, porque, na verdade, ele acaba, acabou sendo, esse registro acaba sendo também um apoio para unidade de conservação, né?</p> <p>Eu acho que no ano ainda de 2011, a gente começou a desenvolver atividades de formação de condutores de visitantes, por meio de um programa que existe até hoje, um programa federal chamado Pronatec, que é um programa de formação justamente, é um programa de formação de ensino tecnológico, mas voltado para a extensão, mas também para o ensino, porque também poderiam ser oferecidos cursos. E nós percebemos ali uma oportunidade de fazer a formação de condutores de visitantes em unidades de conservação, e o Parque Natural Morro do Osso também foi um local escolhido para desenvolver parte dessa formação.</p>	<p>Rap pro Bugio (do Morro do Osso). Disponível no canal do Youtube do GAUPUC.</p>	<p>Imagem de Celson falando. Animação com a legenda do nome e função de Celson. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p> <p>Fotos do projeto com as crianças da Escola Monte Cristo. Legenda com a informação de onde encontrar o videoclipe do rap pro bugio.</p> <p>Foto do logotipo do PRONATEC</p>
<p>Janaína Couto:</p> <p>E aí, numa divulgação, numa publicação pela internet, eu soube dos cursos PRONATEC, no IFRS. E foi quando, então, eu entrei no curso de monitor ambiental, e aí eu fui me apropriar mais dessas informações, porque até então o morro do osso era o morro do osso, era um morro, né? Um morro, e aí quando a gente chega assim, é tudo verde, né? O olhar leigo, né? Que a gente olha assim, hum, é tudo grama, né? É tudo mato.</p>	<p>Janaína Couto Egressa do Curso de Formação de Condutores (PRONATEC)</p>	<p>Locação: PNMO Imagem de Janaína falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>

<p>Então, foi no curso de monitor ambiental que eu comecei a conhecer a história.</p>		
<p>CAPÍTULO: PARQUE NATURAL MORRO DO OSSO - um laboratório natural</p>	<p>Parque Natural Morro do Osso: um laboratório natural</p>	<p>Foto de fundo (acervo do PNMO): visão aérea do PNMO, com a cidade ao entorno e o lago Guaíba. Animação com o título do capítulo.</p>
<p>Renan Floriano da Silva: E aí a gente começou a construir esse projeto juntos, a discutir sobre essa ideia do parque como uma sala de aula aberta, é um laboratório aberto, é uma sala de aula, as pessoas podem estar lá para aprender, e aprender ajuda no futuro a conservar, e não um lugar conservado, o homem longe, o homem dentro lá, aprendendo a usar aquilo lá, de forma a não destruir ele. Aí teve a Clarice, que foi uma coorientadora, que ela fez a orientação na parte pedagógica, porque quando a gente pensou o projeto ele tem três olhares, o olhar do parque, o olhar pedagógico e o olhar da gestão do parque.</p>	<p>Renan Floriano da Silva - Egresso do Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre</p>	<p>Localção: Ambiente Meet. Imagem de Renan falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p> <p>Capa do TCC de Renan.</p>
<p>Gabriela Trentini Feijó: Eu sei da parceria e tive a oportunidade de participar de alguns projetos, né? O curso de formação de condutores ambientais, o segundo que aconteceu. Eu fui voluntária. Foi um projeto de extensão. E eu também fiz o meu TCC no Morro do Osso. Fiz uma sugestão de adaptação do roteiro interpretativo da trilha da fonte. E então eu tive uma... Pude vivenciar, assim, muito internamente essa parceria entre a instituição e o Morro do Osso, né? E eu tive a co-orientação do professor Celson também no TCC. Então ele foi essa ligação entre eu e o parque. Pergunta da pesquisadora: Quem foi teu orientador? O orientador no TCC foi o Cassiano Lisboa.</p>	<p>Gabriela Trentini Feijó - Egressa do Curso Superior de Gestão Ambiental do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre</p>	<p>Localção: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre. Imagem de Gabriela falando. Animação com a legenda do nome e função de Gabriela. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p> <p>Foto da capa do TCC de Gabriela.</p>

<p>Luana Daniela da Silva Peres: Mas a primeira vez que eu desenvolvi alguma coisa no Morro foi através de um projeto de extensão. Que ele foi em 2018. Aí, depois, eu fui...Ao mesmo tempo, né? Eu fui voluntária de um projeto de pesquisa e fui bolsista de outro projeto de pesquisa. Que o projeto de pesquisa que eu fui bolsista, ele se chamava Estudo de Indicadores Sociais para o Monitoramento de Impacto da Visitação nas Trilhas do Parque Natural do Osso. E esse projeto era coordenado pelo professor Celson. Daí, eu falei pro professor Luiz Felipe e ele escreveu um projeto que se chamava Utilização do Sistema de Informação Geográfica na Gestão de Dados Ambientais no Monitoramento de Trilha do Parque Natural do Morro do Osso. Aí, a gente unia os dados desse projeto do professor Celson com o SIG, com o sistema de geoinformação do professor Luiz. Daí, eu fiz esses dois projetos paralelamente e desses projetos saíram o meu TCC. Na verdade, não foi desses projetos, né? Esses projetos foram uma parte do meu TCC porque o meu TCC, ele juntou vários trabalhos que aconteceram antes, né?</p>	<p>Luana Daniela da Silva Peres - Egressa do Curso Superior de Gestão Ambiental do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre. Uso de indicadores sociais no monitoramento dos impactos da visitação em trilhas do Parque Natural Morro do Osso, Porto Alegre/RS. Utilização de sistema de informações geográficas na gestão de dados ambientais para o monitoramento de trilhas no Parque Natural Morro do Osso.</p>	<p>Localção: Sala de estudos do primeiro andar do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre. Imagem de Luana falando. Animação com a legenda do nome e função de Luana. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS. Aparecem notas explicativas com os nomes dos trabalhos. Foto da capa do TCC de Luana.</p>
<p>Cláudia de Britto Velho Ruchel: Então, quando eu cheguei estava acontecendo a instrução normativa para os condutores ambientais, daí teve a pandemia. Logo em seguida o Professor Celson fez um seminário online e me convidou como palestrante. Depois, na sequência, teve um TCC, trabalho de conclusão de curso, de uma aluna do Instituto Federal, aqui, que ela fez o trabalho dela baseado na nossa, na trilha de educação ambiental, na trilha da fonte, e eu fui banca, né, então fiz essa revisão no trabalho dela. Depois o Professor Celson fez um curso, que daí foi um trabalho que comparecia com a Luana, com outros alunos que já tinham feito, era um trabalho de longa duração de vários pesquisadores que passaram do Instituto Federal, aqui no Morro do Osso, para monitoramento do impacto das trilhas, monitoramento do impacto do uso público nas</p>	<p>Cláudia de Britto Velho Ruschel - Gestora do PNMO desde 2019</p>	<p>Localção: PNMO Imagem de Cláudia falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>

<p>trilhas do Parque Natural Morro do Osso, tanto na trilha da fonte quanto na trilha do Eixo Central.</p> <p>E o último edital ele ganhou, né, que a gente ganhou o maravilhoso vídeo que a gente utiliza agora para o público adulto e também aos finais de semana, né, quando eu não estou aqui para palestra.</p> <p>E vamos utilizar, né, os condutores ambientais, assim, que começaram a trabalhar aqui, vão utilizar também.</p>	<p>Parque Natural Morro do Osso, Porto Alegre, RS Disponível no Canal do Youtube do GAUPUC e no Facebook Oficial do Parque.</p>	<p>Aparece a nota explicativa com a localização do vídeo institucional.</p>
<p>Luiz Felipe velho:</p> <p>É um espaço que é próprio para uma formação para a cidadania, sendo cidadão de Porto Alegre ou sendo cidadão da região metropolitana, ele é um parque que tem um impacto na vida de todos nós. Então, entender o que é esse parque, o que ele tem, em que contexto ele foi criado, o que ele proporciona para entendimentos em diferentes escalas, desde uma escala micro a respeito de determinadas espécies que tem lá, de determinadas formações que tem lá, todo um recorte temporal, porque se pensou no parque, em que momento ele foi instituído e todas as possibilidades de uma visualização do espaço numa escala maior. Então assim, desde estar lá visitando e vendo minúcias do parque como entendendo esse parque num contexto de uma área urbana, de uma metrópole, muitos assuntos podem ser trabalhados. Não se resume só ao técnico e meio ambiente e à gestão ambiental. É claro que muitas vezes pela proximidade de determinados docentes com alguns assuntos que são correlatos à conservação, isso vai acontecer de uma maneira mais rápida. Mas não que o parque se esgote somente nesses dois cursos. Muito pelo contrário! Tem impacto na vida das pessoas, pensar no espaço para conservação no ambiente urbano gera um impacto para todas as pessoas.</p> <p>Para a instituição, acredito que tenha sido uma oportunidade muito interessante para conseguir desenvolver os três pilares da instituição que eu ensino, pesquisa e extensão em um mesmo lugar. Então, institucionalmente, a gente ganhou com isso por ter sido um espaço</p>	<p>Luiz Felipe Velho - Docente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre</p>	<p>Localção: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre.</p> <p>Imagem de Celson falando.</p> <p>Animação com a legenda do nome e função de Celson.</p> <p>Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>

<p>primeiro de experimentação dos alunos, onde tudo estava de certa forma ligado a um conteúdo programático e que dali começou um trabalho que foi se desenvolvendo através da extensão e da pesquisa e com as suas características próprias</p>		
<p>Celson Roberto Canto Silva: E para você ver a importância disso também, se for analisar, eu me referi um pouco antes que eu dou aula também numa disciplina do curso de gestão ambiental chamada Gestão Ambiental do Espaço Turístico. Essa disciplina foi criada por causa de todas essas ações, então é um caso típico da extensão e pesquisa influenciando no currículo, ou seja, integração total, ensino pesquisa e extensão.</p>	<p>Celson Roberto Canto Silva - Docente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre</p>	<p>Localção: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre. Imagem de Celson falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>
<p>Silvio Couto: A questão que nós conseguimos desenvolver aí, a questão dos condutores ambientais, foi uma luta muito forte, inclusive, conseguimos colocar na legislação dos parques, na legislação do regulamento dos parques do município, fazer um artigo lá que prevê essa atividade do condutor ambiental e, enfim, através da associação dos condutores, dinamizar esse processo dentro das unidades do município.</p>	<p>Silvio Couto - Gestor Administrativo do PNMO de 2010 à 2020</p>	<p>Localção: PNMO Imagem de Silvio falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>
<p>Maria Carmem Sestren-Bastos: Então, assim, acho que o Instituto Federal foi fundamental de algumas formas bem objetivamente e de outras formas mais sutilmente em tudo que existe hoje do que é Parque Natural Morro do Osso. Então, a influência foi muito grande, desde formas de manejar as trilhas, o impacto da visitaçao, o impacto do uso público, os benefícios do uso público, encontrar alternativas para que esse uso público continue acontecendo com tudo isso que a gente tá sofrendo de redução de servidores públicos. Então, assim, é imensurável a</p>	<p>Maria Carmem Sestren-Bastos - Gestora Técnica do PNMO de 2003 à 2011</p>	<p>Localção: PNMO Imagem de Maria Carmem falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>

<p>influência positiva que o Instituto Federal teve sobre a implantação do Parque Natural Morro do Osso.</p>		
<p>Jean Pierre Corseuil: Ah, eu acho fundamental, porque se a gente tá podendo abrir essa questão de condução, de pôr mais gente no Morro, e ao mesmo tempo tendo a... a gente fez o curso pra entender o impacto e dimensionar isso tudo, e fazer as pessoas conhecerem. Bah, eu acho, é de fundamental importância, porque as pessoas precisam conhecer. Mas também tem que entender o que é que significa preservar, o que é que significa os cuidados que a gente precisa ter, né? Pra poder usufruir desse espaço pra gente e para as outras gerações que a gente consiga manter as características, mas ao mesmo tempo não dá pra deixar ele abandonado. Então, eu acho que a maneira de fazer isso, esse jogo entre o Parque e o Instituto Federal, trouxe esse jogo, então possibilitou que pessoas como eu, a Janaina, os outros colegas todos, amanhã depois possam estar trazendo outras pessoas aqui e fazendo elas conhecerem melhor.</p>	<p>Jean Pierre Corseuil - Condutor Ambiental</p> <p>Jean é membro da APACA (Associação Portoalegrense de Condutores Ambientais) e colaborador do Jornaleção (jornal da zona sul de Porto Alegre) desde 1998.</p>	<p>Localção: PNMO</p> <p>Imagem de Jean Pierre falando. Animação com a legenda do seu nome e função.</p> <p>Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p> <p>Aparece uma nota explicativa introduzindo mais informações sobre o Jean</p>
<p>Rubilar Ritta Jobim: Quando eles vêm pra cá, como o Celson dá as orientações pra eles, o Celson sempre pede pra eu conduzir eles na trilha. Lá eles têm a teoria. E aqui eu dou a prática. Daí eles conseguem unir os dois. E tem uma visão mais ampla. Daí eles conseguem entender também. E o conhecimento fica trocado. A gente troca conhecimentos. Um pouco deles e um pouco do meu. Daí fecha todos. É legal. A parceria.</p>	<p>Rubilar Ritta Jobim - Servidor do PNMO desde 2014 e Condutor Ambiental.</p> <p>Rubilar também guia as visitas técnicas dos discentes do IFRS Campus Porto Alegre.</p>	<p>Localção: PNMO</p> <p>Imagem de Jean Pierre falando. Animação com a legenda do seu nome e função.</p> <p>Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p> <p>Aparece nota explicativa.</p>
<p>Celson Roberto Canto Silva: A criação dessa parceria com o Parque favoreceu a instituição, percebe? Porque favoreceu a instituição cumprir o seu papel, entendeu? Que é uma ligação mais direta com a sociedade, entendeu? Então, eu ach fortaleceu a identidade da instituição.</p>	<p>Celson Roberto Canto Silva - Docente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre</p>	<p>Localção: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS <i>Campus</i> Porto Alegre.</p> <p>Imagem de Celson falando.</p>

<p>O que foi alcançado nestes últimos dez anos, eu diria que é pouco ainda. É o começo, eu diria que é só o começo...</p>		<p>Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>
<p>Narração: Voz 1: Mas, vem cá? Tu não vai me dizer por que que o Parque se chama Morro do Osso? Voz 2: Ah, a história desse moro é carregada de mistérios... a começar pelo seu nome. Alguns defendem que naquele local havia um cemitério indígena. Outros afirmam que em cima do morro havia pessoas que jogavam o jogo do osso, que foi proibido durante um período, e que de lá, poderiam avistar a polícia. Mas, para saber essa e tantas outras histórias, você precisa vir conhecer o Parque!</p>		<p>Fotos do PNMO (acervo do PNMO e de Adriana Ramos); foto de um convite feito pela Prefeitura de Porto alegre para a comunidade conhecer o PNMO, e que tinha um par de ossos; fotos do jogo do osso (acervo da página do PNMO no Facebook).</p>
<p>Música: Vamos parar e pensar, vamos valorizar, mas antes disso você tem que se conscientizar... Que nós termos que cuidar da natureza, porque se não vai acabar, com certeza!</p>	<p>Rap pro bugio (Do Morro do Osso) Celson canto, Ricardo Fragoso e Rô Bjerk.</p> <p>O Morro do Osso não é o maior, o mais famoso, nem talvez o mais bonito dos morros graníticos que emolduram o horizonte de Porto Alegre, mas provavelmente é o mais sublime deles - o mais misterioso, o mais preservado, o mais preservado, o mais encantador. Eduardo Bueno, 1994.</p>	<p>Imagem de estúdio de Rô Bjerk cantando um trecho da música, junto com Celson Canto e Ricardo Fragoso.</p> <p>No canto esquerdo, abre-se um fundo preto e passa a mostrar a frase de Eduardo Bueno, de 1994. a frase termina com a imagem de um bugio "roncando" forte em cima de uma árvore.</p>

<p>Créditos Finais:</p> <p style="text-align: center;">Caminhos trilhados no contexto da Educação Profissional e Tecnológica: Memórias de práticas compartilhadas entre o IFRS Campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso EPISÓDIO 1 O PARQUE NATURAL MORRO DO OSSO: um pouco sobre a sua história</p> <p>DIREÇÃO Rosangela Leal Bjerk GÊNERO Documentário ROTEIRO Rosangela Leal Bjerk Maria Augusta Martiarena de Oliveira Liliane Madruga Prestes</p> <p>REVISÃO Maria Augusta Martiarena de Oliveira Liliane Madruga Prestes</p> <p>IMAGENS DE DRONE Mobile Drone PRODUÇÃO AUDIOVISUAL Adriana de Farias Ramos TRADUÇÃO EM LIBRAS Luciane Kaster LOCAÇÕES IFRS Campus Porto Alegre Parque Natural Morro do Osso Residência de Joyce Loss</p> <p>TRILHA SONORA</p> <p>1. Rap pro bugio (do Morro do Osso) Celson Canto; Ricardo Fragoso; Rô Bjerk (Construção coletiva com alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Monte Cristo, em 2012) Ricardo Fragoso (violões); Costa Lima (contrabaixo) Darcy Osório Fernandes (bateria) Davi "Batuka" Mesquita (percussão) Rô Bjerk e Celson Canto (interpretação) Ricardo Fragoso e Adriana Ramos (vocais)</p> <p>2. Rap pro bugio (do Morro do Osso) - versão instrumental</p>		<p>foto de fundo, esmaecida, da paisagem do alto do platô do PNMO, de Eduardo Bueno.</p>

Celson Canto; Ricardo Fragoso; Rô Bjerck

ENTREVISTADOS

Celson Roberto Canto Silva - Docente do Campus Porto Alegre

Cláudia de Britto Velho Ruchel - Gestora do PNMO desde 2019

Janaína Canto - Egressa do Curso de Condutores Ambientais

Joyce Therezinha da Silveira Loss - Comissão de Defesa do PNMO

Luis Felipe Velho - Docente do Campus Porto Alegre

Maria Carmen Sastren-Bastos - Gestora Técnica do PNMO de 2003 à 2011

Rubilar Ritta Jobim - Servidor do PNMO desde 2014

Sílvio Souto - Gestor Administrativo do PNMO de 2010 à 2020

Porto Alegre, outubro de 2024

APÊNDICE 13

ROTEIRO SIMPLIFICADO

EPISÓDIO 3- APRENDIZAGENS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA COM O PNMO

ÁUDIO	LEGENDA	VÍDEO
<p>Passos em uma trilha. Inicia a trilha sonora com um trecho da música "A tríade": De vez em quando ficam perguntando o que eu faço, De cinco da manhã até o anoitecer. Eu fico ali falando mas ou nunca os satisfaço, Difícil de explicar, é bem mais fácil responder: Ensino, pesquisa, e porque não também extensão! Ensino, pesquisa, e porque não também extensão!</p>	<p>Aparecem os logotipos do ProfEPT, do IFRS Campus Porto alegre e do Parque Natural Morro do Osso</p>	<p>Fundo preto, os logotipos aparecem com efeito "fade in", a Tradutora intérprete de LIBRAS (TILS) aparece e traduz a letra da música.</p>
<p>CAPÍTULO: A PARCERIA ENTRE O IFRS - CAMPUS PORTO ALEGRE E O PNMO</p>	<p>A Parceria entre o IFRS - Campus Porto Alegre e o PNMO</p>	<p>Foto de fundo (acervo de Yuri Ferreira Machado): fachada lateral do prédio do Campus Porto Alegre e do prédio garagem. Animação com o título do capítulo.</p>
<p>Narração: A história da instituição inicia com a fundação da Escola de Comércio de Porto Alegre, em 1909. Mais tarde, viria a ser Escola Técnica da UFRGS. Em Dezembro de 2008, se desvincula da universidade e constitui-se o Campus Porto Alegre do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. Inicia a trilha de fundo, a versão instrumental da música "O mar me chama".</p>		<p>Fotos da antiga Escola técnica da UFRGS e do atual Campus Porto Alegre. Presença da TILS, traduzindo a letra para LIBRAS.</p>
<p>Simone Caterina Kapusta: Eu ingressei num período em que ainda era possível optar em permanecer na instituição ou migrar para o Instituto Federal. E essa</p>	<p>Simone Caterina Kapusta - Docente do IFRS Campus Porto Alegre</p>	<p>Locação: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS Campus</p>

<p>decisão, ela veio muito no sentido de perspectiva de crescimento. Crescimento na diversidade de cursos, crescimento na opção, na possibilidade de cursos tecnológicos.</p> <p>Enfim, eu estou muito feliz com a escolha que eu fiz naquele período, justamente porque eu consegui acompanhar esse crescimento e também essa ampliação tanto ensino, pesquisa e extensão</p>		<p>Porto Alegre. Imagem de Simone falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>
<p>Fernanda Giordani:</p> <p>logo no início, quando a gente ficou sabendo lá no técnico que ia ter essa alteração, a gente ficou meio estranhando, sabe?</p> <p>Porque, poxa, eu entrei na escola técnica da UFRGS, eu quero diploma da UFRGS, sabe?</p> <p>Mas vendo a trajetória que o Instituto Federal desenvolveu, eu tenho o maior orgulho hoje de mostrar o meu diploma de técnico em meio ambiente pelo Instituto Federal, de tecnólogo em gestão ambiental pelo Instituto Federal.</p> <p>Porque o maior receio que a gente tinha é que era essa mudança, ela pudesse afastar, diminuir o conhecimento, entendeu?</p> <p>O reconhecimento da sociedade, digamos assim.</p> <p>Porque a UFRGS, todo mundo conhece, é conhecida no Brasil inteiro, sabe? O Instituto Federal também, como Instituto Federal. Mas e o Campus Porto Alegre, sabe? As atividades que o Campus Porto Alegre desenvolve, ela não tem a mesma abrangência que a Universidade, que a UFRGS, digamos assim. Mas vendo o caminho que o IF traçou nesse período todo, eu digo que eu tenho o maior orgulho de ter a formação pelo Instituto Federal.</p> <p>Então eu acho que foi desenvolvido um bom trabalho ali pelos professores, que na época eles tiveram que optar também por um ou pelo outro.</p> <p>E eu acho que os professores se esforçaram demais, são ótimos, eu tive ótimos professores tanto na Escola Técnica como no IFRS.</p> <p>E eu só tenho orgulho, só tenho orgulho do Instituto Federal.</p>	<p>Fernanda Giordani - Egressa do Curso Técnico em Meio Ambiente e superior em Gestão Ambiental do Campus Porto Alegre.</p> <p>Fernanda iniciou seus estudos no Curso Técnico em Monitoramento Ambiental da Escola Técnica da UFRGS.</p> <p>Passando pela transição para o Campus Porto Alegre, se formou Técnica em Meio Ambiente pelo IFRS.</p>	<p>Locação: Ambiente Meet. Imagem de Fernanda falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p> <p>Aparece nota explicativa.</p>
<p>Maria Carmem Sestren-Bastos:</p>	<p>Maria Carmem Sestren-Bastos</p>	<p>Locação: PNMO</p>

<p>Eu não sei se eu tô correta, mas eu acho que a instituição também mudou muito, não foi só a minha percepção, mas a instituição, porque a Escola Técnica era uma escola técnica. Era tipo assim, é um colégio relacionado com a UFRGS, é um colégio dentro da UFRGS. E hoje em dia, pelo que eu percebo, o Instituto Federal, ser uma instituição autônoma, fez com que o instituto crescesse muito, com a criação de cursos de tecnólogo, que também foi legislação nova, com graduações e uma potencialidade de colocar o aluno no mundo real, que é bárbaro.</p>	<p>Gestora Técnica do PNMO de 2003 à 2011</p>	<p>Imagem de Maria Carmem falando. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>
<p>Gabriela Trentini Feijó: E eu até me emociono de falar sobre, porque eu cresci muito aqui no IF, sério, foi incrível. Cada momento que eu passei aqui, até os de passar raiva, fazendo prova, entregando trabalhos em cima dos prazos, eu não mudaria nada, não faria nada diferente, sabe?</p>	<p>Gabriela Trentini Feijó - Egressa do Curso Superior em Gestão Ambiental do Campus Porto Alegre</p>	<p>Locação: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS Campus Porto Alegre. Imagem de Simone falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>
<p>CAPÍTULO: INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO</p>	<p>Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão</p>	<p>Foto de fundo (acervo de Yuri Ferreira Machado): fachada lateral do prédio do Campus Porto Alegre e do prédio garagem. Animação com o título do capítulo.</p>
<p>Luiz Felipe Velho: Eu acho que o que é interessante no Parque, de tudo que foi acontecendo, foi esse lance da alimentação de uma área em outra. A gente sempre fala dos Institutos Federais, da indissociabilidade, da interdisciplinaridade. E o Morro mostrou muito isso, ele mostrou essa questão de se ter uma unidade de conservação, mas também ter a questão do uso público. Mas também ter a questão do monitoramento</p>	<p>Luiz Felipe Velho - Docente do IFRS Campus Porto Alegre</p>	<p>Locação: PNMO Imagem de Maria Carmem falando. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>

<p>e também ter uma comunidade no entorno. Teve o projeto com a escola ali no entorno, teve a formação de condutores e isso também foi gerando pesquisa. A pesquisa também foi alimentando essas, com as suas informações, como se deveria abordar melhor com a comunidade determinados aspectos. Então, eu vejo como um grande exemplo de indissociabilidade, porque os trabalhos, eles se alimentavam. Mas eles eram um pouco de tudo. Tinha o ensino ali, tinha a extensão, tinha pesquisa, tinha um viés um pouco mais para pesquisa, mas ele não deixava de ser extensão. Então, eu acho que os trabalhos desenvolvidos ali, eles têm muito essa característica da indissociabilidade e de trabalhar em diferentes aspectos. Tanto que eu, que sou do geoprocessamento, estava trabalhando junto com o pessoal da biologia e estava trabalhando junto com outras famílias, com outras formações. Então, foi muito interessante essa experiência, por experienciar também indissociabilidade e também interdisciplinaridade.</p>		
<p>CAPÍTULO: AS APRENDIZAGENS</p>	<p>As aprendizagens</p>	<p>Foto de fundo (acervo de Yuri Ferreira Machado): fachada lateral do prédio do Campus Porto Alegre e do prédio garagem. Animação com o título do capítulo.</p>
<p>Izadora Flores Rech: E aí eu acho que principalmente a extensão, ela te dá um pouco dessa visão de lidar com pessoas, né? De conseguir manejar e gerenciar conflitos e expectativas. Isso é muito interessante. E do outro projeto, eu tive muito a parte de me desenvolver academicamente, assim, de conhecimento, né? De sentar e montar projetos de pesquisa, de ter que fazer contatos, de precisar buscar outros trabalhos, de escrever. Então, eu vejo assim que, mesmo sendo</p>	<p>Izadora Flores Rech - Egressa do Curso Superior em Gestão Ambiental do Campus Porto Alegre</p>	<p>Locação: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS Campus Porto Alegre. Imagem de Izadora falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo</p>

<p>iniciações científicas, que não eram aquelas coisas de mercado de trabalho como normalmente o pessoal busca, né? Durante a graduação, buscar estágios mesmo, eu acho que isso contribui muito pra mim.</p> <p>Eu acho assim que o meu senso crítico, que hoje ele não é aquele mesmo de dez anos atrás, mas me ampliou assim uma visão de academia, de conhecimento assim que provavelmente não teria, né, em outras oportunidades.</p>		<p>as falsas para LIBRAS.</p>
<p>Renan Floriano da Silva: Nossa, ter conhecido o Heleno, o Silvio, o Florival, o Rubilar, tinha mais outro rapaz que esqueci o nome. O Amaral, nossa Amaral! Eles me ajudaram muito a ser um bom profissional, né? Eles me ensinaram as plantas, sobre o nome das plantas, o nome popular, o que que pra cada planta servia, né? Como faz um manejo, como que é a lida de um parque, assim, né? A importância de ser um servidor público, né? Tu tá trabalhando pro público a responsabilidade.</p>	<p>Renan Floriano da Silva - Egresso do Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza do Campus Porto Alegre.</p> <p>Heleno, Sílvio, Florival, Rubilar e Amaral eram servidores do PNMO na época em que Renan realizou seu trabalho no Parque.</p>	<p>Localção: Ambiente do Meet. Imagem de Renan falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p> <p>Aparece uma nota explicativa.</p>
<p>Celson Roberto Canto Silva: Eu acho que ao longo desse tempo eu não saberia nem quantificar aqui de cabeça. Mas fora aqueles que apenas visitaram em atividades de ensino, que também deve ter um impacto, né, que aí nós estaríamos falando de centenas, né? Mas daqueles que realmente se envolveram em atividades de pesquisa e extensão, isso eu acredito que contribuiu muito com a formação deles, tanto com a formação, assim, mais ampla, que seria no sentido de perceber a importância da conservação ambiental e do uso público para isso, mas na sua formação profissional. Então contribuiu bastante para que eles compreendessem, para que eles desenvolvessem dentro de si conhecimentos que pudessem ser aplicados depois profissionalmente. Ou então se eles continuassem, se aqueles que continuaram na</p>	<p>Celson Roberto Canto Silva - Docente do IFRS Campus Porto Alegre</p>	<p>Localção: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS Campus Porto Alegre. Imagem de Celson falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>

<p>academia a contribuir com o desenvolvimento de tecnologias, com o desenvolvimento de novas pesquisas, então não foram poucos!</p> <p>Sem contar que isso também me trouxe muitas relações positivas com os parceiros que eu fiz ao longo dessa trajetória, sejam eles colegas, servidores, ex-alunos e agora colegas. Então, essas parcerias vão aumentando e com isso eu tenho mais gente com quem contar na continuidade dos trabalhos.</p> <p>Então, foi muito importante, tudo que foi feito foi muito importante para tornar sustentável a continuidade do trabalho.</p> <p>E o fato também de trabalhar com esse tema, que é o uso público, no Parque Natural Morro do Osso hoje também me abriu outras portas.</p> <p>E de conhecer outros grupos de pesquisa de outros lugares, de outros estados que estavam fazendo coisas semelhantes às que nós estávamos fazendo aqui.</p> <p>Hoje em dia a gente troca figurinhas, hoje em dia a gente se conhece, hoje em dia a gente participa de eventos, eles vêm participar de eventos aqui na nossa instituição.</p>		<p>Aparece um cartaz do Seminário de Integração de Grupos de Pesquisa, com o tem Parceria em Areas Protegidas.</p>
<p>Eloísa Solyszko Gomes:</p> <p>Foi bem interessante, porque eu tava, já desde que eu ingressei aqui no campus, eu participo, eu faço algumas formações em primeiros socorros pensando no Campus, né, nos servidores e estudantes.</p> <p>E aí, quando eu fui participar de uma formação fora, num outro contexto, pra pessoas que vão trabalhar num outro contexto, foi até desafiador.</p> <p>Eu tive que entender quais eram as situações que aquelas pessoas que estavam ali em formação poderiam enfrentar e encontrar no seu dia a dia de trabalho e pensar nessa formação contextualizada.</p> <p>Então, foi um desafio e foi muito interessante, foi muito bom.</p> <p>E lá no dia, eu me lembro que a turma era super heterogênea, com pessoas com várias formações, inclusive já com pessoas que tinham conhecimentos da área da saúde. Então, houve, foi um momento de trocas no final, não foi só uma palestra ou só uma aula expositiva, a gente conseguiu fazer um momento bem dinâmico.</p>	<p>Eloísa Solyszko Gomes - Técnica-administrativa em Educação do Campus Porto Alegre</p> <p>Eloísa é enfermeira e foi ministrante do módulo de primeiros socorros no Curso de Conductor Ambiental.</p>	<p>Localção: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS Campus Porto Alegre.</p> <p>Imagem de Eloísa falando.</p> <p>Animação com a legenda do seu nome e função.</p> <p>Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p> <p>Aparece uma nota explicativa sobre a participação de Eloísa no Curso de Conductor Ambiental.</p>

<p>Eu me lembro que foi uma manhã que chovia muito, chovia muito, chovia muito, mas a gente teve uma ótima participação e a gente conseguiu ter um momento bem dinâmico de trocas e a turma foi super participativa, então foi super interessante.</p> <p>O meu processo de construção naquele momento daquela aula me trouxe mais conhecimento ainda, porque foi esse movimento de buscar contextualizar aquela aula, que era uma coisa totalmente diferente do que eu fazia aqui.</p>		<p>Aparecem fotos de Eloísa no Curso</p>
<p>CAPÍTULO: OS FRUTOS DA PARCERIA - GAUPUC</p>	<p>Os frutos da parceria: GAUPUC</p>	<p>Foto de fundo (acervo de Yuri Ferreira Machado): fachada lateral do prédio do Campus Porto Alegre e do prédio garagem. Animação com o título do capítulo.</p>
<p>Celson Roberto Canto Silva:</p> <p>A partir disso a gente consolidou alguns grupos. Então por exemplo, por causa de toda essa trajetória, nós temos por exemplo um grupo de extensão, que no momento é de extensão, chamado Grupo de Apoio ao Uso Público e Unidade de Conservação, o GAUPUC. Creio eu que num segundo momento talvez esse grupo possa ser organizado de outra forma. Talvez sob a forma de um grupo de pesquisa, ou seja, a trajetória acaba influenciando a criação de um grupo de pesquisa. Ou seja, consolidando um grupo de pessoas preocupadas em continuar nessa área.</p>	<p>Celson Roberto Canto Silva - Docente do IFRS Campus Porto Alegre</p>	<p>Localção: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS Campus Porto Alegre.</p> <p>Imagem de Celson falando.</p> <p>Animação com a legenda do seu nome e função.</p> <p>Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p> <p>Aparece o logotipo do GAUPUC.</p>
<p>Gabriela Trentini Feijó:</p> <p>No primeiro semestre a gente acabou criando o GAUPUC, eu participei da criação do grupo. E a primeira visita de campo que a gente fez em uma unidade de conservação foi no Morro do Osso.</p>	<p>Gabriela Trentini Feijó - Egressa do Curso Superior em Gestão Ambiental do Campus Porto Alegre</p>	<p>Localção: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS Campus Porto Alegre.</p> <p>Imagem de Gabriela falando.</p> <p>Animação com a legenda do</p>

<p>A minha orientadora nunca orientou, eu fui a primeira orientanda dela na área ambiental, foi a estreia dela na área ambiental. Então eu tinha um projeto que chamou a atenção dela, para ela aceitar fazer. E ela está encantada com a questão das unidades de conservação.</p> <p>Porque eu sempre penso assim, e é uma coisa que eu acabei...que eu herdei do Instituto Federal, de ver essa questão agregadora. Que eu sempre quero levar as pessoas para trabalhar em unidades de conservação.</p> <p>Quando eu entrei no mestrado, o meu objetivo era esse. E já foram criados vários outros projetos lá, na área da cartografia para serem desenvolvidos em unidades de conservação. Então, assim, também teve outros orientandos de TCC que a minha orientadora puxou para fazer trabalhos em unidades de conservação.</p> <p>Então o que eu vejo na questão da minha formação, foi o que definiu tudo. Foi o que me deu todo o conhecimento, para ser a gestora que eu sou hoje em dia. Para eu ter entrado no mestrado.</p>		
<p>Gabriela Trentini Feijó:</p> <p>Pra mim a formação profissional contribuiu absurdamente na minha qualificação do mestrado.</p> <p>Agora eu ouvi da minha banca que o meu trabalho, que ao finalizar o meu trabalho, eu poderia me tornar talvez uma especialista em uso público e unidade de conservação do Estado, isso significa muito, acho, pra mim pelo menos.</p>	<p>Gabriela Trentini Feijó - Egressa do Curso Superior em Gestão Ambiental do Campus Porto Alegre</p>	<p>Localção: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS Campus Porto Alegre.</p> <p>Imagem de Gabriela falando.</p> <p>Animação com a legenda do seu nome e função.</p> <p>Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>
<p>CAPÍTULO: OS FRUTOS DA PARCERIA - APACA</p>	<p>Os frutos da parceria: APACA</p>	<p>Foto de fundo (acervo do PNMO): visão aérea do PNMO, com a cidade ao entorno e o lago Guaíba.</p> <p>Animação com o título do capítulo.</p>
<p>Janaína Canto:</p>	<p>Janaína Canto</p>	<p>Localção: PNMO</p>

<p>Sim, aquele curso foi maravilhoso, porque ele nos proporcionou várias coisas que eu não tinha ainda experimentado. São experiências que eu poderia ter tido em escola, primeiro grau, segundo grau na época, hoje fundamental e médio. Mas teve que ser por esse curso para eu poder ter essas experiências. O Morro do Osso apareceu no meio disso tudo, desse monte de informação, porque eu estava me alimentando muito de sustentabilidade.</p>	<p>Egressa do Curso de Formação de Condutores Ambientais (PRONATEC)</p>	<p>Imagem de Janaína falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>
<p>Rubilar Ritta Jobim: Como é que a gente começou? Após o curso de condutor ambiental, o segundo curso, no caso o meu, ela veio com essa proposta de fazer uma associação. Daí desde lá a gente começou a batalhar para fazer a associação.</p>	<p>Rubilar Ritta Jobim - Servidor do PNMO desde 2014 Condutor Ambiental</p>	<p>Locação: PNMO Imagem de Rubilar falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>
<p>Janaína Canto: O professor Celson é fundamental na história da Apaca, é o parteiro. E olha, ele foi um parto difícil. A Apaca, bom, o Instituto Federal, assim, ele é fundamental em toda essa trajetória, tanto na minha formação, tanto na capacitação e depois da nossa organização como um coletivo. Então a gente, a gente tinha essa expectativa e quando a gente viu que não tinha portas abertas ainda para a condução ambiental em Porto Alegre, aí é começar a bater na porta e tentar abrir, né? E sozinho a gente não ia fazer. Tem que se juntar, tem que se unir, né? Quase que é a mesma história do Morro do Osso, as pessoas têm que se juntar, senão não dá visibilidade, as pessoas não levam a sério, né? Eu costumo dizer, quando eu vou falar sobre a APACA pessoal, assim, não é obrigatório a gente se associar, não é obrigatório a gente se unir, só que quando a gente se unir é mais fácil as coisas, né? A gente tem apoio, a gente tem força, um apoia o outro. Então a APACA acabou surgindo nisso, assim, nessa necessidade da gente conseguir coisas.</p>	<p>Janaína Canto Egressa do Curso de Formação de Condutores Ambientais (PRONATEC) Janaína foi a idealizadora da APACA (Associação Porto-alegrense de Condutores Ambientais). Atualmente é a presidente da associação.</p>	<p>Locação: PNMO Imagem de Janaína falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS. Aparece um nota explicativa sobre a APACA Aparece um vídeo, do acervo da APACA, mostrando alguns momentos de construção da APACA</p>

<p>E então, o Instituto Federal é que nos deu todo esse apoio, nos acolheu, nos incubou. Eu acho maravilhoso essa ideia da incubadora, né? Que dá a sensação mesmo que tu tá lá dentro de uma incubadora bem quentinha, assim, crescendo, crescendo, foi fundamental aquilo ali, né? Ter sala, ter computador, ter papel, ter caneta, tudo isso é necessário para fazer, porque a gente fica só no, ah, vamos se juntar, sim, vamos nos juntar. Tá, mas e a burocracia tem, é burocracia, a gente não consegue fugir de burocracia, e o Instituto Federal pela incubadora foi essencial dar esse apoio. Então dali, do Instituto Federal, esses alunos que a gente conseguiu aí dessas três turmas, a gente assinou um termo de, é um termo, agora esqueci a palavra, mas um termo de parceria de, né? Que a gente então organizaria a APACA usando a estrutura do Instituto Federal com o auxílio dos bolsistas dessa incubadora, com o auxílio dos professores dessa incubadora para a gente então poder se fortalecer e chegar lá com embasamento para conseguir tocar todas as suas alunos que precisavam, né? Senão a gente não ia conseguir trabalhar.</p>		
<p>Celson Roberto Canto Silva: Nós estamos num momento em que o Parque pela primeira vez vai abrir um chamamento público para condutores de visitantes. Então é o ápice de uma trajetória que a gente vem buscando há 7, 8 anos.</p>	<p>Celson Roberto Canto Silva - Docente do IFRS Campus Porto Alegre.</p>	<p>Localção: Laboratório de microscopia da área de Meio Ambiente do IFRS Campus Porto Alegre. Imagem de Celson falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo as falsas para LIBRAS.</p>
<p>Janaína Canto: Ai, é muita emoção que eu estou sentindo, assim. De ver concretizar o que a gente vem pensando e almejando já a anos. Então, eu estou muito emocionada, muito feliz, estou muito satisfeita, assim, de ver... de ver acontecer o que até então era tudo ideias e pensamentos. E</p>	<p>Janaína Canto Egressa do Curso de Formação de Condutores Ambientais (PRONATEC)</p>	<p>Localção: PNMO Imagem de Janaína falando. Animação com a legenda do seu nome e função. Presença da TILS, traduzindo</p>

<p>hoje, então, com esse primeiro grupo, que é pequeno, mas é o primeiro de muitos aí. Então, o meu sentimento é de alegria, muita alegria!</p>	<p>22 de junho de 2024, primeira condução da APACA no Parque Natural Morro do Osso.</p>	<p>as falsas para LIBRAS.</p> <p>Aparece a nota explicativa com a informação da primeira condução oficial da APACA.</p>														
<p>Trilha de fundo: versão instrumental da música "O mar me chama". Créditos Finais: Caminhos trilhados no contexto da Educação Profissional e Tecnológica: Memórias de práticas compartilhadas entre o IFRS Campus Porto Alegre e o Parque Natural Morro do Osso</p> <p>EPISÓDIO 3 APRENDIZAGENS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA COM O PARQUE NATURAL MORRO DO OSSO</p> <table data-bbox="286 815 1391 1182"> <tr> <td>DIREÇÃO</td> <td>Rosangela Leal Bjerk</td> </tr> <tr> <td>GÊNERO</td> <td>Documentário</td> </tr> <tr> <td>ROTEIRO</td> <td>Rosangela Leal Bjerk Maria Augusta Martiarena de Oliveira Liliane Madruga Prestes</td> </tr> <tr> <td>REVISÃO</td> <td>Maria Augusta Martiarena de Oliveira Liliane Madruga Prestes</td> </tr> <tr> <td>TRADUÇÃO EM LIBRAS</td> <td>Luciane Kaster</td> </tr> <tr> <td>PRODUÇÃO AUDIOVISUAL</td> <td>Adriana de Farias Ramos</td> </tr> <tr> <td>LOCAÇÕES</td> <td>IFRS Campus Porto Alegre Parque Natural Morro do Osso</td> </tr> </table> <p>ENTREVISTADOS Celso Roberto Canto Silva – Docente do IFRS Campus POA Eloisa Solyszko Gomes – Técnico-administrativa em Educação do IFRS Campus POA Gabriela Trentini Feijó – Egressa do IFRS Campus POA</p>		DIREÇÃO	Rosangela Leal Bjerk	GÊNERO	Documentário	ROTEIRO	Rosangela Leal Bjerk Maria Augusta Martiarena de Oliveira Liliane Madruga Prestes	REVISÃO	Maria Augusta Martiarena de Oliveira Liliane Madruga Prestes	TRADUÇÃO EM LIBRAS	Luciane Kaster	PRODUÇÃO AUDIOVISUAL	Adriana de Farias Ramos	LOCAÇÕES	IFRS Campus Porto Alegre Parque Natural Morro do Osso	<p>Ao fundo, vídeo em câmera lenta, do caminhar na trilha do PNMO.</p>
DIREÇÃO	Rosangela Leal Bjerk															
GÊNERO	Documentário															
ROTEIRO	Rosangela Leal Bjerk Maria Augusta Martiarena de Oliveira Liliane Madruga Prestes															
REVISÃO	Maria Augusta Martiarena de Oliveira Liliane Madruga Prestes															
TRADUÇÃO EM LIBRAS	Luciane Kaster															
PRODUÇÃO AUDIOVISUAL	Adriana de Farias Ramos															
LOCAÇÕES	IFRS Campus Porto Alegre Parque Natural Morro do Osso															

Izadora Flores Rech – Egressa do IFRS Campus POA
Janaína Canto – Egressa do Curso de Formação de Condutores (PRONATEC)
Luana Daniela da Silva Peres – Egressa do IFRS Campus POA
Luiz Felipe Velho – Docente do IFRS Campus POA
Maria Carmem Sestren-Bastos – Gestora Técnica do PNMO de 2003 à 2011
Renan Floriano da Silva – Egresso do IFRS Campus POA
Rubilar Ritta Jobim – Servidor do Parque Natural Morro do Osso
Simone Caterina Kapusta – Docente do IFRS Campus POA

TRILHA SONORA

1. A Tríade (Celson Canto/Marcelo Schmitt)
2. O mar me chama - versão instrumental (Ricardo Fragoso)
Ricardo Fragoso (violões)
Miguel Tejera (baixo e percussão)
Paulinho Cardoso (Acordeon)

Porto Alegre, outubro de 2024